

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS - GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS - GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

DRYELLE PATRICIA SILVA COE SOARES

**MENSAGENS SILENCIOSAS: Gestualidade das professoras da educação infantil em
uma escola quilombola em Itapecuru- Mirim /MA.**

São Luís

2017

DRYELLE PATRICIA SILVA COE SOARES

**MENSAGENS SILENCIOSAS: Gestualidade de professores da educação infantil em
uma escola quilombola em Itapecuru-Mirim - MA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado
Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão,
para obtenção do título de Mestre em Cultura e
Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior.

São Luís

2017

DRYELLE PATRICIA SILVA COE SOARES

MENSAGENS SILENCIOSAS: gestualidade de professores da educação infantil em uma escola quilombola em Itapecuru-Mirim - MA.

Projeto de Qualificação apresentado ao Programa de Pós Graduação Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior (Orientador)

Doutor em Ciências da Educação

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dra. Thelma Helena Costa Chahini

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dra. Karla Cristina Silva e Sousa

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Patricia Silva Coe Soares, Dryelle.

MENSAGENS SILENCIOSAS: : Gestualidade de professoras da educação infantil em uma escola quilombola em Itapecuru-Mirim-MA / Dryelle Patricia Silva Coe Soares. - 2017.
133 f.

Orientador(a): Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2017.

1. Comunidade Quilombola Santa Rosa. 2. Educação Infantil. 3. Ensino - Aprendizagem. 4. Linguagem Corporal. I. Bottentuit Junior, Prof. Dr. João Batista. II. Título.

Dedico à comunidade Santa Rosa, pela hospitalidade e disponibilidade. Em especial, as professoras “filhas de Santa Rosa”, que esclareceram nossos questionamentos e contribuíram diretamente com a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Para realizar este trabalho, inicialmente precisei ter fé e orar clamando por sabedoria ao meu Deus. Ele é o regente da minha vida, minimizando as dores, desobstruindo caminhos e colocando anjos em forma humana para me auxiliarem na construção deste trabalho. Assim, agradeço ao meu Deus e aos espíritos de luz pela minha saúde e disposição para seguir.

Em seguida, agradeço ao meu pai Raimundo Carlos Pereira Silva, homem forte. Ele ensinou-me a não ter medo do tempo nebuloso e dos seres perversos que poderiam existir no meu percurso. Obrigada meu pai por todas as suas orientações, pelas palavras doces que sempre acalmaram o meu coração e trouxeram a felicidade nos momentos turbulentos. Venho demonstrar a minha gratidão a minha mãe Rosana Dorotea Silva e Silva, mulher dedicada e guerreira. Ela, com as suas sábias orientações, mostrou-me a verdadeira maneira de seguir pela estrada da vida, com a cabeça erguida e o sorriso no rosto, mesmo sentindo dor e tristeza. Agradeço-te mãe, pelo seu amor, dedicação e pela sua presença em minhas conquistas. A senhora simboliza o real sentido da maternidade.

O ato de agradecer desata as amarras que podem existir na nossa alma. Assim, continuo agradecendo e lembro neste momento dos meus irmãos: Danyllo Carlos Silva e Silva e Josilene Silva dos Santos. Eles torcem pelas minhas vitórias e estão ao meu lado para estenderem suas mãos e pronunciar palavras confortantes. Sou imensamente grata aos dois.

Meus agradecimentos ao meu marido Leonardo de Matos Coe Soares, que compartilhou ideias, sempre disposto a ajudar na construção e organização do trabalho. E também pelas suas palavras de tranquilidade, acalmando os meus sentidos quando estavam aflitos e massageando a minha mente em momentos de insegurança. Obrigada pela sua paciência, carinho e colaboração.

Na minha trajetória e história para composição desse trabalho agradeço as orientações e suaves cobranças do meu orientador João Bottentuit Junior que com sua simplicidade mostrou-se desnudo de preconceitos. Está na memória a carta que realizei solicitando a sua orientação, e escutei um Sim. Essa pequena palavra confortou o meu coração, pois vozes negativas eu escutei, olhares torturadores eu recebi e na pele senti a dor de talvez não conseguir concluir o trabalho. Obrigada pelas suas orientações!

Na academia muitas pessoas surgem com pensamentos, sugestões e informações que podem auxiliar. Assim, nos meus agradecimentos não posso esquecer da minha amiga Ana e do meu amigo Ernani, que emprestaram livros e apontaram sugestões para compor o

meu trabalho. Obrigada meus amigos por vocês fazerem parte da minha trajetória acadêmica e integrar a minha história.

Também venho expor os meus agradecimentos a bibliotecária Ester que se tornou a estrela guia, pois ajudou-me emprestando vários livros sem data de entrega e mostrando a sua força por meio das palavras e abraços. Obrigada Ester pela sua confiança e por ser uma grande amiga.

Agora agradeço a minha madrinha Maria Da Guia, por ter apresentado a líder da comunidade Quilombola Santa Rosa, Hellen Jaqueline Pires Belfort, que atualmente é uma grande amiga e parceira em minhas pesquisas na comunidade. Sou grata à comunidade pela autorização concedida e pelo acolhimento. Digo que, as experiências vividas e as histórias do grupo estão presentes em minha memória. Olhei lutas, perdas e vitórias. Aprendi na comunidade a valorizar a terra, a história dos antepassados, ensinaram-me a escutar os mais velhos e aqueles que curam, pois dessa maneira aprendemos mais sobre a vida e não somos massacrados pelas doenças do espírito. Agradeço as professoras quilombolas, elas estavam dispostas a colaborarem com todos os questionamentos e não se incomodaram com a minha presença na comunidade e na sala de aula. Obrigada! Aprendi com vocês, mulheres fortes e grandes educadoras.

Declaro a minha gratidão e o meu amor à comunidade Quilombola Santa Rosa dos Pretos. Essa comunidade recebeu a minha proposta de pesquisa com toda satisfação e afeto. Adúpé! Sou uma pessoa melhor, pois conheci Santa Rosa.

À CAPES, agradeço pela bolsa disponibilizada, pois a mesma auxiliou na construção da pesquisa.

Há! Quando eu era pequenina. Aê!
Que eu não sabia falar. Aê!
Foi minha mãe que me ensinou. Aê!
Eu pegar caixa pra tocar. Aê!
(Comunidade Santa Rosa música das caixeiras / Festa
do Divino Espírito Santo)
Olorum Ekê

Solano Trindade

RESUMO

O homem é um ser social, biológico, psíquico, cultural e histórico. Ou seja, apenas um organismo é constituído por complexos diferentes. E para desenvolver-se e ser cidadão em algumas sociedades, a educação formal torna-se o fundamento para manutenção ou fortalecimento do sistema. Assim, no âmbito da educação formal, estudaremos a educação infantil, porque é nesse período em que as crianças de zero a cinco anos absorvem através dos gestos, palavras, pelos toques, olhares e sensações e podem construir a sua identidade, atribuindo significado nas relações e nos elementos que as cercam. Também é na infância que os valores e conceitos sobre a vida começam a ser organizados. Faz-se indispensável observar as práticas das professoras que lecionam na primeira etapa da educação básica, pois o seu posicionamento e os seus conhecimentos sobre o desenvolvimento do ser nessa fase será traduzido na relação professor e aluno (adulto e criança). Na pesquisa, investigamos as percepções das professoras sobre a linguagem corporal, visto que através dos movimentos corporais há comunicação e o corpo torna-se o centro da linguagem, ele é vivo. Este trabalho analisou: Quais as percepções das docentes da educação infantil da U.E.B. Quilombola Elvira Pires em relação à influência e/ou interferência das expressões corporais no processo de ensino-aprendizagem de crianças pequenas. A escola está inserida nas terras do quilombo Santa Rosa, localizado no município de Itapecuru – Mirim/MA. E desenvolvemos a temática da linguagem corporal na educação infantil nessa escola quilombola, porque as professoras, além de serem quilombolas, lutam e almejam uma educação de qualidade para as crianças da comunidade. Nesse trabalho, o estudo de caso, transformou-se no caminho a ser percorrido e os instrumentos foram: a entrevista e a observação das aulas (com roteiro). Assim, investigamos as percepções das professoras quilombolas sobre a gestualidade e a expressão corporal em suas práticas pedagógicas na Educação Infantil, realizamos fichamentos (pesquisa bibliográfica), estudamos o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação das terras (verificação do documento) e desenvolvemos as ideias que envolvem as relações étnicas e raciais, as diretrizes da educação quilombola, os referenciais curriculares da educação infantil e visões de autores, pesquisadores que empenham-se no estudo da linguagem corporal, destacando a educação. E considerando os resultados da pesquisa, observamos que a linguagem corporal é presente nas atividades culturais da comunidade, obtendo o seu valor no grupo. Também participamos das aulas e verificamos que os alunos refazem os comportamentos das suas educadoras, ou seja, as crianças observam, relatam e expressam as ações das suas professoras conforme o seu imaginário.

Palavras-chave: Linguagem corporal. Ensino-aprendizagem. Educação infantil. Comunidade quilombola Santa Rosa

ABSTRACT

The mankind is a social, biological, psychological, cultural and historical being. In other words, just an organism is constituted by different complexes. And to grow itself up and be a citizen In some societies, the formal education becomes basis for system fortifying or maintenance. Thus, in the ambit of formal education, We'll study the child education, because is on this period children between zero and five years absorbs throught gestures, words, for touches, views and sensations, and therefore They build their identity, attributing significance on the relations and elements around them. Also is during the childhood that values and concepts about life starts to be organized. Does itself needful to observe practices of teaches which educates on first stage of basic education, seeing that their positioning and knowledges about the being development, in this stage, will be translated on the relation between teacher and student (adult and child). During the research, was investigated the teacher's perceptions about the corporal language, seeing that through the corporal movements has communication and the body becomes itself as the language center, it is alive. This work analysed: What are the perception of child education teachers at U.E.B Quilombola Elvira Pires related to the influence or interference of young children? The school is inserted at Quilombo Santa Rosa's domain, localized in Itapecury Mirim city (MA state). And We developed the corporal language theme on child education within this quilombola school because the teachers, further off being quilombolas, fight for and prospect one quality education for the children from community. In this work, the study case transformed itself in the path to be coursed and the instruments was: interview and observation of classes (with script). Therefore, We investigate the perceptions of quilombola teachers about gestuality and corporal expression in their pedagogical practices at Children Education, accomplish book reports (bibliographic research), study the Delimitation and Identification Technical Report of the lands (document verification) and We develops ideas envolving racial and ethical relations, the guidelines of quilombola education, curricular referencials of child education, and views of authors and researches that contributes to corporal language study, highlighting the education. Considering the research results, We observes the corporal language is present in cultural activities of community, getting its value as a group. We also participated of classes and was verified that the students rebuilds their teachers behaviors, in other words, They observes, relates, and express actions of their teachers according their imaginary.

Keywords: Corporal language. Teaching and Learning. Child Education. Sata Rosa's quilombola community.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	As crianças participando do Tambor de Crioula na comunidade Santa Rosa.....	13
Figura 2	Caixeiras dançando e cantando na festa do Divino Espírito Santo em Santa Rosa.....	39
Figura 3	Apresentação do tambor de crioula da comunidade Santa Rosa no X encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros (2010)	43
Figura 4	Festa do Divino Espírito Santo (quilombo Santa Rosa)	44
Figura 5	Escola Mamãe Olivia (local onde funcionava a antiga creche da comunidade).....	65
Figura 6	Unidade Integrada Barão de Santa Rosa (o antigo prédio).....	66
Figura 7	Unidade de Educação Básica Quilombola Elvira Pires (prédio atual).....	66
Figura 8	Obra “ <i>Sisters</i> ”	72
Figura 9	Sala de aula (U.E.B. Escola quilombola Elvira Pires)	73
Figura 10	Sala de aula (U.E.B. Quilombola Elvira Pires).....	74

LISTA DE QUADROS

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	A entrevista: as perguntas e seus respectivos objetivos.....	70
Quadro 2	A rotina das aulas na Educação Infantil.....	95
Quadro 3	As atividades realizadas na Educação Infantil.....	96
Quadro 4	Atividades executadas conforme o período (turmas da educação infantil) ..	99
Quadro 5	A postura das professoras na execução das atividades	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CONAE** - Conferência Nacional de Educação
- EJA** - Educação de Jovens e Adultos
- INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- RECNEI** - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
- RTID** - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
- UEB** - Unidade de Educação Básica
- UFMA** - Universidade Federal do Maranhão
- UI** - Unidade Integrada

SUMÁRIO

OS PRIMEIROS SONS DO CORPO	17
1 INTRODUÇÃO	17
2 SEGUINDO OS ANÚNCIOS DO CORPO	25
2.1 O CORPO COMUNICA: PARA ALÉM DAS PALAVRAS	25
2.2 MERLEAU-PONTY: O CORPO VIVO	27
2.3 O DEDÃO DO PROFESSOR: OS GESTOS COMO EXPRESSÃO	31
2.4 CORPOREIDADE E IDENTIDADE: O CORPO DAS PROFESSORAS - FILHAS DE SANTA ROSA	37
3 O CORPO ENSINA: GESTUALIDADE NA EDUCAÇÃO	42
3.1 O CORPO QUE ENSINA NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SANTA ROSA.....	43
3.2 OS GESTOS SEGUEM AS DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	50
3.3 A LEI E O CORPO: EDUCAÇÃO QUILOMBOLA.....	57
4 OS PASSOS MARCADOS PELO MÉTODO	62
4.1 DESCOBRINDO OS PASSOS DA PESQUISA	63
4.2 CONHECENDO A COMUNIDADE E A ESCOLA PESQUISADA: ESSA É SANTA ROSA.....	64
4.3 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	70
4.4 A CHAVE É O MÉTODO: INSTRUMENTOS TRABALHADOS.....	71
4.5 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	74
5 UM OLHAR SOBRE OS RESULTADOS	75
5.1 CONSTRUINDO LAÇOS: INTERAÇÃO CORPORAL ENTRE O ALUNO E AS PROFESSORAS.....	76
5.2 A LINGUAGEM CORPORAL E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: AS AÇÕES DAS PROFESSORAS	96
6 CONSIDERAÇÕES: AS NARRAÇÕES CORPORAIS NA EDUCAÇÃO	111
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	122
ANEXO	129

OS PRIMEIROS SONS DO CORPO

1. INTRODUÇÃO

Os olhos, arregalados, observam de baixo para cima, a cabeça está levemente inclinada e os lábios contraídos. Um segundo é o tempo necessário para que o efeito entre em ação. Nosso coração se comove. Nossa boca esboça um sorriso. Os lábios da criança se descontraem e sorriem, os olhos brilham. Está em curso uma comunicação sem palavras. Sentimentos e necessidades são transmitidos dessa maneira. Quem não conhece essa situação? (MOLCHO, 2007, p.9).

Conforme o desenvolvimento psicológico, social, histórico e cognitivo dos indivíduos, a linguagem do seu corpo sofre constantes mutações, pois perante as práticas adquiridas, o corpo expressa o “[...] mais belo traço da memória da vida” (SANT’ANNA, 2006, p.3). Sendo possível, em seu próprio mundo, ser relator das experiências dos sujeitos. Assim, além de biológico o corpo é cultural.

De acordo com Molcho (2007), nosso mundo sensorial é absorvido e compõe a linguagem corporal. Ele narra os sentidos, o corpo narra através das suas expressões: os “[...] sentidos dos gestos podem tornar possível uma narrativa histórica do corpo” (VAZ, 2006, p.58). O corpo das experiências na concepção de Walter Benjamin (2006) e ele como “próprio”, na visão de Merleau Ponty (2006).

Guiraud (1991) descreve o corpo como aquele que nos informa sobre a identidade e personalidade da pessoa, evidenciando a linguagem corporal em duas funções: a descritora (descreve as características dos objetos) e a ação de exprimir (sentimentos de indiferença, amor e ódio, alegria e tristeza e outros). Mas para haver a comunicação e a constituição de um contexto, ideias e propósitos, a linguagem corporal necessita da relação entre os sujeitos, o emissor e o receptor, no caso deste estudo é o professor e o aluno e suas interações no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.

Assim, pelo entrelaçamento das relações, os sentidos e sensações podem ser visíveis no ambiente. Como diz Merleau-Ponty (2006, p.291) “[...] pela sensação, eu apreendo, à margem de minha vida pessoal, [...] a vida de meus olhos, de minhas mãos, de meus ouvidos, que são tantos eus naturais”. Desta maneira, a educação infantil possivelmente se configura em práticas que desencadeiam diversas sensações nas crianças, visto que, nesse

nível o ambiente deve ser prazeroso, com atividades que conduzam o aluno a construir, montar, se movimentar e sentir o processo para aprender. Desta maneira, os olhos, os ouvidos, as expressões faciais, o movimento dos membros e as ações corporais dos educadores infantis podem auxiliar na organização corporal e subjetiva dos alunos.

Na visão de Guiraud (1991, p.7) “[...] imaginamos o mundo segundo o modelo de nosso corpo, e assim formamos um conjunto de conceitos e de palavras a partir das imagens corporais”. A criança absorve os conceitos, símbolos, imagens, gestos e ações, e em algum momento conscientemente ou não ela demonstra o que aprendeu de suas interações. Como explicita Cademartori (2006) quando afirma o homem construtor do seu ambiente e na proporção que ele se comunica com o meio formando conceitos há o seu desenvolvimento, por isso, a infância é o momento substancial para constituição do ser.

Conforme relata Soares (2006, p.109) múltiplas são as faces do corpo; ele é “[...] a inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence”, a criança desde seu nascimento recebe, através das suas percepções sensoriais, informações que no decorrer da sua interação com os grupos sociais (a família, as pessoas da comunidade, a escola e outros) selecionam e absorvem para sua vida ações, gestos e códigos.

Nesse contexto, o corpo do professor no ambiente escolar, mesmo manipulado pelas regras escolares e do grupo social que está inserido, é desafiado no cenário corporal a ausentar-se de suas didáticas práticas repressivas, punitivas e ações reducionistas do corpo, pois assim, as inibições privam os anseios pela busca do conhecimento, paralisam o desenvolvimento da afetividade e transformam seres, que porventura seriam capazes de mudar a sua realidade social através dos conhecimentos e criatividade, em meras máquinas; trazendo as concepções tradicionais em sua prática pedagógica, baseando-as na reprodução, cópia e limitação cognitiva uma vez que os corpos dos seres estão em constante diálogo com os outros corpos, com a natureza, com o espaço circundante expondo “[...] códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades” (SOARES, 2006, p.109).

Soares (2006, p.110) pondera que “[...] os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos”. A instituição escolar é um exemplo de ambiente definido, que obtém espaços delimitados, não somente fisicamente, mas pelas relações pessoais proporcionadas neles. E para esta pesquisa, o espaço da sala de aula foi considerado, pois nesse ambiente os corpos revelam as várias educações e com elas todos os seus possíveis instrumentos.

Na cultura escolar existem regras e normas, disciplinando o corpo e transmitindo ideologias para cumprir com os objetivos do processo formativo. Assim, ao “[...] analisar as práticas corporais na escola, percebemos um constante esforço de negação do corpo” (OLIVEIRA, 2006, p. 57), seja de professores, supervisores, diretores, enfim, todos aqueles atores, que na prática podem ser os controladores do sistema escolar. Nesse âmbito, almejamos através das análises, observamos as perspectivas educacionais quilombolas, e as concepções corporais que os professores da segunda infância¹ têm diante dos seus alunos.

Conjuntamente, há possíveis reforços e estímulos transmitidos pelo corpo do professor em sala de aula, narrando afetividades ou desafetos, demonstrando concepções ideológicas movidas pela autoridade ou liberdade. Nesse sentido, o professor da educação infantil é o ser de referência das crianças.

O professor é imitado, recebe afetividade ou não (depende da relação interativa), pode ser considerado como pessoa da família, é escutado por todos e executa papéis que vão além do ato de ensinar um conteúdo, ou seja, são vários atores em um corpo. Contudo, as crianças adquirem sentidos e experiências (consciente ou inconscientemente) elas são reproduzidas e apresentadas para outros demonstrando a maneira que o docente transmitiu a sua mensagem corporal e qual a postura do educador assimilada pelos meninos e meninas que estão nesse nível.

De fato, “[...] para todo indivíduo, o espaço fundamental é o do próprio corpo, objeto de uma dupla série de contatos” (GUIRAUD, 1991, p.76), assim na relação professor e aluno, ele transcende a perspectiva de ferramenta, suporte ou recurso da linguagem, sendo o próprio espaço da linguagem, com “[...] contatos de proteção e de conservação e contatos de agressão, vista a eliminar uma competição ou perigo” (GUIRAUD, 1991, p.76-77) que podem nortear as relações.

No que tange à educação, talvez seja desafiador para alguns educadores destituir na sua prática a ação de disciplinar e punir o corpo, obtendo em suas concepções que o silêncio e a manipulação dele, poderão conduzir os alunos para aquisição do conteúdo com facilidade. Porém, as expressões e as experiências absorvidas pelo corpo do aluno poderão colaborar para desencadear diferentes percursos no processo de ensino e aprendizagem.

Mesmo discorrendo sobre o processo de ensino e aprendizagem e citando sobre a

¹ É a etapa da vida da criança que inicia aos três anos de idade e termina aos 6 anos de idade.

importância da linguagem corporal dos sujeitos, o eixo do estudo é a gestualidade do professor, e assim, optamos em observar e participar do ambiente escolar do educador quilombola. Esse professor que através das suas ações demonstra a preocupação em atrelar a “educação formal”² com história, cultura e costumes da sua comunidade, como prática de afirmação e disseminação da cultura da terra. Assim, a pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Santa Rosa, na escola Unidade de Educação Básica Quilombola Elvira Pires, obtendo como participantes as cinco professoras quilombolas que ensinam na educação infantil.

Especificamente, remete -se as gestualidades dos corpos das professoras quilombolas. Aquelas que transmitem através deles a linguagem da sua comunidade, pois ela, a comunidade, é coautora na construção histórica, cultural e psicológica do ser. A proposta não é demarcar o corpo na história, mas a sua importância na educação de crianças de 3 a 5 anos de idade (segunda infância).

Alguns **motivos** impulsionam o estudo, primeiramente, a pesquisa, realizada na comunidade quilombola Santa Rosa porque nesse espaço, após o consentimento da comunidade, foram desenvolvidos, anteriormente, trabalhos focando a educação formal e o ensino das Artes visuais, pois devido as minhas formações em: Pedagogia e Artes visuais consegui pesquisar outras situações, participar de festividades, interagir com a comunidade e perceber o trabalho das professoras quilombolas. Considerando que, desenvolvo trabalhos e pesquisas na comunidade há oito anos.

Destacando em suas práticas (observado em trabalhos anteriores) a afetividade no processo de ensino e aprendizagem, a atenção e o cuidado com os alunos eram evidentes (mesmo em salas superlotadas) e a postura ao ensinar os conteúdos formais que estavam interligados aos recursos naturais e culturais da comunidade.

Mas, para o processo ser conduzido dessa maneira, as professoras se dispuseram a conhecer os seus alunos e reconhecer o que eles devem aprender. Como elas são “filhas de Santa Rosa” (mulheres que nasceram, viveram e buscaram formações acadêmicas para ensinar em seu grupo), compreendem as brincadeiras e as posturas das crianças da comunidade e os anseios do seu grupo.

Através das pesquisas monográficas elaboradas, visualizamos e acompanhamos algumas conquistas no âmbito educacional, como: o empenho da comunidade, representados

² Quando Brandão (2007) utiliza a expressão “educação formal”, ele está discorrendo sobre o ensino formal, aquele alicerçado nos métodos, exercícios e regras do sistema escolar. Assim, o ambiente importante para essa educação é a escola e os sujeitos do processo são os alunos e os professores. Essa organização prima o ensino e a aprendizagem dos conhecimentos científicos, baseados no currículo.

pela liderança, almejando o ensino e a escola de qualidade; a inauguração da escola U.E.B. Quilombola Elvira Pires; e o desempenho das pessoas de Santa Rosa em exigir, diante da prefeitura, a permanência das professoras quilombolas nas salas de aula da educação infantil.

Através dos estudos obtidos no âmbito educacional, observamos a possibilidade de continuar pesquisando a educação infantil da comunidade Santa Rosa e apresentando, para outros professores, pesquisadores e estudiosos da educação, as práticas, motivações e posturas dessas educadoras.

O segundo capítulo descreve a gestualidade das professoras quilombolas na educação infantil. Consideramos o corpo como o centro da linguagem, essa linguagem sentida e observada pelos outros por meio das suas expressões, sendo que “[...] é importante entender o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias” (FRAGA, 2006, p. 93) que estão presentes “[...] em determinadas épocas e lugares: marcado muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural” (FRAGA, 2006, p. 93).

É essa a concepção de corpo que foi presenciada na comunidade em várias situações: nas manifestações religiosas, nas festividades, no cotidiano das pessoas, na contação das histórias memoriais dos mais antigos ou experientes de Santa Rosa e o próprio cotidiano das pessoas relatam expressões e anunciam as suas necessidades. E esse corpo cultural é visível na sala de aula através das professoras que são envolvidas com a cultura do seu grupo.

A pesquisa retrata as *performances* dessas professoras na sua ação, com intuito de apresentar para Santa Rosa, (o retorno da pesquisa para comunidade) o olhar de outros, mediante a educação oferecida focando a corporeidade e apresentando aos demais interessados que o corpo do professor também educa através das suas expressões, permanecendo vivaz no processo de ensino e aprendizagem.

E em terceira instância, a escolha da educação infantil para esta pesquisa se deu porque, além das professoras quilombolas desenvolverem as suas práticas nesse nível, destacamos a expressividade das crianças de 3 a 5 anos (segunda infância), que se mostra latente nessa fase. Essas crianças estão, em sua maioria, motivadas a realizarem trabalhos manuais, a participar de brincadeiras e danças, a cantar e contar histórias através das suas expressões corporais e orais. Elas exploram o ambiente que estão, muitas vezes, sem medo das restrições, pois as regras são aprendidas e os corpos organizados para absorverem as sensações ou não (dependendo da prática pedagógica das professoras).

Por meio das relações corporais, as crianças podem interpretar os símbolos e constituir uma imagem. O imaginário infantil é repleto de sentimentos e expressões que são

transparecidos pelos movimentos corporais e, mesmo obtendo o domínio da fala, as expressões corporais estão presentes. Isso ocorre porque “[...] o gesto contém forças reveladoras de um poder de persuasão impossível para a palavra,” (SOARES, 2006, p. 111). Pois os sentidos repercutem nas interações corporais, estabelecendo um jogo comunicativo entre os sujeitos.

O corpo assume várias funções na vida do ser humano e nele estão contidos: história, identidade, afetividade, marcas da sociedade. Com isso, podemos dizer que ele pode manifestar através dos gestos vários símbolos interligados ao amor, ao respeito, aos valores culturais de um grupo, à coletividade, aos rituais religiosos, à dominação e outros. Assim, a linguagem corporal observada e valorizada na educação possibilitam a constituição do ser social, pois por meio dela várias informações podem ser expostas. É indissociável o corpo da educação na edificação da aprendizagem significativa para as crianças.

O **problema** surgiu com a preocupação em pesquisar a gestualidade das professoras quilombolas, posto isso, questionamos: *Quais as percepções das docentes da Educação Infantil da U.E.B. Quilombola Elvira Pires sobre as expressões corporais no processo de ensino e aprendizagem de crianças pequenas?* Essa problemática proporciona indagações como: será que as professoras reconhecem a importância da expressão corporal dos seus alunos? E conseguem analisar a sua postura, os seus gestos, a linguagem do seu corpo na sala de aula? Verificamos que na educação infantil existem momentos na rotina em que são desenvolvidas atividades para trabalhar as expressões corporais. Assim, quais as metodologias utilizadas por elas para exercer tais ações? Será que elas refletem sobre a desenvoltura do seu corpo em sala de aula? E as influências dele no processo de ensino e aprendizagem?

Assim o **objetivo geral** da pesquisa foi *investigar as percepções das professoras quilombolas sobre as expressões corporais em suas práticas pedagógicas na Educação Infantil*. Os **objetivos específicos** foram: investigar as percepções das professoras sobre a temática: a percepção corporal na educação e sua importância no processo de ensino e aprendizagem; observar a gestualidade na prática das professoras da escola em questão; e descrever as ações das professoras no processo de ensino e aprendizagem.

Para alcançar os objetivos expostos, realizamos o estudo de caso, “[...] que visa essencialmente a compreensão do comportamento de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos ou de uma instituição” (SOUSA, 2009, p.137) que são observados em seu ambiente. Especificamente o trabalho tem como participantes as cinco professoras quilombolas que lecionam na educação infantil, foram utilizados como instrumentos

observações e entrevistas, possibilitando acumular dados qualitativos e descrevê-los demonstrando os resultados.

O trabalho está **organizado** em: introdução e mais outras quatro seções, seguido pelas considerações finais e referências. Assim, serão descritas as seções com seus respectivos títulos e itens.

Após a introdução, segue-se dialogando sobre o corpo, apresentando reflexões e concepções que nortearam a pesquisa. Na seção I, intitulado “**Seguindo os anúncios do corpo**”, são abordados no item: *O corpo comunica: para além das palavras*, argumentos que expõem a relevância da comunicação corporal, enfatizando a sua importância nas relações sociais, trazendo considerações sobre o “corpo vivo”, essa ideia é fundamental para a pesquisa desenvolvida por Merleau – Ponty (2006), colocando o corpo como o centro das informações, frisando-o como a própria linguagem; por isso usamos a expressão “além das palavras”, pois ele não é suporte ou complemento para linguagem oral, mas a linguagem viva.

Para contrapor as concepções de Merleau – Ponty, cita-se Michael Foucault, ao relatar o corpo como subalterno às regras e leis sociais; aquele que transparece as instruções, sendo suporte de veiculação da cultura, o corpo disciplinado, pois assim, este ainda é sentido e observado na sala de aula por alguns professores.

Contudo, amplia-se a discussão retratando no item *Merleau – Ponty: o corpo vivo*, concepções de outros autores que demonstram a relevância da percepção dos sentidos e a sutileza dos gestos na composição da comunicação. Continua-se então, evidenciando no ponto, *O dedão do professor: os gestos como expressão*, a essência do corpo e suas expressões na educação infantil, retratando o professor como um dos principais autores na construção da subjetividade de seus alunos. Em seguida, aborda-se *a Corporeidade e identidade: o corpo das professoras – filhas de Santa Rosa*, a ideia do corpo como salvaguarda da história, cultura e costumes. Relatando que, mesmo com as opressões concebidas pela escravidão no Brasil o corpo do negro africano proferiu os suspiros de liberdade e para perpetuar a identidade do seu grupo dançavam, cantavam e construíram os seus espaços, os quilombos. Na comunidade quilombola Santa Rosa, as professoras da educação infantil, são mulheres que apreciam a sua terra e valorizaram a educação, assim, elas direcionam-se para sua comunidade com o intuito de colaborar com o ensino formal e interligar os conteúdos com os aspectos históricos, culturais e sociais da comunidade.

Na seção II, **O corpo ensina: gestualidade na educação**, são explícitos argumentos que permeiam as questões educacionais, pondo em vista a proeminência do corpo no processo de ensino e aprendizagem. Dialogaremos com alguns pesquisadores que estudam

sobre a temática cultural na sociedade, como: Terry Eagleton, Carvalho e outros e ampliaremos as ideias culturais para desenvolver a Linguagem corporal nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação infantil e Quilombola. Por isso, são apresentados como itens: *O corpo que ensina: as manifestações culturais de Santa Rosa*, destacamos as principais manifestações culturais da comunidade, enfatizando assim a educação alicerçada nos costumes da terra e da história dos seus antepassados expressadas através do corpo; em *Os gestos seguem as diretrizes da Educação Infantil*, empregamos as diretrizes direcionadas a educação infantil, registrando os aspectos que cingem a expressão corporal da criança para o seu desenvolvimento; em seguida *A lei e o corpo: Educação quilombola*, mostra as diretrizes educacionais quilombolas, a lei nº. 10.639/2003 (a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira) e as concepções que circundam as relações étnicas e raciais no ambiente escolar refletindo sobre o corpo do professor, nesse contexto.

A seção III aborda “Os passos marcados pelo método” onde descrevemos os procedimentos adotados, a comunidade e a escola pesquisada, apresentaremos os participantes, os instrumentos trabalhados e a técnica utilizada para analisar os dados. É caracterizado também o trajeto da pesquisa.

No que tange a seção IV, Um olhar sobre os resultados, apresentamos as entrevistas e as observações sobre as percepções das professoras em relação a linguagem corporal. Assim, trabalhamos os itens: *Construindo laços: Interação corporal entre o aluno e as professoras*, momento que descreveremos as visões das professoras sobre a temática, através das entrevistas; no ponto *A linguagem corporal e a educação quilombola: as ações das professoras* serão relatadas as observações e nelas mostramos: as atividades, práticas e ações desenvolvidas pelas docentes em sala de aula.

Finalmente, em *Considerações: As narrações Corporais na Educação* mostram-se alicerçadas nas indagações sobre a investigação, os desafios, conclusões e retomadas necessárias para visualização de possíveis estudos no futuro.

Dessa maneira, a presente pesquisa destaca a linguagem corporal na infância em uma comunidade quilombola, especificamente dialogando com professoras quilombolas, que almejam o ensino de qualidade para as crianças do grupo, possibilitando a eles um futuro repleto de oportunidades.

2 SEGUINDO OS ANÚNCIOS DO CORPO

Palavras de Miriam Alves:
 Carregadores
 Carregamos nos ombros
 Feito fardos
 A luta, a dor dum passado
 Carregamos nos ombros
 Feito fardo
 A vergonha que não é nossa
 Carregamos nos ombros
 Feito carga
 O ferro da marca do feitor
 Carregamos na mão
 Feito lança
 As esperanças
 O que virá. (ALVES, 1985, p.30)

Os negros africanos foram retirados impetuosamente de seus lares para viverem amargurados, presos, carregando fardos e sendo ferroados como animais. Objetos não foram trazidos; apenas lembranças em seus corpos; a vivência de sua terra, a memória, jamais esquecida. Suas figuras marcadas pela tradição, ancestralidade, informações indenitárias e símbolos de pertencimento. Assim, a reflexão percorre além das palavras, visto que, o corpo anunciará as experiências do homem.

Nessa seção, apresentamos algumas reflexões sobre a linguagem corporal. Destacamos a importância do corpo nas relações sociais, trazendo as visões de Merleau – Ponty (2006). Desenvolvemos algumas concepções na educação infantil enfatizando a figura do professor como um dos principais autores na construção da subjetividade dos seus alunos.

2.1 O CORPO COMUNICA: PARA ALÉM DAS PALAVRAS

Neste capítulo, realizamos uma reflexão sobre a linguagem corporal destacando-o como construtor das relações existentes entre os povos e culturas. Desta forma, o analisaremos como sendo “[...] um espaço socialmente informado, que assume repertórios de movimentos e se define como um lugar de produção de conhecimentos” (SABINO; LODY, 2011, p. 16). Neste viés, é apresentado o ponto de vista fenomenológico de Maurice Merleau – Ponty (2006) e suas contribuições para o estudo do corpo. Aquele que, traz consigo a subjetividade, as experiências que nos enredam como seres históricos e culturais. E realizando o contraponto com as concepções filosóficas do corpo em Michael Foucault.

Também são observadas a percepção e expressão corporal na concepção de

Zumthor (2007, p.23), considerando a ideia do corpo como sendo uma:

[...] realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor repara o pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro.

O ser humano edifica a sua história, ele é o protagonista, autor e produtor do seu espetáculo. Conforme Zumthor (2007), “o mundo deixa marcas” no corpo e por meio delas o indivíduo tece suas experiências, que transparecem em seus costumes, identidades e todas as possíveis significações. No contexto das vivências, o corpo não emite uma linguagem como sendo um simples suporte, mas é a própria identidade.

No âmbito da linguagem os gestos estão visíveis no corpo. São eles que auxiliam na transmissão do texto contido nele, revelando o corpo livre da palavra: propagador da sua comunicação, o transmissor de vibrações e energias. Mesmo supostamente estático ou em silêncio, a voz ecoa e demonstra a sua essência, suas dores e afetos no seio da sociedade.

No estudo dos gestos, Jean Galard (1997) a relação dos gestos na construção das relações entre o homem e seu meio e o homem com o outro. Verificando- o como aquele que “[...] se revela, mesmo que sua intenção seja prática, interessada” (GALARD, 1997, p.27). Serão abordados os gestos como sendo “[...] essenciais, nítidos e positivos” (CASCUDO, 2003, p.19) aconselhando que (usando as palavras de Leonardo da Vinci) “[...] a palavra muda. O gesto não” (CASCUDO, 2003, p.27). Eles ficam gravados no corpo e transparecem estando submetidos a julgamentos, repetições ou são absorvidos por outros corpos.

Entre os autores enunciados no decorrer da escrita, serão referenciados outros que desenvolvem a temática do corpo vivo, afirmando a importância da figura, dos gestos, das expressões corporais em um grupo, mais especificamente em uma comunidade quilombola, desenvolvendo a ideia de corpo e identidade no ambiente educacional.

A questão da corporeidade e identidade é analisada na esfera educacional, destacando a performance do professor quilombola, detentor em seu corpo, das marcas históricas e culturais de seus ancestrais. Salientando que, esse professor se encontra no âmbito da educação infantil, assistindo a crianças de até cinco anos de idade. Serão os precursores e terão seus corpos lidos, os seus gestos imitados e suas expressões interpretadas pelas crianças nascidas e criadas na comunidade como *filhos de Santa Rosa*³, ou seja, aqueles que lutaram para satisfazer as necessidades do grupo. Porém na segunda seção, aprofundaremos a

³ Santa Rosa – Comunidade quilombola localizada na região de Itapecuru- Mirim no estado do Maranhão.

discussão sobre a gestualidade e a educação, focando na postura da professora quilombola habilitada a desenvolver as suas tarefas na escola *Unidade de Educação Básica Elvira Pires*⁴, localizada dentro da comunidade quilombola Santa Rosa.

Contudo, essa primeira seção traz conceitos e argumentos que podem fundamentar o corpo, aquele com ações originais, que se expressa em sua complexidade, manifestando um núcleo de significações que perpassa pela ordem biológica, psíquica, histórica e cultural. Sendo assim, “[...] o *locus* de onde emanam e onde são armazenados representações acerca do mundo” (RABELO, 2008, p.109).

2.2 MERLEAU-PONTY: O CORPO VIVO

Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que eu sou um corpo que se levanta em direção ao mundo. (MERLEAU – PONTY, 2006 p.114)

Um corpo vivo exerce interação com o mundo. Para que haja a comunicação, as experiências alçadas com os objetos instalam sensações. E na visão fenomenológica da percepção, a assimilação do sentir se faz através do corpo. Este é um terreno de criação e insere no mundo diversos olhares. A teoria da percepção, Merleau- Ponty (2006), reforça a ideia do ser que se utiliza dos seus sentidos (olhar, sentir, escutar) escrevendo o corpo em um espaço expressivo, rompendo concepções clássicas baseadas na anatomia, que enquadra o corpo e seus sentidos no campo da passividade.

A experiência está no corpo e é originada pela percepção. A essência da compreensão do mundo está direcionada ao diálogo com os sentidos, como está exposto:

A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir (MERLEAU – PONTY, 2006, p. 308).

O corpo tem as suas próprias leis, permeadas pelo olhar e ouvir, desencadeando no sentir. O indivíduo torna o corpo ausente em suas práticas, limitando a sua visão a fundamentos empíricos, desligando a compreensão do sensível e da realidade corpórea.

Revela-se nos estudos, o corpo próprio, aquele que “está atado a um certo mundo”

⁴ Unidade de Educação Básica Quilombola Elvira Pires – titulada escola quilombola, está inserida no território da comunidade quilombola Santa Rosa.

(MERLEAU – PONTY, 2006, p. 205). Ele finca o homem no mundo da cultura e da história. É o corpo que narra a vida dos indivíduos por meio das ações, moldando comportamentos e passando pelo mesmo processo. Existe a reciprocidade, pois é inevitável a participação do outro na construção da subjetividade do ser.

A temática corpórea é recorrente nos estudos sociológicos e antropológicos. E nesse âmbito, contribuições foram apresentadas por Merleau-Ponty, ao apresentar o corpo que exprime a cultura, o conhecimento, a moral e outros aspectos que podem compor o ser. Expondo em suas análises “[...] o novo uso do corpo próprio” (MERLEAU – PONTY, 2006, p. 212) aquele que torna enriquecedor o esquema corporal, ou seja, o nosso corpo: “Não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. Por vezes forma-se um novo nó de significações: nossos movimentos antigos integram-se a uma nova entidade motora” (MERLEAU – PONTY, 2006, p. 212).

O filósofo confirma o corpo como agregador de significações: Nada se perde. É apenas transformado. Os nossos movimentos estão em constante progresso e uma “nova entidade motora” surge a partir das associações, reuniões e ampliações dos sentidos.

Porém, o corpo como visível e próprio tornou-se contido nas análises e estudos na era da Modernidade, foram retiradas as vendas que cobriam essa temática em múltiplas áreas, como na Medicina, Antropologia, Ciências Sociais, Política, Psicologia, Psiquiatria e outros segmentos de estudo. Por sua vez, suas funções, sentidos e percepções trazem para o mundo das evidências, o corpo como agregador de outros corpos. Ele é estudado em sua complexidade, sendo inscrito nele os acontecimentos, a história e a cultura, como está exposto nas palavras de Michael Foucault (1979, p.22):

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissolução do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia [...] está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.

Em outras palavras, o corpo é o terreno de forças, o lugar abundante, marcado pelos acontecimentos vividos pelo tempo:

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 1979, p. 22).

Percebe-se o corpo subordinado aos processos plurais que constituem o homem como ser histórico e conflituoso na edificação da sua própria identidade. O breve pensamento de Foucault (1979), apresenta o corpo submisso, em que seus anseios e vontades são rearticulados pelos eventos históricos que o atravessam. Ele é reduzido às organizações sociais, históricas e culturais, sendo manipulável.

Segundo Merleau – Ponty (2006, p.122), o corpo conduz o ser no mundo, ou seja, “[...] sei que os objetos têm várias facetas porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu corpo”. O sensível emana no corpo, ele não está preso ou limitado aos significados sócio-históricos e culturais, ele é a própria história, saindo do campo que define o corpo como peça de uma máquina, manipulada pelas estruturas que governam o sistema político, econômico e social.

Exemplificando a experiência do sensível na visão de Merleau – Ponty (2006), recorda-se a história de um cego insano, enlouquecido pela percepção tátil de uma escultura, existente no livro *La Bête aveugle* de Ranpo Edogawa mencionado na obra “*o corpo como objeto de arte*” de Henri - Pierre Jeudy (2002, p.93), que diz a narração:

O corpo de uma atriz de cabaré serviu de modelo a um renomeado escultor, que a representou com as dimensões reais em sua nudez magnífica. Essa estrela comparece à exposição com uma amiga. Ela admira seu próprio corpo esculpido, experimentando um prazer incomensurável, quando percebe um homem muito feio que passa suas mãos sobre a escultura, com uma estranha avidez que é quase obscenidade. Ela sente então uma real repulsa, como e esse mesmo homem a tocasse com a ponta dos dedos. Quanto mais ela observa seus gestos, mais a situação lhe parece insuportável. Em seguida, esse homem cego conseguirá arrastar a famosa modelo no emaranhado de suas mórbidas perversões. Ele repetirá a mesma aventura com outras mulheres, condenando-as à morte após o desmembramento de seus corpos, demonstrando-lhes que só um semelhante ato radical lhes permitirá conhecer todo o prazer.

Como descreve a história, o homem cego começa a embriagar-se de prazer, por meio do sentir. As sensações que ele obteve ao tatear a escultura descolaram-se ao além. O seu imaginário ascendeu e os gestos táteis construíram significações em seu corpo. Foi uma vivência eternizada pelas suas mãos. Enquanto que, pelo sentindo da visão, a mulher sentiu prazer e repúdio; o prazer em vê-la esculpida com toda beleza e o repúdio pelo tocar do homem na sua representação, a escultura. Contudo, o homem é o sujeito do tato, evidenciado em Merleau – Ponty (1999, p.424):

Correlativamente, enquanto sujeito do tato não posso gabar-me de estar em todas as partes e em parte alguma, aqui, não posso esquecer que através do meu corpo que

vou ao mundo, a experiência tátil se faz “adiante” de mim e não é centrada em mim. Não sou eu que toco, é meu corpo [...].

Esse fato demonstra um jogo de sensações e sentidos. E assim, o corpo se constitui e reconstitui ao longo das práticas e ações corporais. O corpo exibido, sentido e explorado, torna-se “[...] um colóquio de diferentes linguagens não – verbais, cujo o poder semântico não é mais sugestivo, mas particularmente ofensivo” (JEUDY, 2002, p.115). Nas artes, desde os anos 60, o corpo torna-se provocador, sendo exposto pelas *performances*, nas palavras de Jeudy (2002, p.116):

Cada performance é um mundo em si, uma cenografia única no decorrer da qual os gestos corporais serão eles próprios únicos. Cada uma se apresenta como uma crítica feroz ao funcionamento usual das relações sociais, em colocar o público em uma situação de espetáculo, mas, ao contrário, abolindo qualquer distância pelo terror das revelações.

Pode-se dizer, em se tratando do corpo estudado nas artes, que existe a concepção do corpo próprio, de Merleau-Ponty (2006): *cada gesto corporal é único* no desenvolver da performance do ator. Ele comunica, critica e revela o funcionamento social, existe organização e intencionalidade, mas considerando o corpo, “[...] eminentemente um espaço expressivo” (MERLEAU – PONTY, 2006, p.202).

O homem cria e recria, performatiza, expressa, insere seu corpo na história. Entorno do estudo e uso do corpo, a cultura é produzida e estabelece o sujeito no mundo, pois reconhecer que os gestos corporais são únicos e interferem no outro e no espaço é o encabeçamento para compreensão do corpo vivo. No discurso de Merleau – Ponty (2002, p.115):

Pela ação da cultura, instalo-me em vidas que não são a minha, confronto-as, revelo uma para a outra, torno-as co-possíveis numa ordem de verdade, torno-me responsável por todas, suscito uma vida universal, assim como me instalo de uma só vez no espaço pela presença viva e espessa do meu corpo.

Os atores sociais constroem em sua comunidade ou grupo social suas emoções, tradições, hábitos e mitos que envolvem a sua existência, assim, perpassam por seus corpos e instalam-se no espaço interferindo no constructo dos outros sujeitos.

Sinalizando o homem como ser que avigora as suas emoções em seu espaço, não sendo “[...] expressões selvagens que vêm quebrar as condutas razoáveis, elas obedecem à lógicas pessoais e sociais que têm também sua razão” (LE BRETON, 2009, p. 112). Visto que o corpo é nutrido pelas sensações originando emoções, repulsas, aflições ou prazeres e desta

forma, estabelecendo comunicação os gestos comunicam e demarcam quem é o ser na visão do outro, como:

O papa que beija a criança e os duques que sorriem com o filho no colo também comunicam e se expressam, mas de uma maneira pela qual não se pode dizer ao certo o limite entre o espontâneo e o não espontâneo em jogo. As emoções fazem parte da vida social e cultural de uma sociedade (SIQUEIRA, 2015, p.23).

As expressões corporais produzem sentidos, pressupondo as interações sociais. À vista das experiências, o corpo herda tradições, técnicas que distinguem os homens dos outros animais, por isso, as diferenças culturais existem para especificar pessoas e demarcar grupos através dos gestos, movimentos, práticas inscritas nas sociedades e assim esculpidas nos corpos.

Desta forma, retomamos Merleau – Ponty (2006, p.273), com o *corpo próprio*, “[...] aquele que está no mundo assim como o coração no organismo”. Nos escritos do filósofo:

Quando caminho em meu apartamento, os diferentes aspectos sob os quais ele se apresenta a mim não poderiam aparecer-me como os perfis de uma mesma coisa e eu não soubesse que cada um deles representa o apartamento visto daqui ou dali, se eu não tivesse consciência de meu próprio movimento e de meu corpo como idêntico através das fases desse movimento (MERLEAU – PONTY, 2006, p. 273).

O espaço é assimilado pelo corpo. Para existir a compreensão do objeto, houve a experimentação, ao longo dos passos, no uso da visão, do tato, logo, no movimento do corpo. Esse exemplo afirma que “[...] a teoria do esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção” (MERLEAU – PONTY, 2006, p. 278). E nesse contexto percebe-se o corpo tal qual “[...] um eu natural e como sujeito da percepção” (MERLEAU – PONTY, 2006, p. 278).

No refletir das experiências, o corpo se expõe pelos: “[...] gestos, pela sutileza de olhares, pelos detalhes das mãos; são muitos os sinais que servem para dizer coisas do cotidiano [...]” (SABINO; LODY, 2011, p.82). No processo comunicativo destacamos os gestos. Eles foram a primeira linguagem humana, estando presentes no corpo e vivendo para ele.

2.3 O DEDÃO DO PROFESSOR: OS GESTOS COMO EXPRESSÃO

Todos os nossos atos são constantemente suscetíveis de se converter em gestos, de simbolizar um modo de ser, um jeito de tratar os outros. (GALARD, 1997, p.20)

Galard (1997, p.27) conceitua o gesto como “[...] nada mais que o ato considerado na totalidade de seu desenrolar, percebido enquanto tal, observado, captado”. Para exemplificar o conceito apontado, Galard (1997, p.27), retrata que: “Os movimentos de um operário aparecem ora como atos, ora como gestos, embora não se opunham que a intenção que os dirige tenha mudado. São atos enquanto não são descritos. São gestos desde que despertem atenção”.

Os gestos são revelados e sentidos pelo outro, sendo intencional ou não. Um operário executa ações decorrentes da sua prática, havendo repetições de alguns atos, podendo eles, ser visualizados, sentidos ou percebidos pelo outro, tornando-se gestos.

Trazendo a discussão para a dimensão educacional, ou melhor, para o corpo do professor, os seus gestos podem mover outros corpos ou induzi-los para construir ou desconstruir condutas, conhecimentos, ações ou práticas. Pontuamos o professor, como o auxiliador, mediador, instigador e formador no processo de ensino e aprendizagem. Assim os seus gestos são suscetíveis a circunscrever histórias em seus alunos. Esse processo pode ser recíproco, no momento que a interação professor aluno é estabelecida.

A educação é um instrumento transformador, sendo um dos mecanismos de resistência para algumas comunidades ou grupos. Na contemporaneidade o docente é o detentor da comunicação e orientação, aquele que fala em público, o organizador de ideias e o estrategista das aulas. Logo, seu discurso necessita ser ampliado; as subjetividades compreendidas e os corpos percebidos.

Reafirma-se que, o pensamento estético e expressivo é a própria comunicação, necessitando ser apreendido, visto que, ele conecta o homem ao mundo criando um contexto entre os sentidos, corporificando em manifestações culturais e experiências sociais.

Pode-se dizer que, a educação é performativa; é a ação que obtém o professor como ator. Obtém-se nesse cenário: ideias, expectativas, surpresas, transgressões, pluralidade de práticas e diversidade de sujeitos interessados ou não pelo espetáculo. Nesse contexto, o professor é performático, considerado na visão de Zumthor (1997, p.87) sua *performance* como: “[...] uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente que, mesmo distinguindo mal as palavras e frases, esse conjunto como tal faz sentido”.

Os gestos gingham com as palavras, percorrem pelo corpo do professor, lembrando que, com a entonação da sua voz, por vezes mais alta ou baixa atingem os sentidos dos outros. Esse conjunto está a serviço do conhecimento, proporcionando aos alunos, que não são meros espectadores, o sentido de compreensão dos fenômenos culturais, históricos e científicos que

os rodeiam. Nas palavras de Zumthor (2007, p.81): “Nossos “sentidos”, na significação mais corporal da palavra, a visão, a audição, não são somente as ferramentas de registro, são órgãos de conhecimento. Ora, todo conhecimento está a serviço do vivo, a quem ele permite perseverar no seu ser”.

Ao discorrer sobre o professor *performance*, aponta-se para perspectivas inovadoras na educação, pois o ato performativo pode agregar outras identidades, articular gestos e inserir entonações que para existir no corpo e na vida do aluno necessitaram da ação performática do educador.

Retomando gestos e suas expressões, Cascudo (2003, p.18) antevê a palavra “[...] dedos e braços falaram milênios antes da voz”. Na afirmativa do autor, “[...] sem gestos, a palavra é precária e pobre para o entendimento temático” (CASCUDO, 2003, p.18). Cascudo coloca o corpo como aquele que constrói história e os gestos como delineadores da comunicação.

O autor descreve que, “[...] há gestos centros de sistemas comunicativos e gestos privativos. Não havendo a obrigatoriedade do ensino mas sua indispensabilidade no ajustamento da conduta social” (CASCUDO, 2003, p.20), concluindo a sua ideia “[...] todos nós aprendemos o gesto desde a infância e não abandonamos seu uso pela experiência e não abandonamos seu uso pela existência inteira” (CASCUDO, 2003, p.20).

Os gestos como comunicação são em muitas instâncias despercebidos pelo corpo de quem fala, não são ensinados, mas são ações captadas pelo outro que podem designar como se deve agir, falar, pensar, edificando o comportamento do corpo em algumas situações sociais. Como Geertz (1989, p.58), relata:

[...] o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumula tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade.

Observa-se que, é quase impossível determinar o homem como ser limitado às suas funções biológicas. Ele é o ser elaborador da cultura e assim ela está intrínseca nele. O homem em sua natureza é cultural e acumula em seu corpo essas referências, extraídas das experiências em seu grupo. Porém, os indivíduos, obtêm no corpo a técnica, “[...] quando uma geração passa à outra geração a ciência de seus gestos [...] há tanta autoridade e tradição social quanto onde a transmissão se faz pela linguagem” (MAUSS, 1974, p.199). Mas, nesse cenário podem ocorrer transformações, a partir do momento em que o homem participa de

outras culturas, práticas e interações sociais. O tradicional é alterado e condutas corporais estarão passíveis a variações, rompendo com posturas estabelecidas e hábitos definidos como leis.

Enfim, encontra-se nos corpos dos sujeitos, gestos grifados pelas experiências, que são incluídos no consciente e fazem parte eternamente do seu discurso corporal. Por consequência são repassados pela prática educacional, sendo ela formal (no ambiente escolar, abarcada por leis que sistematizam o processo de ensino-aprendizagem) ou informal (ensinamentos conduzidos pelos ancestrais – familiares, ou em outros espaços sociais, que também auxiliam no processo de formação do sujeito social).

A *performance* do professor pode desencadear gestos que deixaram significações para a vida dos seus alunos. Sendo assim, serão: sentidos, imitados e contidos em seu corpo. Confirmando que, os gestos dos discentes e sua subjetivação são influenciados pelo corpo do seu professor.

Há gestos pontuais na prática dos professores, o uso dos seus dedos para apontar o conhecimento, frisar partes importantes, chamar a atenção do discente para o que se diz. Assim, Cascudo (2003) discorre sobre o *dedão do professor*, aquele que tradicionalmente surge como indicação ou imposição. Ele diz:

O professor Everardo Backheuser (1879 – 1951), da escola Politécnica, mestre em Pedagogia, divulgador da então nova Metodologia, falava-nos da gesticulação na cátedra, técnica que continua ao arbítrio inconsciente de cada ocupante. Ironizava o abuso do indicador enristado, hirtó e dogmático, como empurrando o Conhecimento nas goelas estudantis. Seria tradição de Roma, denominando-o *Index digitus*, o dedo da indicação orientadora, mostrando caminho aos ignorantes das vias sapientes. (CASCUDO, 2003, p. 226).

O *dedão do professor* é gesto e expressa sensações. Os discentes guardam em suas mentes o professor como aquele que ensina, o seu mestre, assim, a maioria, torna-se um público estático e conduzido por gestos impositores; obrigando os “ignorantes das vias sapientes” a caminharem em direção ao saber. Porém, esse dedão pode tornar-se o orientador, indicador, o propositor de questões e traçar por essa gesticulação o trajeto do aluno, porém com vias que serão descobertas em meio a outros gestos.

Stokoe e Harf (1987, p.15) na obra apresentam a definição da expressão corporal como sendo:

A expressão corporal é uma conduta espontânea existente, tanto no sentido ontogenético como filogenético; é uma linguagem através da qual o ser humano expressa sensações, emoções, sentimentos e pensamentos com seu corpo, integrando-o, assim, às suas outras linguagens expressivas como a fala, o desenho e a escrita.

Conforme as autoras, a expressão corporal está no homem tanto no sentido da evolução cognitiva quanto em suas adaptações ou interações com o seu meio social. Através dos gestos, as expressões estão presentes emitindo sentenças. E por meio delas, outras manifestações surgem na escala de desenvolvimento do homem agregando a ele variadas maneiras de comunicação, como o “desenho, a escrita e a fala” explicitados na citação.

Para Stokoe e Harf (1987, p.15), os gestos, os movimentos corporais e suas expressões são linguagens realizadas (primeiramente) sem intermédios de maneira rápida, comunicando algo a alguém ou expressando-se consigo mesmo. Nas palavras das autoras:

A expressão corporal, como linguagem imediata, afirma o conceito do ser humano expressando a si mesmo, consigo mesmo, sem uma necessidade peremptória de recorrer a elementos ou instrumentos alheios a ele, o que não significa que em alguns momentos desse processo não possa se servir desses instrumentos.

Ainda afirmam que, sem o corpo:

[...] o homem não existe como tal; valorizamos o corpo à medida que contemplamos o ser humano enquanto entidade que deve desenvolver-se como estrutura integrada em movimento, e questionamos a progressiva dicotomização que nossa sociedade tende a fomentar entre nossas áreas psíquicas e corporais. (STOKOE; HARF, 1987, p.15).

Cada ser obtém suas expressões galgadas ao seu modo de ver, sentir, ouvir e manifestar atitudes, posições e intenções.

A perspectiva da expressão corporal e a dinamicidade do corpo do professor trarão para a educação mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem. Será que o dedo que indica e orienta é menos eficaz do que o dedo disciplinador do professor? A disciplina, a punição, a conduta baseada em regras e leis incontestáveis podem ser necessárias na sala de aula? Essas perguntas cabem aos educadores responderem, pois as suas práticas podem seguir tendências divergentes ao tradicionalismo ou não.

Porém, ter ações tradicionais favorecem alguns objetivos, portanto é importante variar as práticas e posturas devido à transformação global que as crianças, jovens e adultos sentem em seus corpos e em seus grupos sociais. O homem é sujeito e ator do mundo, e constrói suas cenas sociais com o auxílio do outro.

Como isso, a *performance* do professor deve tornar presente o corpo do aluno, pois ele está recebendo várias informações, por meio de diversas formas comunicativas (nos gestos, expressões, na voz, na escrita). Assim, Freire (2000, p.51) diz:

[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um ‘não – eu’, se reconhece como ‘si própria’. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha; que constata, que compara, avalia, valora, que decide, que rompe.

De acordo com Freire (2000), destacando professor *performance*, ele incide com a sua prática sobre o mundo real, construindo e desconstruindo pensamentos e atitudes, proporcionando ao sistema escolar, no qual faz parte, ressignificações de atitudes, colaborando para criticidade e atos visionários na sociedade contemporânea. Mesmo que, o sistema educacional, em alguma situação, possa reduzir ou limitar o desenvolver do professor, por questões organizacionais e disciplinares, ele com o vigor que emana em seu corpo buscará outras performances sem perder o foco da educação, que é auxiliar nas construções psíquica, social e histórica do ser. Formar atores para elaborarem no palco da vida seus próprios papéis.

Em Birman (2013, p.57) vê-se a *performance* como o “imperativo da existência”, sem ela o sujeito poderia ficar com sua existência comprometida. A performance poderia ainda ser concebida pelo ato de seduzir, “[...] presente nas performances dos sujeitos, que a encenação se daria, pelo corpo, e esboçaria suas formas, num corpo a corpo permanente do sujeito com os outros” (BIRMAN, 2013, p.57).

Em síntese, é essencial que o sujeito seja performático, sem essas características é impossível, na visão dos autores, a sua existência. Conduzindo essa ideia para o corpo do professor, este em seu exercício, também precisa fazer as suas práticas serem sedutoras; para isso o educador performático utiliza-se de estratégias atraentes, que conectam o corpo do aluno com o seu.

O professor performático e sedutor, possivelmente terá alunos instigadores e críticos da realidade social que os cerca. Contudo, esse profissional precisa compreender os conhecimentos inseridos no contexto do discente. Que ferramentas este professor usará para se tornar sedutor e atrair o aluno com a sua prática? Será que somente os seus conhecimentos pedagógicos, metodológicos ou didáticos farão a diferença? Certamente, o professor antes de adentrar a ação, elabora um plano, construindo as suas ações performáticas.

Nas composições performáticas, o docente realiza leituras, busca métodos, constroem objetivos, mas também, necessita considerar os aspectos físicos, sociais, psicológicos, históricos e culturais dos seus alunos. Já que ele é um dos colaboradores da formação social do indivíduo. Logo, conhecer a realidade do mesmo é essencial.

Essa tarefa pode parecer repleta de complexos e desafios, mas a identidade e as marcas sociais estão explícitas nos discentes; em seus corpos, em suas expressões e gesticulações.

2.4 CORPOREIDADE E IDENTIDADE: O CORPO DAS PROFESSORAS - FILHAS DE SANTA ROSA⁵.

CRAVOS VITAIS

Escrevo a palavra escravo

E cravo sem medo

O termo escravizado

Em parte do meu passado

Criei com meu sangue meus quilombos

Crivei de liberdade o bucho da morte

E cravei para sempre em meu presente a crença na vida.

(Cutí, 1978, p. 10)

As palavras Cutí (1978), descrevem em suma a vida do negro africano no Brasil. Aquele negro escravizado identificado por alguns historiadores nos relatos, cartas e documentos oficiais como “coisa” – mercadoria, mas eles próprios não se colocavam nessa categoria (FARIA, 1998).

Ao atravessar o oceano atlântico, afastando-se da África, desembarcando nos portos estratégicos dispostos no Brasil, os negros se deparavam com o desafio da sobrevivência. Uma terra estranha; com pessoas que não faziam parte do seu meio social; com hábitos e cultura diferenciados, configurava-se em obstáculos em sua vida.

Pode-se observar na história que, através do trabalho dos escravos, o Brasil pode desenvolver-se conquistando riquezas, exportando cana, café, cacau, algodão e outros produtos; obteve grandiosas construções, como casas, pontes, estradas, fábricas. E, assim, a presença do negro marcou ativamente a sociedade brasileira, inserindo também a cultura (dança, música, religião, linguagem, etc.). No Brasil, a escravidão demarcou as desigualdades sociais, fortificando as discriminações raciais, adaptando a conduta ou o meio social ao sistema escravista. Contudo, o africano perante a sua situação social não era um ser passivo, limitado pelas agressões físicas.

O negro sentia em seus corpos a necessidade de obter o seu espaço para construir

⁵ A expressão “filhas (os) de Santa Rosa” é utilizada para dizer aos outros que são do quilombo Santa Rosa, ou seja, vivem e conhecem a história dos seus ancestrais e afirmam a sua identidade negra e quilombola de Santa Rosa. Demarcando que, são criações da herança cultural dessa terra. As professoras de Santa Rosa, lutaram pelo seu espaço, no ambiente escolar para ensinar na educação infantil, inicialmente na escola Mamãe Olívia e agora na escola Quilombola Elvira Pires.

a sua instituição familiar, cultivar a sua espiritualidade e praticar a cultura africana renegada pelos senhores da terra. Contudo, o que realmente os negros desejavam era libertar-se do meio escravista, utilizando das várias formas de resistência tais como a lentidão na execução das tarefas, a sabotagem na produção e fugas individuais ou coletivas.

Ao fugir, os escravos comprometiam a produção e contrariavam o domínio dos senhores da terra. Assim, aspirando a liberdade, o africano dificilmente retornava aos cativos. No decorrer das fugas, ocorreu no Brasil um fenômeno designado quilombagem que se caracteriza como um movimento emancipatório organizado e coordenado pelos negros escravizados que abrangeu todo território brasileiro na época da escravidão.

Como foco do quilombamento está a formação dos quilombos, “[...] que estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo, e se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável na proporção em que as forças repressivas agiam menos ou mais ativamente contra ele” (MOURA, 1989, p. 23). Assim, o quilombamento era um movimento utilizado como protesto, centralizando no quilombo o ponto de elaboração de estratégias contra o regime escravista.

Contudo, os quilombos no Brasil originaram-se decorrentes de uma situação opressora, marcada por tristezas e sofrimentos na vida do negro. Nessa perspectiva, os quilombos ou mocambos tornaram-se o símbolo mais representativo de resistência na história colonial brasileira.

Caracterizando os quilombos brasileiros, Reis e Gomes (2006, p. 23) descrevem o fato que:

Ocupavam sertões e florestas, cercavam e penetravam em cidades, vilas, garimpos, engenhos e fazendas; foram atacados e usados por grupos escravistas, aos quais também atacaram e usaram em causa própria; fugiram da escravidão e se comprometeram com a escravidão; combateram e se aliaram com outros negros, índios, brancos pobres; criaram economias próprias e muitas vezes prósperas [...].

Diante dessa caracterização, percebe-se que os negros buscaram construir uma sociedade organizada politicamente com o objetivo de sobreviver pautados na liberdade. Os quilombos eram uma representação da terra dos seus antepassados, podendo haver a livre expressão dos seus hábitos e costumes, cultivando a sua identidade negra, que não foi perdida no decorrer do processo escravista.

Essa história está “cravada”, na memória, sendo refletida no corpo do professor que nasceu e cresceu ouvindo dos anciãos de Santa Rosa a expressão: “fomos e somos seres

escravizados, mas precisamos mudar essa história”⁶. As palavras desse morador demonstram que houve somente a mudança no sistema social, mas a escravização se faz presente; e mesmo diante da realidade social desigual, a resistência desses moradores está vigente, no falar, sentir e agir.

A capacidade de construir e transformar são características comuns aos grupos humanos, para estabelecer as condições de sua sobrevivência, cada grupo procura, através da cultura, meios para satisfazer as suas necessidades. Existem em cada cultura, representações e maneiras de educar os indivíduos. Assim, no corpo do homem está a sua identidade, pois ele capta por meio dos sentidos e experiências vividas no grupo a lógica para viver em coletividade. Como diz Rodrigues (1986, p.11):

O fato é que, uma vez constituídos, os sistemas de representações e sua lógica são introjetados pela educação nos indivíduos, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, para o sistema social, uma certa homogeneidade.

A busca por “uma certa homogeneidade” é quase impossível. Os seres interiorizam e interpretam rompendo ou não com as representações adquiridas pelos sistemas ideológicos que permeiam a educação. Em uma comunidade quilombola, espaço que predomina as atividades coletivas, o corpo é ensinado a viver nessas circunstâncias. É necessário “[...] compreender os significados envolvidos nesses sistemas (sistema de representação)”. (WOODWARD, 2000, p.17).

Nas representações os significados são fomentados pelos sistemas simbólicos, estabelecendo nos sujeitos condutas. Nas palavras de Woodward (2000, p.17):

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas para as questões: Quem eu sou? O que poderia ser? Quem eu quero ser?

A identidade é alicerçada nessas representações oferecidas por meios simbólicos, quando o sujeito se questiona: Quem sou eu? E passa a refletir, respondendo conforme suas origens; o seu corpo é demarcado no seu espaço histórico e diferenciado do outro. Ao afirmar, “sou professora e ensino na comunidade quilombola Santa Rosa” difere-se quando da fala, “sou professora e filha de Santa Rosa”. Na primeira afirmativa, o professor pode ser de outra comunidade quilombola ou não ser quilombola e apenas prestar seus serviços para o grupo. Já, a segunda, traz a ideia do professor não ser de qualquer lugar ou comunidade, mas a

⁶ Palavras do Sr. Libâneo - militante e morador do quilombo Santa Rosa

afirmação de ser quilombola da comunidade Santa Rosa, há portanto a especificação. Nesse contexto o discurso de Silva (2000, p.75), coloca que:

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro” [...]. A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferença. Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês” e assim por diante, numa cadeia neste caso interminável. Admitimos: ficaria muito complicado pronunciar todas as frases negativas cada vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade.

As professoras “filhas de Santa Rosa” diferenciam-se pela cultura repassada por seus ancestrais, logrando em sua corporeidade o discurso em ser professor quilombola dessa comunidade. De acordo com as premissas de Rutherford (1990, p.19-20)

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais econômicas nas quais vivemos agora... a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação.

O passado contado para as mulheres quilombolas, quando eram crianças pode ter colaborado para sua atual profissão e transparece em seus corpos a reminiscência dos seus avós e pessoas que passaram por elas disseminando experiências de vida. As origens históricas dos seus antepassados, embasadas pelas lutas de libertação das terras e dos seus corpos das mãos dos feitores e senhores de engenho, repercutem na fala do povo de Santa Rosa e em suas memórias, agregando (na oralidade) as relações de poder que perpassam pelos setores sociais atingindo o grupo socialmente.

A identidade é a confluência das relações que o sujeito obteve no passado e agrega, continuamente vivendo o presente e um possível futuro. Ela está em constante transformação, a sua identidade nunca está finalizada, pois o dinamismo existente no mundo social proporciona interações e vivências que podem alterar a constituição do eu dos atores sociais.

Enfim, a cultura e as identidades são impulsionadas pelas interações que os indivíduos têm com o espaço em que vivem, com as outras pessoas do seu grupo e fora dele. Desta forma, os atores sociais estão tecendo a sua rede de relações.

Pode-se conceituar cultura como um “[...] processo histórico pelo qual o homem, em relação ativa com o mundo e com outros homens, transforma a natureza e transforma a si mesmo, construindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas, realizando-se como homem neste mundo humano” (FÁVERO, 1983, p. 6).

Contudo, o corpo das professoras expressa sua cultura, fundamentada na

ancestralidade, oralidade e gestos arraigados pela história do grupo. Desta forma, as educadoras são produtos da sua herança cultural. Como argumenta Laraia (2001, p.68): “[...] o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

A educação escolar para os moradores da comunidade quilombola Santa Rosa, é um instrumento que pode ser utilizado contra as ações excludentes conduzindo seus alunos desde a educação infantil a conhecer as desigualdades e dificuldades sociais que circundam o grupo.

Com a educação escolar (no âmbito da educação infantil), pensada dessa maneira, a expressão corporal, os gestos e todas as linguagens existentes no corpo do professor tornam-se um dos possíveis métodos para transmitir a ideologia do grupo.

Consideramos que, os corpos dos educadores informam e contribuem para a construção das identidades dos seus alunos. As educadoras da educação infantil em Santa Rosa manifestam-se contra as formas de discriminação e mobilizam-se para o cumprimento dos direitos das crianças e a valorização da educação dessa fase inicial no sistema escolar.

Lembramos que, no processo educacional da criança pequena a ação de cuidar, educar, o afeto, a sua socialização no ambiente escolar, a relação com a família e as percepções adquiridas possibilitam a autoestima dela e a interiorização da sua origem reconhecendo-se como quilombola. Uma das funções das professoras juntamente com a comunidade é apresentar para as crianças que eles podem conseguir vencer as amarras da vida escolar e tornarem-se jovens e adultos confiantes, transformadores da sua realidade social.

3 O CORPO ENSINA: GESTUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Figura 2 - Caixeiras dançando e cantando na festa do Divino Espírito Santo em Santa Rosa



Fonte: Arquivo pessoal.

As caixeiras de Santa Rosa: mulheres, donas dos seus terreiros, professoras, mães, militantes e filhas que cultivam as origens da sua terra e relembram, através da dança e da música, as dores e alegrias dos seus ancestrais. Elas ensinam crianças e jovens a viverem a musicalidade, e mostram que “[...] o corpo negro, não é porém, qualquer corpo” (GUSMÃO 2006, p.190).

Nessa seção abordamos a linguagem corporal na comunidade quilombola Santa Rosa apresentando as principais manifestações culturais, e conduziremos a discussão (sobre a importância da linguagem corporal) no âmbito das leis educacionais.

As reflexões sobre o corpo nas manifestações culturais em Santa Rosa nos possibilitam compreender o perfil das educadoras quilombolas na sala de aula, pois a cultura é viva no corpo, e assim ampliaremos os estudos apontando as diretrizes direcionadas à educação infantil e quilombola. Destacando que: o corpo é “[...] como território comunicativo do sujeito negro, ele traz consigo a presença de uma cultura particular e as marcas da cor”. (GUSMÃO, 2006, p.190).

3.1 O CORPO QUE ENSINA NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SANTA ROSA

Para Eagleton (2011, p.11), significado do termo cultura está coeso à ação de cultivar, relacionado à terra, ao natural. Ele apresenta a dialética entre o homem e a natureza, ou seja, “[...] se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz”.

Para este filósofo, a cultura é produto da relação do homem com a natureza e o seu produtor é a prática transformadora do trabalho. Em suas palavras: “[...] as culturas são construídas com base no incessante tráfego com a natureza que chamamos de trabalho” (EAGLETON, 2011, p.12). Na visão de Eagleton (2011), o homem transforma a sociedade e simultaneamente ele é moldado nela por meio do trabalho (o veículo transformador).

A palavra *manifestação* traz a ideia de movimento, expressão de algo ou alguém ou o ato de externar sensações e ideias por meio dos sentidos.

Nessa perspectiva, as manifestações culturais representam a voz do povo, uma vez que o homem sente a necessidade de cultivar a sua história, costumes, hábitos e crenças. Segundo os escritos de Carvalho (2007, p.64):

As manifestações culturais estão no centro do espaço ocupado hoje pelos estudos folkcomunicaçãois. A partir deste diagnóstico inicial, as mesmas podem ser entendidas como formas de expressão da cultura de um povo, constituindo movimento de determinada cultura, em época e lugar específicos.

Segundo o raciocínio de Carvalho (2007, p. 64) sobre o tema, a manifestação cultural “[...] é uma forma subjetiva que o grupo de pessoas encontra para expor seu interior, expressar o que pensam, o que desejam realizar ou modificar”. Cada grupo social estabelece (à sua maneira) as reuniões e a comunicação, e assim as manifestações podem se tornar o elo entre as pessoas da comunidade, em que existe o partilhar da dança, da música, da culinária e de todos os aspectos interceptores.

Em Santa Rosa, observa-se que as manifestações culturais são arraigadas na religiosidade e na história dos seus ancestrais. Porém, a maioria dos moradores relata mudanças nas manifestações. Alguns pontuam como “perda da cultura”, a ausência da tradição. Como diz a caixeira mais antiga da comunidade: “[...] eu gosto da minha caixa, mas muitos jovens gostam das radiolas, mais da festa do que da tradição” (Caixeira da comunidade Santa Rosa / depoimento, julho 2016). A moradora expõe que o ritual deve ser considerado a

essência das manifestações. Assim, Carvalho (2007, p.66) explica que:

[...] com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não.

Mesmo com o progresso e a globalização dinamizando as relações sociais e transformando a cultura, os rituais e a fé na tradição em Santa Rosa atravessam as gerações. Na comunidade existem: três festas do Divino Espírito Santo; Dança do Coco; Tambor de Mina; Tambor de Crioula; Terecô de caixa; dois Bumba-meu-boi (um de orquestra e outro de zabumba); Festas de Nossa Senhora da Conceição, de Dom Lázaro, São Benedito, Santo Antônio e outras festas que envolvem os moradores de Santa Rosa e outros participantes (externos à comunidade).

Em torno das manifestações, o povo afirma a sua identidade enquanto quilombola da comunidade Santa Rosa, além de mostrar a cultura da terra. Por meio do depoimento da mãe de santo em uma das festas do Divino Espírito Santo, expõe-se o que as festividades, e entre elas a festa do divino, representam:

A festa ela é tradicional, que nos traz como cultura, ela simboliza pra nós assim uma espécie de animação que vai passando de geração para geração. Segundo, essa tradição ela vem do escravo e como somos descendentes de escravo nós trazemos ela como tradição. (mãe de santo, depoimento/ julho, 2016)

Ao participarmos das manifestações culturais de Santa Rosa, verificamos que as relações sociais se baseiam no compartilhamento da mesma religião, das festividades, o uso de algumas expressões linguísticas; assegurando com dinamicidade o processo cultural que se consolida através de diversas fontes estabelecidas no tempo e no espaço.

A dança e a música reavivam a comunidade. Desta forma, a maioria das manifestações são embaladas pelos sons dos tambores e sentidas pelo corpo dos participantes (aqueles que dançam, tocam ou apenas prestigiam a manifestação). Como afirma Guerra (2008, p.1) “[...] a expressão corporal faz parte da sua vida como o próprio movimento da natureza e do viver. O africano canta e dança nos diversos eventos da comunidade a que pertence, e das mais variadas formas que a criatividade e a espiritualidade lhe concedem”. Na comunidade Santa Rosa, herdeiros da corporeidade de matriz africana, as coreiras (as dançarinas do tambor de crioula) demonstram nas rodas de tambor de crioula a identidade corporal da comunidade. Como diz a coreira de Santa Rosa: “[...] pode ter um monte de

tambor de crioula pelo Maranhão, mas quando toca os tambores do quilombo Santa Rosa e quando começamos a dançar, todos sabem quem somos” (Coreira, depoimento/ julho de 2016)

Cada comunidade quilombola têm hábitos, costumes, festas e manifestações culturais expressadas de maneiras diferentes. Em roda, as mulheres posicionam-se e dançam seguindo a ordem circular. Segurando as suas saias, rodam e dirigem-se ao centro do círculo para realizarem a punha (é o tocar do ventre de uma na outra, podendo ser entendido como gesto de saudação). Todas as mulheres e meninas da comunidade participam da roda e os homens e meninos tocam os tambores.

Essa manifestação cultural está presente em quase todas as celebrações da comunidade, mas ela é realizada especialmente para louvar São Benedito. Os fiéis deste podem solicitar uma roda de tambor de crioula em agradecimento à graça alcançada (pagar promessas). É perceptível, nessa manifestação, as mãos na cintura e o gingado localizado nos quadris das coreiras. Nos tocadores, as mãos ao bater nos tambores realizam marcações específicas para emitir o som correto; os braços e a cabeça movimentam-se embalados pelo soar da parelha (conjunto de tambores tocados no tambor de crioula).

Nesse cenário, as crianças e jovens convivem observando, conhecendo e aprendendo as tradições do seu grupo. A educação têm suas origens no seio da família, consolida-se na interação com a sua comunidade, e então sistematiza conteúdos obrigatórios do sistema escolar. A memória cultural da criança pequena é criada e recriada a partir das relações sociais, agregando desse convívio: gestos, percepções, afetos, desafetos em sua personalidade.

Por sua vez, as professoras quilombolas de Santa Rosa, obtém a memória cultural da sua comunidade e repassam os traços culturais existentes em seus corpos. Nas palavras de Vieira (1995, p.127) a memória cultural é:

[...] construída por todas as experiências da vida social, pelos adultos com quem se interage desde criança, pelas opções que se tornaram ao longo do percurso biográfico, enfim, pela educação em geral e pela participação num coletivo que tem hábitos e juízos elaborados.

Desde a infância, as educadoras quilombolas acomodam em suas mentes as manifestações culturais, a história e os costumes da sua biocenose. E “[...] através das danças as mulheres incorporam a força cósmica, criando possibilidades de realização e mudança, fazendo de seu corpo um território livre” (THEODORO, 2005, p.94). Essa liberdade corporal (alicerçada nas tradições culturais) está no corpo das mulheres, coreiras (as professoras

dançam o tambor de crioula), quilombolas e professoras da educação infantil que, em sua prática educacional, possivelmente demonstram para as crianças pequenas os valores históricos e culturais da comunidade.

Assim, a tradição de cada povo “[...] está diretamente ligada ao seu real, àquela possibilidade que cada um tem de ver o mundo, de lidar com o cotidiano, de sentir emoção, e que tem uma maneira muito própria de ser” (THEODORO, 2005, p. 95). E essa *maneira própria de ser*, exposta pela autora, faz as professoras quilombolas e suas práticas educacionais serem diferenciadas no ambiente escolar, pois elas conhecem e nutrem seus sentidos nas tradições, revigorando o sentimento de pertencimento, que poderá ser performatizado na sala de aula, no decurso da linguagem dos seus corpos.

Figura 3 - Apresentação do tambor de crioula da comunidade Santa Rosa no X encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros (2010).



Fonte: Vilela (2011).

A relação corpo e cultura nos ensinam a sentir o universo. Elas “[...] cantam, rezam e dançam, mostrando sua integração com o cosmos, já que a terra está em movimento, o universo está em movimento e eu só conseguirei estar em sintonia com o universo através do movimento” (THEODORO, 2005, p. 96).

Além do tambor de crioula, manifestação relevante em Santa Rosa, ressaltamos a festa do Divino Espírito Santo nos referimos àquela que geralmente ocorre no mês de novembro, conforme o calendário anual (é a manifestação mais antiga). Nesse período, são

modificados os horários de aula; os moradores desdobram-se para organizar as roupas, comidas e bebidas, organizar a igreja, preparar o terreiro para festa. A manifestação é impulsionada pelo som das caixas e o entoar dos cantos das caixeiras (mulheres, devotadas do Divino Espírito Santo que participam de todas as etapas do ritual).

Em Santa Rosa, algumas crianças e jovens participam compondo o império, vestidas com trajes nobres simbolizam a corte portuguesa, e outros participam cumprindo outros desígnios, como: auxiliar no preparo das comidas, no armazenamento dos materiais, no cortejo, na limpeza dos ambientes e em outras atividades. Os pequenos e os jovens sempre estão motivados e engajados a contribuir com essa expressão cultural.

Figura 4 – Festa do Divino Espírito Santo (quilombo Santa Rosa).



Fonte: Arquivo pessoal.

Considerando a criança pequena, é de fundamental importância a sua atuação na comunidade. À vista disso, ela passa a sentir-se presente e ativa em seu grupo. As experiências são assimiladas e acomodadas, sendo constantemente recriadas, na mente da criança. Ela é atraída pelo concreto e interpreta os fatos conforme as suas percepções.

Nas relações da criança pequena com a sua comunidade, “[...] define-se aqui como aquela que representa um momento singular da vida coletiva, posto que participa de todas as esferas constituídas da vida de seu grupo e recebe dele as informações do mundo no qual está inserida” (GUSMÃO, 2006, p. 20). Ela abstrai com objetividade a linguagem

corporal das pessoas inseridas na manifestação e então mostra para o grupo o produto das suas compreensões.

Para que ensinem em uma comunidade quilombola, além da sua formação e habilitação em alguma área da educação, é necessário que os professores adquiram o sentimento de pertencimento, pois somente se valoriza aquilo que é conhecido e respeitado. Uma das professoras relatou: “[...] as próprias pessoas não procuram se vê na história, há negros que agente vê não querer assumir o ser negro por falta de conhecimento (Professora, depoimento/ julho, 2016). Ela retoma a ideia de identidade; a pessoa se reconhece negro, quilombola, filho(a) de Santa Rosa quando interage e aprende com os seus familiares, professores, anciãos e outros moradores a essência da coletividade, as necessidades do seu grupo e a matriz cultural da sua comunidade.

No discurso de Theodoro (2005, p.96), “[...] a pedagogia de base africana é iniciática, o que implica participação efetiva, plena de emoção, onde há espaço para cantar, dançar, comer e partilhar”. A origem do ser humano está na comunidade e nas suas manifestações.

Na comunidade quilombola Santa Rosa, além da festa do Divino Espírito Santo e do tambor de crioula, outras manifestações ensinam as crianças e os jovens a viverem em comunidade, como o tambor de mina (a religião predominante em Santa Rosa), a qual as crianças pequenas também frequentam o terreiro de mina e participam de algumas festas; alguns tocam instrumentos utilizados na manifestação. Essa religião afro-brasileira é conduzida pelas ladainhas envolvida pelos sons dos tambores, do triângulo de ferro e da cabaça recoberta de contas e refletida nos corpos das pessoas que recebem as entidades.

A religião de matriz africana considera o corpo sempre globalmente. Cada movimento e gesto “[...] é vivido como simples elemento de uma expressão humana complexa que recorre ao mesmo tempo à palavra, à memória, à tradição, aos sentidos, às reações viscerais”. (SILVA, 2005, p. 138).

Na Dança do Coco e no Terecô de caixa, o corpo dos dançarinos é motivado pelo ritmo que gesticulam acompanhando as marcações das danças. Já nos dois Bumba-meu-boi (orquestra e zabumba) os brincantes aprendem os movimentos que serão exigidos pelo compasso das toadas. Além disso, em todos os festejos religiosos (festa de Nossa Senhora da Conceição, São Benedito, Santo Antônio e outros) as pessoas da comunidade Santa Rosa preparam um cenário vivo, impregnado de orações, forças e símbolos. Nos escritos de Silva (2005, p.138):

O corpo só está vivo enquanto animado por ritmos biológicos, variados, enquanto explora o espaço e o tempo por gestos ritmados. Durante muitas luas, preso às costas da mãe, o recém-nascido continua em contato carnal com ela, percebendo os ritmos que lhe eram familiares durante toda a gestação: música da respiração, do coração e da palavra, movimentos do corpo durante a caminhada e as tarefas domésticas, linguagem apaziguadora das canções de ninar. Mais tarde, em todas as idades, o ritmo irá pontuar todas as atividades humanas, produtivas ou festivas.

Os ritmos das manifestações culturais de Santa Rosa incitam os corpos dos moradores (independente da idade), entre estes: mulheres, professoras e militantes aquecidas pela intensidade da cultura e história do seu povo. Essas educadoras conhecem e valorizam as manifestações do grupo e sentem a realidade cultural, de modo que permitem aos seus corpos vibrarem participando de todos os ritmos que Santa Rosa produz.

Observamos que em algumas atividades as professoras quilombolas motivam os seus alunos a perceberem a comunidade na sala de aula por meio: das contações de história com temáticas envolvendo as origens do grupo; desenvolvendo práticas associativas entre os conteúdos formais (aqueles obrigatórios do currículo sistematizado) com os não-formais (músicas, danças, costumes e histórias da comunidade quilombolas Santa Rosa); e realizam tentativas para modificar a realidade educacional no nível infantil pesquisando meios, especializações e formações na área da educação quilombola e infantil, pois o objetivo das educadoras é qualificar os seus alunos para enfrentarem os outros níveis da educação básica, fazendo-os reconhecer que são seres ativos na comunidade capazes de reivindicar os seus direitos e rejeitar palavras e ações preconceituosas.

Diante do exposto, as referências culturais da comunidade quilombola Santa Rosa, devem ser respeitadas e concebidas no ambiente escolar. Assim, os ciclos festivos, os ritos, o acervo sagrado, os ritmos, os símbolos, ou seja, o patrimônio cultural do grupo no currículo escolar será o diferencial. E, no quilombo Santa Rosa, a educação de qualidade é aquela que valoriza as potencialidades do grupo.

Este item apresentou, brevemente, algumas manifestações culturais de Santa Rosa e as suas formas de ensinamento, como a ideia de coletividade, respeito, valorização e integração entre as pessoas através das várias linguagens (corporais, orais e espirituais). Nos tópicos seguintes, faremos a exposição das diretrizes educacionais que norteiam a educação infantil e quilombola, concatenando com a importância da linguagem corporal no processo de ensino e aprendizagem.

3.2 OS GESTOS SEGUEM AS DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Lei 9.394/96, que estabelece as Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os processos normativos se desenvolvem com a socialização e interação entre as pessoas e os fenômenos sociais. Assim o artigo 1º discorre: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p.1).

A educação ocorre em todas as instituições sociais: família, escola, comunidade e outras. A LDB disciplina a educação escolar, definindo a estrutura, organização, os princípios e fins e as obrigatoriedades que os sistemas precisam cumprir favorecendo o direito à educação. A seção II dessa lei conceitua Educação Infantil como a “[...] primeira etapa da educação básica” (BRASIL, 1996, p.14) objetivando o “[...] desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p.14).

A lei mencionada no parágrafo anterior confirma que a educação escolar está acrescida na ação familiar e comunitária. Sendo esta uma ferramenta exigida (pela maioria da sociedade) e possibilita ao homem ter noções dos acontecimentos históricos, artísticos, matemáticos, físicos e das outras ciências fundadas pela humanidade.

A educação infantil nos últimos vinte anos altera-se com a inclusão das creches no sistema educacional (antes inseridas nos sistemas de assistência social). Então, surge o desafio em ensinar crianças de 3 anos, pois torna-se explícito em lei que origina documentos especificando o perfil dos profissionais para atuarem nessa área, as atividades obrigatórias correspondentes com a faixa etária, orientações sobre as suas finalidades acompanhadas dos seus respectivos objetivos e referências que demonstram a importância do cuidar e educar nesses ambientes formais.

As Diretrizes da Educação Infantil, o RECNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) e outros documentos sobre a Educação infantil, apresentam a integração entre o cuidar e o educar, pois na ação do cuidar (cuidados físicos), importa um aprendizado, ou seja, a professora quando cuida da higiene corporal do seu aluno e orienta-o que antes e após as refeições o correto é lavar as mãos, o aluno(a) compreende e faz.

Assim, para o desenvolvimento integral da criança, os cuidados relacionais (afetivos e dos aspectos corporais) precisam estar interligados com os “[...] cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a

conhecimentos variados” (BRASIL, 1998, p. 24). Os procedimentos de cuidar e educar são diversificados, adequando-se ao contexto sociocultural da criança pequena. Como está detalhado no RCNEI:

As atitudes e procedimentos de cuidado são influenciadas por crenças e valores em torno da saúde, da educação e do desenvolvimento infantil. Embora as necessidades humanas básicas sejam comuns, como alimentar-se, proteger-se etc. as formas de identificá-las, valorizá-las e atendê-las são construídas socialmente. (BRASIL, 1998, p. 24).

Na educação infantil da comunidade Santa Rosa, as professoras cuidam e educam em consonância com a realidade social e cultural da comunidade. Observamos em suas ações a preocupação com os cuidados corporais (atenção para os objetos cortantes, manejo dos materiais na sala de aula e fora dela, a relação corporal entre os alunos como escoriações, por exemplo), cuidados com a higiene (lavar as mãos, escovar os dentes e outros), cuidados com a afetividade (de acordo com a situação a professora parabeniza ou estimula o seu aluno a continuar por meio de reforço positivo e gestos afáveis como beijar, abraçar e outros).

A integração “cuidar e educar” pode ser desafiadora na prática pedagógica, exigindo das profissionais habilidades peculiares e em concordância com as necessidades da criança. Logo, para haver essa associação é preciso ser um profissional comprometido, compreendendo as singularidades das crianças pequenas e sendo solidário com as necessidades delas.

Nesse contexto, o “cuidar e educar” da criança pequena, é “[...] sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades” (BRASIL, 1998, p.25).

Nas creches (crianças até 3 anos de idade) e na pré-escola (crianças de 4 a 5 anos de idade) as professoras têm a intencionalidade de conduzir as crianças pequenas para conhecer o mundo através da: natureza e sociedade, matemática, música, linguagem oral e escrita, também desenvolvendo atividades de movimento e artes visuais.

O RCNEI define os eixos de trabalho das professoras e os apresenta por meio de orientações, como concepções para organização do currículo das instituições de ensino infantil. Esse documento apresenta uma educação plural, sendo perene o respeito à criança, possibilitando a ela o acesso aos bens culturais e à socialização sem discriminação. Conceituando o RCNEI, este é o:

[...] conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (BRASIL, 1998, p. 13).

E a sua função é:

[...] contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais (BRASIL, 1998, p.13).

Neste referencial estão algumas funções do professor da Educação Infantil, apontando como primordial para sua ação educativa, “[...] os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostas” (BRASIL, 1998, p. 33). Para considerar os conhecimentos prévios dos alunos, o professor necessita elaborar práticas e realizar um planejamento objetivando conhecer os pensamentos e experiências dos seus discentes.

Porém, algumas crianças podem ter dificuldades para expressarem as suas ideias oralmente e os educadores que atuam nesse nível podem se perguntar: O que fazer? A resposta está na linguagem corporal, esquecida por alguns professores, sendo este o meio de comunicação presente nos processos educativos e independe da linguagem oral para existir. O corpo como sistema recusa a ideia de ser um suporte ou instrumento para aprendizagem, este é envolvido de códigos expressivos sendo a própria linguagem.

Neste contexto, a observação acurada dos gestos e expressões dos alunos deve ser instrumento contínuo, presente nas suas estratégias de ensino e nítido em seu planejamento. Como afirma o RCNEI:

[...] os gestos, movimentos corporais, sons produzidos, expressões faciais, as brincadeiras e toda forma de expressão, representação e comunicação devem ser consideradas como fonte de conhecimento para o professor sobre o que a criança já sabe. (BRASIL, 1998, p.33).

O professor também pode conhecer os seus alunos através das brincadeiras. As crianças comunicam-se por intermédio delas como uma linguagem infantil imitativa. E nelas é provável denotar a imitação das suas crenças, valores, comportamentos dos adultos e representar aquelas manifestações ou experiências marcantes adquiridas nos processos educacionais. Pontuando o RCNEI, “[...] no ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser” (BRASIL, 1998, p.27). No

plano das interpretações, o educador necessita desobstruir a sua visão e observar com detalhes as evidências, analisando os símbolos geradores das ações imitativas.

Nas Referências Curriculares Nacionais para Educação Infantil, a ideia de corpo é abarcada nas capacidades de ordem física que estão “[...] associadas à possibilidade de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, ao auto conhecimento, ao uso do corpo na expressão das emoções, ao deslocamento com segurança” (BRASIL, 1998, p. 48). É indispensável que a escola elabore estratégias para promover ao aluno instrumentos que colaborem para o reconhecimento da sua inteligência corporal.

A criança pequena está disposta a aprender e o seu corpo carece de experiências. Ela procura o dinamismo nos objetos e nas ações das pessoas, as suas abstrações estão em formulação, e o corpo faz-se presente na edificação das suas subjetividades.

As professoras precisam conhecer os seus alunos para trabalhar em prol do desenvolvimento deles e o corpo (quando é considerado no processo educacional) torna-se o esteio para estabelecer relações favoráveis. É nele que passa as emoções, sensações e percepções sobre as pessoas e as instituições sociais.

Além da preocupação com corpo enquanto estrutura e matéria, também é contemplado como emissor e receptor de símbolos; sendo descrita a linguagem corporal como umas das maneiras de manifestar diferentes intenções e absorver variadas situações do seu ambiente escolar ou não. Portanto, uma das práticas da educação infantil é organizar ferramentas ou métodos para estimular o discente a:

[...] utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva; (BRASIL, 1998, p.63).

Para possibilitar a efetivação desse objetivo na Educação Infantil e “[...] os vários momentos do dia que demandam mais espaço livre para movimentação corporal ou ambientes para aconchego e/ou para maior concentração” (BRASIL, 1998, p. 69) requer pesquisa, organização e planejamento.

O professor pesquisador conhecerá os instrumentos, o momento e o espaço adequado para aplicar os seus estudos, após empregar as suas investigações na prática, organizará as ideias que foram satisfatórias e em seguida ampliar as suas bases teóricas e práticas em seu planejamento, refletindo sobre suas ações e avaliando-as. Sendo assim, um processo contínuo de organização e reorganização.

Logo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil tem caráter normativo e retrata o padrão de desejabilidade. Esta, de maneira geral, desafia (enquanto norma) os sistemas educacionais a pensar no desenvolvimento integral da criança, considerando o seu convívio no ambiente escolar.

Estão inseridos nas propostas dessa norma os princípios “Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010, p.16). É vital para as crianças desenvolverem atividades que possam estimular os itens pontuados nos princípios Estéticos, pois elas precisam compreender os seus espaços, as suas histórias e de outros grupos, participarem da sociedade e (enquanto criança) despertarem a vontade de frequentar a sua comunidade ou outros grupos com autoestima.

Quando falamos em autoestima das crianças, nos referimos ao respeito das singularidades de cada uma, considerando dentre os vários aspectos, os corporais e culturais. Elas possuem uma natureza particular que as caracteriza como pessoas ressignificadoras do mundo.

A educação infantil, assim como os outros níveis educacionais em muitas culturas e também na africana “[...] tem um sentido de constituição da pessoa e, enquanto tal, é um processo que permite aos seres humanos tornar-se pessoas que saibam atuar em sociedade e que possam conduzir a própria vida” (SANTANA, 2006, p. 39). A educação formal passa por etapas e no percurso dessa criança: ações, posturas, palavras, gestos e expressões são sentidas e possivelmente absorvidas, constituindo a sua subjetividade como ser: humano, psíquico, social e cultura, ou seja, em todos os seus complexos.

Desta forma, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação infantil no âmbito da organização do espaço, tempo e materiais, apresenta que a educação formal e sua representante física, a escola, precisa: “[...] estabelecer uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade” (BRASIL, 2010, p. 19). A comunidade educa, transforma e exige, desde os pequeninos, uma postura social, sendo assim inescusável a escola conhecer os objetivos e princípios norteadores do grupo que a criança interage.

Ainda de acordo com as Diretrizes, tais fazem referência ao “[...] reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (BRASIL, 2010, p. 21). É um preceito geral. Em outras palavras, toda criança pequena precisa reconhecer, valorizar e respeitar as culturas africanas e afro-brasileiras. Falando sobre a criança pequena quilombola,

elas devem conhecer a história e cultura dos seus antepassados e renegar qualquer ação racista e discriminatória. Mas, também, necessitam conhecer e respeitar outras culturas e histórias.

Continuando as reflexões as propostas pedagógicas para educação infantil dos filhos (as) de agricultores, extrativistas, ribeirinhos, assentados e acampados, quilombolas, povos da floresta e outros, descrevendo que as crianças pequenas devem:

Reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;
 Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;
 Flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;
 Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;
 Prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade. (BRASIL, 2010, p. 24).

Essas propostas são pontos primordiais para constituição de uma educação formal de qualidade no campo. A ausência de alguns desses pormenores, pode extinguir da educação do campo a sua configuração básica de ensino. Cada comunidade insere no currículo e nas propostas pedagógicas da instituição de ensino: as suas características, o seu calendário, a sua rotina, suas tradições, aspectos históricos e sociais do grupo, assim, a educação formal torna-se diferenciada e significativa para as crianças pequenas.

Tratando-se das práticas pedagógicas, nas DCNs para Educação Infantil os eixos norteadores são as interações e brincadeiras. Eles devem garantir várias experiências, entre elas:

Promover o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
 Favorecer a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

Incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;
 Promover o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;
 Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras. (BRASIL, 2010, p. 25-27).

Dentre as doze experiências expressadas no documento, destacamos cinco experiências que trabalham, especificamente, a linguagem corporal. A primeira experiência

desafia os educadores da educação infantil a enriquecerem as suas práticas pedagógicas para promoverem o conhecimento através das expressões, dos aspectos sensoriais e corporais.

As crianças pequenas conseguem sentir os fenômenos naturais e sociais quando há interação. Por isso experiência destas devem ser pautadas nas ações de: pegar, amassar, cheirar, ver, correr, gesticular, dançar, acariciar e outros tipos de contatos com os outros e o meio, que possivelmente propiciará às crianças a criação do seu próprio mundo, com suas individuais interpretações.

Assim, as várias formas de expressão (presentes no item dois da citação): gestual, verbal, plástica, dramática e musical favorecem a criança pequena a inteirar-se com a sociedade e suas evoluções históricas. Sendo responsabilidade da escola organizar: o tempo, espaço, recursos e formar as educadoras para evidenciar em seus planos atividades com essas propostas.

Destacamos a importância da linguagem corporal no processo de ensino e aprendizagem para explorar o mundo, seja ele: natural, físico, social e temporal (com referência ao terceiro ponto da citação). E, através dele, incentivar a curiosidade, conduzindo a criança a desenvolver uma postura questionadora.

Quando os professores da educação infantil conhecem as suas funções, eles prosperam em suas práticas pedagógicas no ambiente formal. O educador ao executar em seu plano de aula, ele sinaliza a sua postura e demonstra preocupação ou não com o desenvolvimento do seu aluno.

No planejamento do professor da creche e pré-escola é necessário evidenciar os objetivos, a metodologia e os recursos pautados na interação da criança com as diversas manifestações: musicais (trabalhando movimentos corporais para realização dos sons, usar os sentidos para sentir os ritmos), artísticas (observar, contextualizar e produzir obras), cinematográficas (interagir com os sentidos para compreensão dos gestos e movimentações em um cenário), fotográficas (conhecer as impressões históricas através das imagens fotográficas).

Assim como atividades que possam envolver: a dança (mover expressivamente o corpo), o teatro (movimentar o corpo interpretando uma situação, performatização dos gestos, expressões faciais e corpóreas), a poesia e literatura (escutar, compreender os vários gêneros literários, expressividade corporal das professoras na contação de história, declamar poemas-recitais).

Fazendo referência ao quarto e quinto ponto da citação. A interação e o conhecimento das tradições culturais brasileiras ao serem relacionadas com as manifestações:

musicais, artísticas, cinematográficas (e todas as outras anunciadas nos parágrafos a cima) ampliam a visão corporal, educacional e global da criança. Proporcionando a ela o aprazimento diante a prática dos professores no ambiente escolar, ou seja, provavelmente a criança sentirá vontade de participar das atividades, interagir com seus professores e amigos da sala conquistando experiências.

Observamos na LDB, no RCNEI e nas DCNs para Educação Infantil, a criança como sujeito transformador, com necessidades que precisam ser consideradas e respeitadas. Esse ser em formação que observa, experimenta, sente, interpreta e absorve as circunstâncias do meio social.

Essas leis, orientações e normas que regem a educação infantil, apresentam a importância da criança pequena em sentir as várias manifestações, utilizando as diferentes linguagens, entre elas as corporais. Podemos conceber que a ação educativa formal deve estar amparada na legislação, porém não desobriga a inclusão de aspectos culturais específicos de cada grupo ou comunidade.

As regras, objetivos e propostas integrantes nesses documentos são gerais para educação infantil do sistema brasileiro. E precisam se efetivadas no ambiente escolar. Contudo, na escola quilombola existem características arraigadas nos costumes, tradições e história da comunidade. Já que a cultura e a preservação da identidade quilombola precisam ser incorporadas no universo escolar.

3.3 A LEI E O CORPO: EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

O caso da cultura e a preservação da identidade das comunidades quilombolas repercutem no âmbito educacional. E a luta é pelo reconhecimento da cultura e da história e a sua inserção na legislação que norteia a educação.

Para os moradores da comunidade de Santa Rosa a Educação é essencial, mas poderia ser melhor, como pontua a moradora da comunidade “[...] a educação em termo de conhecimento contribui um pouco, ela traria muito mais e mais se fosse respeitada as potencialidades da comunidade” (moradora da comunidade, depoimento/ julho, 2016).

Considera-se como conquista a lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, correspondente às Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial do de ensino fundamental e médio a obrigatoriedade do estudo sobre a “História e Cultura Afro-Brasileira”. Como retrata no

art.26, A da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional): “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 1996). Como também surge através da lei 10.639 a proposta do diferencial curricular, nos parágrafos § 1º e § 2º do artigo citado:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 1996, p.79).

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRANDÃO, 2007a, p. 80).

De acordo com os parágrafos citados, Brandão (2007a, p. 79-80) coloca em seus comentários que é importante inserir esses conteúdos curriculares, independente se os estabelecimentos são públicos ou privados.

Reportando para escola quilombola em Santa Rosa, a lei 10. 639/03 é uma exigência da comunidade sendo realizada em todas as etapas da educação básica. Porém, na educação infantil conseguimos captar o efeito da lei porque há o diferencial que as professoras são quilombolas, conhecedoras da lei referida e desenvolvem atividades corporais, expressivas e sensoriais com as crianças pequenas aplicando os seus conhecimentos formais (adquiridos no ensino superior) atrelando com suas experiências na comunidade.

As outras etapas da educação básica (o ensino fundamental e médio), tornam-se complexas para trabalhar as peculiaridades da comunidade, pois a maioria dos professores são do município de Itapecuru-Mirim/MA ou de outras localidades do estado que cumprem a sua carga horária e deslocam-se para outras escolas desconhecem a lei 10.639/03, ou conhecem mas sentem dificuldades em desenvolvê-la e estão distantes da realidade dos seus alunos, apenas explorando os conteúdos, favorecendo uma aprendizagem sem significação.

A educação escolar quilombola segue as diretrizes da educação básica e essa norma orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação escolar quilombola. Conforme a normas a educação escolar quilombola é:

Desenvolvida em unidades educacionais inscrita em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico – cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação

Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, 2013, p. 425).

As normas direcionadoras da educação escolar quilombola apresentam algumas exigências: a escola deve estar contida em terras quilombolas; a pedagogia é diferenciada respeitando as peculiaridades da comunidade; os profissionais da educação com formação adequada para atuar nesse espaço; e a estruturação e o funcionamento dessas unidades precisam reconhecer e valorizar a diversidade cultural do grupo.

A educação formal nos territórios quilombolas surge através estrutura centralizada e normativa. E entre as características principais apresenta-se a escola, que aparece no contexto como o espaço destinado para sistematizar os saberes; os alunos, que podem ser crianças, jovens e adultos que inseridos no sistema educacional conhecem e constroem conhecimentos científicos; e os professores, que são os mediadores do conhecimento, fazendo com que o aluno participe ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

A educação observada no âmbito formal tem como objetivo o desenvolver das potencialidades dos educandos, inserido-os em uma sociedade bastante complexa que exige dos indivíduos o conhecimento para se estabelecerem enquanto participantes ou cidadãos ativos. Portanto, algumas comunidades quilombolas reconhecem a importância da educação escolar, visando promover transformações a partir da Educação. Assim, ser quilombola, para alguns, é viver uma vida simples, lutando diariamente pela sua terra, acreditando e tendo esperanças que o movimento negro mudará a realidade da educação escolar nas comunidades remanescentes de quilombo.

Em Santa Rosa as professoras e “filhas da terra” expõem em seus depoimentos o quanto é importante uma escola dentro da comunidade e os seus benefícios, fazendo com que as crianças consigam ler e escrever (serem alfabetizadas); aprendam os conhecimentos matemáticos, físicos, químicos, históricos, biológicos, geográficos, artísticos e outros.

A escola abrange todos os setores da comunidade sem que nenhuma criança, jovem ou adulto se desloque do seu grupo para estudar no município mais próximo. Como a professora quilombola A afirma: “A importância da escola na comunidade é manter as pessoas na própria comunidade. A gente tem um sonho realizado de dar uma escola para comunidade.” (A, depoimento/ junho 2016).

A professora comenta que a Lei 10.639 “vai fortalecer a educação” e afirma que:

[...] através dela a educação formal dentro dos quilombos poderá obter significação em termo de aprendizagem, pois o professor que respeita o seu aluno enquanto remanescente de quilombo, a escola que desenvolve um trabalho de qualidade e os

alunos que se identificam com a história dos seus antepassados, estudando para no futuro trazer benefícios para o grupo, trará um retorno positivo para comunidade (A, depoimento/ junho 2016).

Esse é o desejo das professoras quilombolas, expressado pela educadora A. Os moradores de Santa Rosa, assim como em outras comunidades quilombolas, anseiam por uma escola estruturada no respeito à história e cultura do seu grupo.

Consoante com as deliberações da Conferência Nacional de Educação (CONAE - 2010), as DCNs para Educação quilombola também seguem as suas orientações, dentre estas é “[...] assegurado que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores /as oriundos /as das comunidades quilombolas” (BRASIL, 2013, p.132).

Na comunidade Santa Rosa as professoras são oriundas da comunidade e atuam na educação infantil, com o intuito de construir junto com seus alunos uma postura estimada nos valores da terra.

Ser professor quilombola é oportunizar para as crianças quilombolas momentos culturais, artísticos e históricos que trabalhem: as ciências naturais, humanas e sociais da sua comunidade e de outros grupos existentes no mundo. Também, propiciar a leitura dramatizada de contos e histórias dos seus antepassados; apresentar as cantigas de roda e brincadeiras das manifestações populares da região e observar a linguagem corporal da criança (elas comunicam e expressam suas vontades e sentimentos sobre qualquer situação com o corpo, ele fala com seus próprios códigos).

As legislações educacionais orientam e normatizam os sistemas de ensino e cabe a gestão, professores e todos os profissionais da educação participarem satisfatoriamente com a formação das crianças pequenas. Nas normas e nos documentos citados, a linguagem corporal permeia, mesmo que indiretamente, e todos os participantes da unidade de ensino precisam compreender que seus gestos, movimentos e expressões tanto estimulam como podem prejudicar no desenvolvimento da criança pequena.

A ação de cuidar e educar são responsabilidades de todos da instituição. Porém, os professores tornam-se o espelho, ou melhor, eles refletem: ações, gestos e expressões da comunidade, bem como: as leis do grupo, das diretrizes educacionais e da pedagogia diferenciada.

A criança pequena interage com os fenômenos que envolvem a sua comunidade e o mundo dos adultos através das suas individuais concepções, ou seja, as funções psíquicas das crianças estão (intimamente) interligadas com as expressões culturais, e em alguns momentos presentes nos gestos, ações, sentimentos e manifestações corporais das educadoras. O processo educacional está arraigado nas relações socioculturais. De acordo com Leontiev (1978, p.272):

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação.

E, ao longo das relações, a criança adquire: diferentes sensações, reproduz gestos, reconstrói expressões e absorve percepções corporais, em especial, dos seus professores, o sujeito mediador do processo de ensino e aprendizagem.

4 OS PASSOS MARCADOS PELO MÉTODO

Ando na minha terra, cuido dela,
vivo para ela, sou daqui de Santa Rosa.
E tenho paixão pela minha comunidade
(Moradora da comunidade, depoimento/junho 2016)

Na caminhada pela pesquisa: conhecemos terras, pessoas e culturas. E marcamos a trilha das investigações através dos: depoimentos, observações e entrevistas. As inclinações para definir o método parte da seguinte pergunta: Como procurar a (s) resposta (as) para esse problema? E desta forma, vários questionamentos surgem; estudos são realizados; interações com a comunidade são reavivadas e as interpretações dos fenômenos são escritas para serem conhecidas.

Assim, a ação de pesquisar é desenvolvida mediante “[...] o curso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos e técnicas de investigação” (GIL, 2010, p.1). Podendo ser definido como o procedimento sistemático. Tendo os métodos como alicerce, o pesquisador “[...] busca conhecimentos específicos, respostas ou soluções para o problema estudado” (FACHIN, 2006, p. 139). Com as descobertas ocorridas no processo da pesquisa, os métodos podem ser alterados, técnicas aperfeiçoadas e parâmetros reorganizados para suprir as necessidades que circundam o estudo.

Dessa maneira, o trabalho configura-se como um estudo de caso, exploratório e descritivo, com natureza qualitativa. A coleta de dados é diretamente no ambiente, apresentando-se como uma pesquisa de campo. Assim, Gil (2010) descreve que a pesquisa pode ter uma diversidade de ambientes por isso várias técnicas e métodos podem ser agregados, obtendo alguns delineamentos como: a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa experimental, ensaio clínico, estudo de caso e outros.

Em geral, as pesquisas acadêmicas requerem a ação de explorar e aprofundar a temática que envolve o problema; assim a pesquisa bibliográfica está presente em todo processo, sendo conceituada por Gil (2010, p.29), como aquela que “[...] é elaborada com base no material já publicado, tradicionalmente, esta modalidade incluiu o material impresso”, mas nesse trabalho outros tipos de fontes e meios de informação foram utilizados na ampliação da temática.

Atrelado à pesquisa bibliográfica, foi desenvolvido o estudo de caso que é “[...] uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais” (GIL, 2010, p. 37). É um estudo de um ou poucos sujeitos, objetos ou fenômenos, ampliando o

detalhamento ao descrever os resultados das investigações. Com o intento de observar a gestualidade e expressividade na prática educacional das professoras quilombolas na U.E.B. escola Quilombola Elvira Pires, localizada no município de Itapecuru – Mirim/ MA, optou-se como método de pesquisa o estudo de caso “[...] que é usado em muitas situações para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, sociais, políticos e organizacionais” (YIN, 2015, p.4).

Conforme Figueiredo e Souza (2011, p. 90), “[...] o método é a forma de proceder ao longo do caminho”. Com isso, serão exibidos os procedimentos, o local, os participantes, os instrumentos e a técnica de análise dos dados, com o propósito de apresentar o trajeto percorrido para alcançar os resultados obtidos.

4.1 DESCOBRINDO OS PASSOS DA PESQUISA

Pesquisar a linguagem corporal no processo de ensino e aprendizagem na comunidade quilombola Santa Rosa implica o despojar de preconceitos e a predisposição para assumir uma postura acessível diante das manifestações que serão observadas. Ao pesquisar as influências, expressões e movimentações corporais das professoras em sala de aula, aprendemos com elas que “[...] o conhecimento é uma obra coletiva” (CHIZZOTTI, 1995, p. 82), pois através do diálogo e das observações realizadas, as docentes apresentaram estratégias, posturas e demonstraram as suas dificuldades em sala de aula, propondo ações diversificadas para transformar e organizar o processo.

O pesquisador necessita vivenciar o espaço e observá-lo com concentração, uma vez que para captar o fenômeno estudado e o seu universo, é importante conhecer o contexto dos informantes e o campo da pesquisa. Visto que o homem é um ser social, que vive e interpreta as referências do seu meio e de outros construindo conhecimento. De acordo com Fonseca (2002, p.10):

[...] o homem é, por natureza, um animal curioso. Desde que nasce interage com a natureza e os objetos à sua volta, interpretando o universo a partir das referências sociais e culturais do meio em que vive. Apropria-se do conhecimento através das sensações, que os seres e os fenômenos lhe transmitem. A partir dessas sensações elabora representações. Contudo essas representações, não constituem o objeto real. O objeto real existe independentemente de o homem o conhecer ou não. O conhecimento humano é na sua essência um esforço para resolver contradições, entre as representações do objeto e a realidade do mesmo. Assim, o conhecimento, dependendo da forma pela qual se chega a essa representação, pode ser classificado de popular (senso comum), teológico, mítico, filosófico e científico.

Existe pesquisa, porque há a necessidade pelo conhecimento. O pesquisador delinea os passos para a pesquisa, escolhe os mecanismos adequados para compreender as representações e seleciona os métodos. Realizando, desde a elaboração do projeto ao caminho que será percorrido para explicar o estudo sobre o seu objeto.

Conforme Minayo (2007, p.44), a metodologia é o estudo do método, apresentando suas justificativas, técnicas, descrevendo os instrumentos de operação da pesquisa e assim articular a teoria com as ações observadas e coletas. Na sua visão ele define metodologia como:

[...] a) a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

O diálogo com o fenômeno em estudo concebe os passos da pesquisa. Assim, dialogar com as expressões, movimentos e comunicações emitidas pelo corpo do professor quilombola poderá despertar nos educadores (sejam eles de comunidade quilombolas ou não) a atenção e a exploração dele como o espaço de transmissão de conhecimento.

Para ampliar a comunicação e a compreensão sobre a linguagem corporal do professor quilombola, a interação direta com as participantes tornou-se essencial. Assim, discutimos sobre as dificuldades, conquistas e anseios no processo de ensino e aprendizagem.

Como a pesquisa é um estudo de caso baseado nos procedimentos qualitativos, isso significa que foi realizada a interpretação dos dados através do desenvolvimento da descrição de um cenário, filtrando os dados e narrando-os, de maneira que o leitor compreenda o processo e campo de pesquisa.

4.2 CONHECENDO A COMUNIDADE E A ESCOLA PESQUISADA: ESSA É SANTA ROSA

O Quilombo Santa Rosa, está localizado às margens da BR-135, a aproximadamente 18 km da sede do município de Itapecuru-Mirim e cerca de 85 km da capital do Maranhão. O povoado está na microrregião de Itapecuru-Mirim e na mesorregião: norte maranhense. A comunidade é dividida em setores designados como setor barreira funda, sítio velho (local da lavoura- cana, algodão, café), barreiras, boa vista (senzala), fugido (local de difícil acesso, para onde os escravos fugiam na época da escravidão). Também existem,

formando o território quilombola, os povoados de Pirinã, Leiro, Centro de Águida, Picos I, Picos II, Curva de Santana e Alto de São João mais Matões, Fazenda Nova, Pindaíba e Conceição.

Na História dos quilombos no Maranhão, conforme a ocupação territorial, algumas áreas foram abandonadas e outras doadas por fazendeiros para os seus escravos. Destaca-se como terras doadas o quilombo Santa Rosa, onde o Barão Joaquim Raimundo Nunes Belfort (o Barão de Santa Rosa) realizou a doação da terra, descrevendo-a em testamento datado de 1898:

Deixo para uso fruto de América Henriques e todos os seus filhos a data de terra dita no lugar Santa Rosa, lado esquerdo do rio Itapecuru, na segunda légua ao fundo, onde tive o último estabelecimento de lavoura, com uma légua de fundos e meia légua de frente, podendo roçar nas mesmas terras, sem ônus algum todos aqueles que serviram-me como escravos, durante sua vida e a dos seus, não podendo em tempo algum serem vendidas, alienadas, ou dadas em pagamento as ditas terras que constituem um patrimônio perpetuo aos acima declarados e seus descendentes⁷.

A fazenda Santa Rosa era propriedade de Joaquim Raimundo Nunes Belfort (1820 – 1898), conhecido como Barão de Santa Rosa. Em Itapecuru – Mirim, Joaquim foi tenente-coronel de milícias e major; já em Rosário, chegou a ser vereador da cidade, suplente juiz de direito e subdelegado de polícia na Vila São Miguel (Rosário).

O Barão se casou em 1883 com Maria Madalena Viana Henriques, com quem teve apenas um filho. No decorrer dos tempos, após a morte da sua esposa, ele teve um filho com uma ex-escrava, chamada América Henriques (escrava doméstica de Maria Madalena), reconhecida pelo Barão por meio de testamento⁸.

Mesmo depois da Abolição da Escravatura, alguns continuaram fiéis ao Barão, agregando-se na fazenda Santa Rosa que, em testamento, reconheceu sua fidelidade, entregando as terras de Santa Rosa para os mesmos. O documento de doação do Barão passaria de geração para geração, sempre respeitando o mais velho dos descendentes de ex-escravos.

O Barão de Santa Rosa aparentemente reconheceu o trabalho do negro em suas terras e em testamento declara o desejo de perpetuar a história doando a terra. Contudo, para quem conhece a história do negro escravizado, compreende que os Barões ou fazendeiros utilizavam-se da mão-de-obra negra para trabalhos braçais, às vezes forçando-os a passar por

⁷ Citado no relatório antropológico (relatório de demarcação da comunidade) da comunidade Santa Rosa dos Pretos – requisito parcial para o reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

⁸ Durante a escravidão era comum no Brasil que os escravos obtivessem o mesmo sobrenome de seus donos.

situações subumanas.

Porém, muitos são os “barões” existentes, os exploradores das terras quilombolas, proporcionando conflitos, causando mortes, sofrimentos e dores para os filhos de Santa Rosa. Tratando-se de Maranhão, os quilombos são apropriados por fazendeiros, onde os mesmos cercam a área desejada e usufruem dos recursos da terra, há também uma empresa que logra destas terras. Superando os impedimentos, e almejando o reconhecimento de suas terras, Santa Rosa foi submetida ao processo de regularização fundiária, sendo reconhecida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) a área de “7.316,5112 hectares das terras de Santa Rosa dos Pretos, com 326 famílias - por meio da Portaria/Incra/Nº 355, de 10.07.2014, publicada no Diário Oficial da União de 11.07.2014” (INCRA, 2015). A ação da desapropriação das terras e o reconhecimento delas para as pessoas da comunidade são de extrema valia, pois o lugar é a essência das memórias, da educação familiar e formal e da história do povo.

Ao longo da pesquisa na comunidade Santa Rosa dos Pretos foram observadas algumas manifestações culturais e percebeu-se que o conceito de cultura transcende as várias designações sobre a palavra, visto que a maioria dos moradores da comunidade conhece e vive os seus costumes intensamente, inserindo no ciclo das gerações o que é essencial para ser filho de Santa Rosa.

Através das festividades, o povo além de mostrar a cultura da terra, também afirma a sua identidade enquanto pertencentes ao grupo. Ao exercer a interação com as pessoas da comunidade, escuta-se a palavra tradição em vários momentos, pois para a comunidade, a associação de costumes, hábitos e crenças que juntas apresentam sua cultura, recordam as práticas dos seus antepassados. E eles objetivam que as crianças, os jovens e adultos preservem a identidade cultural da comunidade.

Em Santa Rosa constatou-se que a identidade cultural está representada na religião, nas festividades, no uso de algumas expressões linguísticas; na comida e outros, assegurando com dinamicidade o processo cultural que se transforma nas relações sociais estabelecidas no tempo e no espaço.

Assim, D’Adesky apud Silva 2010 afirma que “[...] é preciso que a identidade seja reconhecida, de forma autônoma, pelos outros, existindo por si mesma, constituindo o indivíduo livre, consciente de sua individualidade, de sua liberdade, de sua história e, por último, de sua historicidade”.

Dentre os obstáculos percorridos, a comunidade ressalta a educação como o principal cursor para as transformações sociais, o percurso para a desalienação e o meio para

pleitear os seus direitos. Nessa concepção

[...] a educação só pode ser transformadora nessa luta surda, no cotidiano, na lenta tarefa de transformação da ideologia, na guerrilha ideológica (...). Por que ela pode ser transformadora? Porque o trabalho educativo é Educação em Perspectiva, essencialmente político e é o político que é transformador (GADOTTI, 1983, p.162-163).

Assim, a comunidade Santa Rosa, compõe na sua história desafios e conquistas no âmbito educacional, reivindicando o ensino de qualidade, através de: uma escola com uma infraestrutura adequada, livros didáticos que possam apresentar a história, literatura, cultura africana e afro-brasileira, recursos didáticos em condições satisfatórias, atualizações aos professores, desenvolver oficinas e atividades práticas que possam esclarecer dúvidas e denotar diferentes estratégias aperfeiçoando o processo de ensino e aprendizagem, dentre outras questões.

Visando a educação formal, a comunidade adquiriu as três modalidades de ensino: Educação infantil, ensino fundamental (maior e menor) e ensino médio. Também contendo a Educação de Jovens e Adultos.

Pode-se dizer que a educação formal é uma das conquistas da comunidade, pois antes necessitava-se de transporte escolar para estudar nos povoados próximos onde havia uma instituição de ensino, como relata a professora “V” (professora da Educação infantil e moradora de Santa Rosa):

A gente não tinha pré-escola não funcionava a creche, eu particularmente não estudei a educação infantil, muitos também não estudaram. Aqui só tinha de 1ª a 4ª série. Ai os alunos eram tirados daqui para irem a outro povoado lá em São Francisco que estudava da 4ª ao 8ª, quando terminava a 8ª os pais transferiam seus filhos para estudar em Itapecuru-Mirin ou em São Luís ou ficavam parados por aqui. (Professora V, entrevista/maio, 2016)

Para atender os anseios da comunidade, o prefeito alugou o prédio da Associação dos produtores rurais de Santa Rosa, para iniciar o funcionamento da creche “Mamãe Olivia”, sendo de responsabilidade do âmbito municipal. Deste modo, a escola permaneceu quatro anos, atendendo a crianças.

A creche era constituída por um salão (a maior área do prédio), dividido entre o 1º período e 2º período; existiam duas outras salas, havendo em uma sala o 3º período e a outra era disponibilizada para guardar materiais (depósito). Também havia uma área reservada à cantina (local onde era preparada e distribuída a merenda).

Além da creche, encontrava-se a escola Unidade Integrada Barão de Santa Rosa, fundada no dia 26 de julho de 1985 que recebeu este nome em homenagem ao Barão, conforme a história de Santa Rosa.

O primeiro prédio foi constituído na administração do ex-prefeito José Carlos Gomes Rodrigues, obtendo como diretora a professora Maria do Carmo Teles Cabral. Inicialmente, a instituição funcionava com apenas duas salas de aula e uma secretaria; tempos depois, a escola sofreu alterações, adquirindo: uma sala para diretoria, cinco salas de aula; dois banheiros; dois corredores; uma cantina e uma despensa. Nessa instituição funcionava o ensino fundamental (1^a ao 9^a), ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos), sendo de responsabilidade do âmbito estadual.

Nas entrevistas realizadas, as professoras descreveram a situação das escolas. Citaram as precariedades na infraestrutura das instituições a exemplo da creche, onde haviam diversas rachaduras na parede; os alagamentos que predominavam em épocas chuvosas tornando inviáveis as aulas e destruindo alguns materiais da instituição; as salas de aula eram apertadas e insuficientes, comparadas à quantidade de alunos. Na escola U.I. Barão de Santa Rosa, não havia um pátio, as salas não comportavam os alunos adequadamente, banheiros em condições desfavoráveis e as instalações necessitavam de uma reforma geral.

Figura 5 – Escola Mamãe Olivia (local onde funcionava a antiga creche da comunidade).



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa construção apresentada na foto é a antiga escola Mamãe Olivia, onde funcionava a educação infantil. Nessa casa, as crianças pequenas não conseguiam brincar, estudar, merendar e realizar as suas necessidades básicas com qualidade, pois além da superlotação, a escola estruturalmente estava inadequada.

Figura 6 – Unidade Integrada Barão de Santa Rosa (o antigo prédio).



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa foto representa a escola Unidade Integrada Barão de Santa Rosa, a antiga escola central da comunidade, funcionava o ensino fundamental menor e maior, o ensino médio e a educação de jovens e adultos. Nessa escola todos da comunidade estudavam, porém em condições insatisfatórias.

E pessoas da comunidade estavam incomodadas com essa situação e realizaram um movimento para melhorar a infraestrutura das escolas. Assim, tiveram várias reuniões com o prefeito da gestão anterior, visando a construção de uma nova escola.

Logo, em 21 de julho de 2013 (com o prefeito da nova gestão) foi inaugurada a escola Elvira Pires, abarcando as três modalidades da educação básica, com um amplo pátio, sala da diretoria, dos professores, laboratório de informática, banheiros amplos e adaptados, salas de aula com mesas e cadeiras adequadas, cantina organizada e está sendo construída a quadra poliesportiva. Podemos observar a escola Quilombola Elvira Pires através das seguintes foto:

Figura 7 – Unidade de Educação Básica Quilombola Elvira Pires (prédio atual).



Fonte: Arquivo pessoal.

Porém, a escola Mamãe Olivia (creche onde funcionava), no prédio da Associação dos Produtores Rurais de Santa Rosa, foi demolida pela prefeitura e está em planejamento a sua reconstrução em uma área próxima a escola construída. Por enquanto a Educação infantil está no prédio Elvira Pires. Contudo, o novo prédio não é de responsabilidade do Estado, pois o mesmo alegou que a estrutura da instituição não estava nos parâmetros do projeto das escolas públicas estaduais; assim a escola quilombola é de responsabilidade do município.

Entre os entraves e dificuldades, U.E.B. Quilombola Elvira Pires trouxe para comunidade a esperança de uma educação voltada para suas necessidades sociais.

4.3 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Em uma pesquisa “[...] todas as pessoas que participam dela são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos” (CHIZZOTTI, 1995, p. 83). Por isso, as experiências, concepções de vida e práticas são essenciais e devem ser validadas no processo. Na pesquisa qualitativa “[...] cria-se uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado que não será desfeita em nenhuma etapa da pesquisa, até seus resultados finais” (CHIZZOTTI, 1995, p. 84). Essa relação interativa e agradável é indispensável para interligar as pessoas, construindo entre o pesquisador e os participantes a experiência da coletividade e o espírito de colaboração e edificação de reflexões, diálogos e análises sobre o problema pesquisado.

Na pesquisa qualitativa “[...] todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio” (CHIZZOTTI, 1995, p. 84). Logo a comunicação entre os participantes configura-se de diferentes maneiras apresentando suas experiências e representações que elaboram conceitos.

Segundo o exposto, as professoras da comunidade quilombola Santa Rosa demonstram em suas práticas e discursos o desejo de assistir as crianças do seu território, apresentando a educação como a única rota para alcançar a ascensão do grupo. Em pesquisas e interações anteriores a este trabalho, conversou-se e vivenciaram-se manifestações e reuniões com essas mulheres militantes pela educação. Foi observado o comprometimento com o ensino, adquirindo a formação superior na área, especializações e cursos focalizadores no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.

Assim, existem atualmente 3 (três) professoras titulares (contratadas pelo Município de Itapecuru – Mirim/MA) e 2 (duas) que auxiliam no processo, totalizando 5

(cinco) professoras na educação infantil na comunidade quilombola Santa Rosa. Apresentando as professoras: a docente **M** leciona no primeiro período, alunos com 3 anos de idade, ela é formada em pedagogia e a 10 (dez) anos ministra em Santa Rosa, tendo atualmente a idade de 31 anos. Essa professora mostra-se preocupada com a educação e bem-estar dos seus alunos, desenvolvendo planejamentos e práticas pedagógicas direcionadas para as necessidades da faixa etária e maturação das crianças.

A professora **V** ministra no segundo período, continha na sua formação o magistério e observou que seria necessário aprofundar seus conhecimentos realizando o curso de pedagogia, ela tem 41 anos de idade e ensina crianças de 4 anos. Há quatro anos a professora leciona na sua comunidade de maneira intensa, almejando ampliar as suas práticas e conhecimentos realizando, futuramente, especialização ou cursos na área que atua.

A docente **R** têm 39 anos e desenvolve a sua prática pedagógica com alunos de 5 anos lecionando na comunidade a 10 (dez) anos. Ela aponta em seus relatos, os desafios enquanto alfabetizadora e demonstra-se satisfeita quando uma criança consegue ler e produzir pequenos textos. Também existem duas professoras **A** é pedagoga e **J** está concluindo o ensino superior em pedagogia e participam da formação das crianças, auxiliando nas salas que exigem outra docente, devido à superlotação das salas ou situações que podem comprometer o processo de ensino e aprendizagem.

As profissionais da educação infantil demonstram o respeito pela criança em fase inicial escolar, considerando as suas vivências e destrezas, realizando o possível para aproveitar as suas ações e linguagens nas atividades na sala de aula. Elas, as professoras quilombolas, são reconhecidas e conceituadas pela comunidade como mulheres dedicadas a educação. As educadoras dispuseram-se a colaborar com a pesquisa dialogando e apresentando seus planejamentos, pensamentos e ações pedagógicos.

4.4 A CHAVE É O MÉTODO: INSTRUMENTOS TRABALHADOS

Os dados foram coletados a partir da observação direta no campo da pesquisa, dentro da sala de aula com as participantes, no período entre os meses de abril e maio. Também foi utilizado o estudo do RTID (Relatório Técnico de Identificação e Delimitação) do território, documento relevante para titulação das terras quilombolas que apresenta as características históricas, culturais, sociais e econômicas de Santa Rosa. Além das observações e do estudo documental sobre a comunidade, foram realizadas entrevistas com as professoras da educação infantil da segunda fase (ensinam crianças dos 3 aos 5 anos de

idade).

O primeiro instrumento utilizado na pesquisa é a observação, que conforme Lakatos e Marconi (2007, p.88) são conceituados como “[...] uma técnica de coleta de dados para conseguirem informações e utilizam sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”, ou seja, “[...] não consiste em apenas ver ou ouvir, mas examinar fatos ou fenômenos que deseja estudar” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 88). Nessa pesquisa as informações foram coletadas na sala de aula, observando as aulas das professoras, pontuando as relações de interação com o aluno, anotando as posturas corporais e descrevendo, segundo o roteiro de observação, movimentos e expressões corporais que compõem a linguagem corporal das professoras.

Essa observação consistiu em compilar e assinalar os fatos da realidade da sala de aula, para isso, integrou-se ao grupo, participou-se de reuniões com a direção e professoras, explicando a pesquisa, experienciou-se de alguns momentos de planejamento para compreender os objetivos das aulas. Vivenciou-se, portanto do espaço da sala de aula. Foram presenciadas cinco aulas, uma aula de cada professora, e com isso foram obtidas mais informações sobre o processo.

Todos os instrumentos obtêm a sua finalidade no estudo, em vista disso, a observação é essencial para a pesquisa, pois através dela pode-se verificar a gestualidade, a expressividade na prática dos professores da escola Elvira Pires.

No estudo documental, ao acessar o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação das terras de Santa Rosa (RTID), o qual é primordial para a comunidade alcançar a titulação territorial, constatou-se que os passos para a titulação do território quilombola são a autodefinição quilombola, que é uma certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares e apresentada ao INCRA, com o intuito de regularizar o seu território; em seguida, a elaboração do RTID - primeira etapa de regularização fundiária que objetiva levantar informações cartográficas, agrônomas, ecológicas, socioeconômicas, históricas, etnográficas, antropológicas e outros aspectos exigidos pelo INCRA e assim identificar os limites das terras; após isso o relatório é publicado; o próximo estágio é a portaria de reconhecimento; a seguir o decreto de desapropriação e finaliza na titulação.

O Relatório Técnico de Identificação e Delimitação de Santa Rosa apresenta as origens históricas da doação do território, fotos e depoimentos das pessoas da comunidade relatando os aspectos históricos, culturais e econômicos do território, o ambiente e a produção do lugar são detalhados e seguidos de registros fotográficos. Ele foi elaborado pela antropóloga Fernanda Lucchesi (2008).

Por meio desse documento, podem-se obter informações sobre as características da comunidade, ampliando-se a ideia sobre o território quilombola de Santa Rosa e suas origens, proporcionando o conhecer do lugar em estudo.

Além da observação e do estudo do RTID, foram realizadas entrevistas com as participantes, tal instrumento tem como “[...] objetivo principal obter informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 93). Assim, foram entrevistadas individualmente as professoras, com perguntas pré determinadas visando abarcar os objetivos da pesquisa. Porém, desfrutando-se das situações que eram expostas, foi ampliado o diálogo, explorando as perguntas, conversando-se sobre experiências em sala de aula focalizando a problemática. Os objetivos foram alinhados de acordo com as perguntas da entrevista, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - A entrevista: as perguntas e seus respectivos objetivos.

OBJETIVOS	PERGUNTAS
Conhecer as concepções dos professores sobre a temática: expressão corporal na educação e sua importância no processo de ensino e aprendizagem.	(1*) Como professora da Educação infantil, você reconhece a importância da expressão corporal dos seus alunos na sala de aula? Justificar a resposta
Conhecer as concepções dos professores sobre a temática: expressão corporal na educação e sua importância no processo de ensino e aprendizagem.	(2*) Você consegue observar as necessidades corporais dos seus alunos quando está ministrando algum conteúdo (gestos que demonstram situações desconfortantes ou de não assimilação do conteúdo, inquietações e outros) ou na sua concepção há outras questões mais importantes para serem observadas no processo?
Conhecer as concepções dos professores sobre a temática: expressão corporal na educação e sua importância no processo de ensino e aprendizagem.	(3*) O corpo dos seus alunos apresentam emoções, sensações e inquietações. Como vocês reagem diante das informações corporais dos seus alunos? Ou nunca perceberam essa questão na educação infantil? Explique
Observar a gestualidade, a expressividade na prática dos professores.	(4*) As pessoas tem um vasto repertório de gestos e movimentos corporais definidos. No entanto dentro do ambiente escolar, especificadamente na sala de aula, você consegue perceber o movimento do seu corpo, as suas expressões e gestos? Quais gestos você faz com frequência? Achas que essa sua postura ou movimento pode influenciar nas atitudes dos alunos na sala de aula?
Descrição da gestualidade na relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.	(5*) As suas expressões corporais colaboram de alguma maneira no processo de ensino e aprendizagem? Exemplifique
Descrição da gestualidade na relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.	(6*) O comportamento humano é complexo. Dependendo das emoções as expressões, gestos e posturas surgem para comunicar algo. Desta maneira, descreva algum gesto ou expressão que você percebeu e definiu como uma ação desnecessária ou considerada, na sua visão, como errada? Ou você nunca percebeu? Explique.
Descrição da gestualidade na relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.	(7*) Na rotina da educação infantil há algum momento, ou atividades direcionadas para valorização da linguagem corporal, trabalhando as expressões faciais, corporais, gestos e outros? Ou não, as expressões corporais são trabalhadas no decorrer das aulas, não havendo um momento determinado? Ou, não trabalhamos e nem percebemos em nenhuma instância? Justificar
Observar a gestualidade, a expressividade na prática dos professores da escola Elvira Pires.	(8*) Em algum momento, você como educadora da educação infantil refletiu sobre a sua atuação em sala de aula, na perspectiva da linguagem corporal, ou seja, considerando que os seus gestos e expressões de maneira intencional ou não podem contribuir para construção da subjetividade do seu aluno.
Observar a gestualidade, a expressividade na prática dos professores.	(9*) Na comunidade quilombola Santa Rosa há muitas manifestações culturais que inserem no corpo uma mensagem. Assim, na educação infantil, pontuando a sua prática na sala de aula, essas expressões culturais que envolvem a linguagem corporal são trabalhadas na sala de aula? Em quais momentos? Explique
Descrição da gestualidade na relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.	(10*) Os alunos são os reflexos dos seus professores. Quais os fatores ou dificuldades você tem para reconhecer a linguagem do seu corpo em sala de aula? Ou você reconhece as suas expressões e posturas corporais? Explique.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

A entrevista surge como o instrumento que proporciona o diálogo entre o pesquisador e o participante, com o desígnio de elucidar o fenômeno em estudo, (a linguagem corporal das professoras quilombolas de Santa Rosa). As entrevistas foram desenvolvidas cumprindo as suas diretrizes, como: no contato inicial, ao se explicar a finalidade da pesquisa e sua relevância, destacando a importância da colaboração do participante para o processo; após a permissão do participante e dos órgãos competentes, registrando-se as respostas e ao término da entrevista comunicando como esses dados seriam analisados e futuramente apresentados para comunidade.

4.5 Técnicas de análise dos dados

Essa pesquisa é caracterizada como qualitativa, envolvendo entrevistas, observações, estudo bibliográfico e documental (relatando os aspectos da comunidade). Ao longo desta, foram realizadas anotações e gravações, destacando-se que todos os dados seriam descritos e fundamentados conforme as referências selecionadas no estudo bibliográfico. Assim, a análise ocorreu desde o momento da coleta dos dados, pois se refletiu sobre as observações e respostas expostas pelos participantes.

Iniciou-se o processo de análise com a leitura dos dados, após isso foi realizada a transcrição e a interpretação destes, pois “[...] a análise dos dados terá por objetivo simplesmente compreender um fenômeno em seu sentido mais intenso” (APPOLINÁRIO, 2012, p. 163), ao invés de gerar conjecturas ou implicações limitadas. Nesse contexto, analisa-se como é configurada a gestualidade e expressividade na prática pedagógica das professoras da educação infantil na escola Elvira Pires. E são descritas as posturas das professoras, suas práticas e visões sobre a temática, sem o intuito de expor situações que possam causar desconfortos aos participantes com caráter conflitante, tendo em vista que as professoras quilombolas são profissionais comprometidas com o processo de ensino e aprendizagem da sua comunidade.

5 UM OLHAR SOBRE OS RESULTADOS

Figura 8 – Obra “*Sisters*”.



Fonte: Meryl (2010).

No cenário educativo, as crianças criam e recriam. Elas compartilham ideias, elaboram estratégias e constroem o seu mundo encantado. Como podemos observar na imagem, o olhar da criança pequena sobre os fenômenos naturais, sociais, históricos e culturais, resulta em várias indagações e ela recorre a outra criança (maior) ou ao adulto do seu convívio para adquirir respostas. Mas, mesmo com as explicações, ela continua a questionar e ter as suas curiosidades.

Desta forma, a escola como instituição sistematizadora do ensino, ao cuidar e educar, está contribuindo para formação dos meninos e meninas. E é no ambiente escolar onde o professor torna-se o adulto de referência, o ser que será imitado e sentido pelas crianças pequenas. Por isso, na comunidade quilombola Santa Rosa, a Educação Infantil é edificada pelas mulheres oriundas desse território. As professoras quilombolas: participam do movimento negro, são caixeiras, dançam tambor de crioula, contribuem com a realização das manifestações culturais da sua terra e estão próximas dos seus alunos para apresentar que na escola também predomina a cultura e história do seu grupo.

Nesse capítulo, apresentaremos algumas reflexões fundamentadas nas entrevistas e observações coletadas na Escola Quilombola Elvira Pires.

5.1 CONSTRUINDO LAÇOS: INTERAÇÃO CORPORAL ENTRE O ALUNO E AS PROFESSORAS

A U.E.B. Quilombola Elvira Pires tem um espaço amplo com salas organizadas e adaptadas para as crianças pequenas e foi construída para atender as necessidades da comunidade. No prédio da escola funcionam os três níveis da educação básica: infantil, fundamental e médio.

As professoras quilombolas atuantes na educação infantil, juntamente com as lideranças da comunidade, estão engajadas com a prefeitura de Itapecuru-Mirim para edificarem um prédio destinado à educação Infantil para que neste haja uma área de esporte e lazer, banheiros adaptados e uma arquitetura que possa acolher as crianças pequenas com mais conforto.

As seguintes imagens demonstram como são as salas de aula da escola quilombola Elvira Pires.

o **Figura 9** – Sala de aula (U.E.B. Escola quilombola Elvira Pires).



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10 - Sala de aula (U.E.B. Quilombola Elvira Pires).



Fonte: Arquivo pessoal.

Na U.E.B. Quilombola Elvira Pires participamos do momento de planejamento das cinco professoras e dialogamos individualmente com as cinco docentes da instituição de ensino. Como a Educação Infantil funciona pela manhã, as professoras lecionam de 7h15 (entrada) até 11h15 (saída) e as disciplinas são organizadas para compor 5 horários, sendo semelhante a rotina da educação infantil em todas as salas. A professora recebe os alunos, arruma os seus materiais, e então os organiza no chão em roda para cumprir com as atividades, como: a oração, o pensamento do dia, contação de história (momento de dramatização).

Em seguida, os conteúdos de português e matemática são desenvolvidos (essas disciplinas são trabalhadas todos os dias) e, para completar a carga horária do dia, outra disciplina é acrescentada: artes, religião ou natureza e sociedade (são alternadas conforme o tempo e a necessidade dentro da rotina). A semana termina com as atividades recreativas na sexta.

Para compreender as percepções das professoras sobre a temática, realizamos dez perguntas de maneira individual, contextualizada e condizente com as questões éticas estabelecidas. Além disso, todas as participantes auxiliaram nos processos de entrevista e observação. A seguir, apresentaremos a entrevista.

O primeiro questionamento foi: como professora da Educação infantil, você reconhece a importância da expressão corporal dos seus alunos na sala de aula? Justificar a resposta.

A participante **M** relatou:

[...] a partir do momento em que a professora convive e conhece os seus alunos, é muito difícil não entender as expressões corporais deles. As minhas crianças têm 3 anos de idade, então, quando algumas crianças estão quietas demais, abaixam a cabeça, ou no seu rosto apresentam expressão de dor, tristeza ou alegria em alguma atividade ou situação, eu consigo perceber e vejo que é importante, estar atenta às necessidades e aos sinais que o corpo das minhas crianças apresentam. As crianças dessa idade gesticulam, se expressam e gostam de atividades que movimentem o corpo (Informação verbal).

A participante **R** disse:

[...] sim, não tem como não nos comunicarmos através da linguagem corporal. O corpo é muito presente na sala de aula da educação infantil. É impossível o professor deixar de lado as informações corporais transmitidas pelos alunos na educação infantil. Os meus alunos têm 5 anos de idade mas, independente da sua faixa etária, eles demonstram as suas necessidades, medos, tristezas. Nesse período, as crianças aprendem a ler e escrever e muitos apresentam os seus medos e ansiedades através do seu corpo. Agora o professor precisa conhecer os seus alunos e a realidade deles para interpretar a linguagem corporal. Tenho aluno que não gosta de fazer nada, nem sair da cadeira, mas eu consigo tirar o aluno da cadeira e fazê-lo se movimentar (Informação verbal).

A participante **V** respondeu: “sim, a expressão corporal da criança é muito importante porque, às vezes, têm sensações, sentimentos ou situações que eles não querem falar, mas acabamos desconfiando devido as suas expressões e movimentações”.

De acordo com a participante **J**:

[...] sim. Eles gostam de bater na mesa, dançam quando se lembram de algumas músicas e precisando de alguma coisa, para pedir na educação infantil eles usam bastante os gestos e expressões faciais. Eles utilizam o corpo para comunicar as suas vontades (Informação verbal).

A participante **A** expôs que:

[...] eu nunca tive grandes dificuldades para observar os meus alunos, pois nós somos uma comunidade que nós temos todo o histórico com a questão da negritude e da cultura baseada no corpo. Então pra mim, reconhecer a linguagem corporal dessa criança e valorizar é importante para sua construção como cidadão. Os conteúdos não influenciam tanto; claro que trabalhamos todos eles, mas a minha relação com os meus alunos é o que move as minhas aulas e posturas na sala de aula. A questão corporal é muito séria, pois a minha vida na comunidade fez com que eu valorizasse as expressões dos meus alunos. Somente quem nasceu, cresceu e vive a cultura da terra sabe o que eu estou dizendo. Os gestos e expressões dizem mais que mil palavras. Eu sou quilombola e valorizo as expressões corporais dos meus alunos e incentivo o desenvolver do corpo, através da música, dança, dos batuques, das brincadeiras de roda e de outras ações. Não fico presa aos conteúdos, esses que muitas das vezes não atendem as nossas necessidades, não falam de nós e sim de um povo estranho que desconhecemos (Informação verbal).

Nesta questão as professoras **M** e **R** relatam a importância do professor conhecer o seu aluno e assim compreender as várias formas de comunicação e expressão. Elas relatam que percebem as sensações corporais dos seus alunos, possibilitando as interpretações dos gestos e movimentos realizados pelas crianças pequenas. Nas palavras de Freire (1996, p.159):

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o que de preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.

Freire (1996, p.159) expressa que “[...] coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa”. Essa é a postura do professor. As professoras quilombolas propiciam meios para transmissão do conteúdo aos alunos, organizam o ambiente de aprendizado e planos de aula com o intuito de alcançar o objetivo principal: conduzir o docente a desenvolver as suas habilidades e aprender no seio da afetividade. As outras docentes, **V** e **J**, também afirmam que é essencial observar os seus discentes, pois os corpos deles expressam as suas vontades.

A docente **A** pontua que valoriza as expressões corporais, pois a sua vivência na comunidade, a história e cultura do seu grupo considera o corpo e suas manifestações como essenciais. Deste modo, as interações entre os professores e os alunos se estabelecem nas relações corporais. Na visão da docente, os gestos e os movimentos alicerçam o processo de ensino e aprendizagem.

A evolução da criança é sinônimo de consciencialização e de conhecimento cada vez mais profundos do seu corpo, ou seja, do seu eu total. É com o corpo, diz-nos este autor, que a criança elabora todas as suas experiências vitais e organiza a sua personalidade única, total e evolutiva (FONSECA 2008, p. 104).

É com o corpo que a criança arquiteta a sua personalidade, como afirma Fonseca (2008); logo, o conhecimento adquirido estará no corpo e expresso por ele. Conforme os relatos, as professoras mostram-se dispostas a educar e cuidar das crianças pequenas, tentando reconhecer a linguagem corporal delas.

A segunda pergunta: você consegue observar as necessidades corporais dos seus alunos quando está ministrando algum conteúdo (gestos que demonstram situações

desconfortantes ou de não assimilação do conteúdo, inquietações e outros) ou na sua concepção há outras questões mais importantes para serem observadas no processo?

A participante **M** disse:

[...] sim, consigo perceber. Quando o meu aluno não está satisfeito ou não querendo participar das atividades, eles se esquivam, ou balançam a cabeça em “sinal de não” ou brincam com algo mais interessante. Então, quando sinto que alguns alunos estão fora da atividade, paro a atividade e realizo uma atividade que para eles pode ser mais divertida e depois retomo a atividade. Mas, na minha sala eu compreendo e sinto a presença e ausência do meu aluno através do seu corpo. Houve um caso que eu estava envolvida na aula com os alunos, quando um deles estava realizando movimentos lentos, não concluiu a atividade, ficou quieto com seus braços cruzados em cima da mesa e depois abaixou, em seguida a criança mostrou-se sonolenta, então me direcionei e senti o seu corpo febril, ele estava doente e tomei logo uma atitude diante da situação. Mas, como eu conhecia o aluno e sei que a sua postura não era essa, fui saber o que estava ocorrendo. No momento que a atividade não é mais interessante, alguns rolam no chão ou pegam no braço de outros amigos para realizarem brincadeiras e eu como professora preciso reorganizar a sala e motivá-los a retornar para atividade (Informação verbal).

A participante **R** relatou:

[...] eu consigo perceber as necessidades corporais dos meus alunos, pois no 3º período eu ensino procedimentos, estratégias de leitura e escrita e vejo quando eles não aprendem, alguns abaixam a cabeça, ficam brincando com algum material ou brinquedo e eu vou, converso e puxo a atenção dos alunos novamente para a aula. Estou sempre observando os meus alunos. Quando eu observo as inquietações dos alunos eu mudo a maneira de ensinar (Informação verbal).

A participante **V** expôs:

[...] consigo observar as necessidades corporais dos meus alunos. Eu tenho um aluno que desde o primeiro dia de aula mostrava-se agitado e corria pela sala, certa manhã ele chegou na sala e não correu, entrou quieto e eu continuei a aula, mas já tinha percebido esse comportamento estranho. Então, tive que parar a minha aula, porque ele estava muito diferente, fui até ele e toquei no seu ombro, quando fiz esse gesto ele vomitou em cima da mesa e estava com febre. Rapidamente peguei ele e levei-o até a sua casa (Informação verbal).

A participante **J** respondeu:

[...] todas as questões que envolvem os nossos alunos são importantes. E a linguagem corporal é uma delas. Eles se comunicam muito através dos seus gestos e ações. Quando eles não gostam de alguma atividade ou estão cansadas as crianças começam a conversar, já presenciei um aluno tirar a roupa na sala de aula, chutar o cesto de lixo, puxar as outras crianças e esse aluno apresentava essas inquietações para chamar a atenção, pois estava incomodado com a atividade, ele perdia rapidamente a concentração. Então, na sala de aula eu sempre precisava acompanhar esse aluno e perceber os momentos dele (Informação verbal).

A participante **A** retratou:

[...] eu consigo perceber quando o meu aluno não corresponde as minhas aulas. O sistema mostra que o professor é o tal do saber, ele que deve planejar, organizar e sistematizar esses conteúdos para expor, muitas vezes o conteúdo parte da mente dos dominantes. Vai de nós professores quilombolas apresentar para o nosso aluno da educação infantil o lugar que eles vivem. E digo que o saber está em cada aluno, são eles que fazem o processo ter sentido, cada criança tem a sua potencialidade e ela é diferenciada. Quando o meu aluno demonstrava inquietações através do seu corpo eu procurava em mim o que estava acontecendo de errado e depois vê se ele não compreendia ou reagia dessa maneira, porque algum problema lhe atingia. Eu tive um aluno que está no ensino fundamental, na sala ele fazia suada, batia nas mesas e sempre que possível eu aproveitava esse movimento dele. Hoje no fundamental ele é visto como aquele aluno bagunceiro, pois ele continuava tendo a mesma postura, e teve um professor de Itapecuru que não compreendia esse menino e falava da sua postura que para ele era errada e atrapalhava no momento que ele ia explicar o conteúdo. E quando eu soube disse, falei com esse professor, para ele perceber a potencialidade do menino e não ficar apontando-o como aquele que só atrapalha. A potencialidade da criança está no corpo, onde hoje ele é um tocador de mina e surpreende a comunidade batendo tambor e tocando a cabaça. Eu digo que temos que trabalhar o conteúdo, mas também observar os nossos alunos, pois se esse professor entendesse quem era o seu aluno teria a explicação para os movimentos que ele fazia (Informação verbal).

A professora **M** demonstra-se sensível às situações que os corpos dos seus alunos expressam. A ação de cuidar deve ser gerida com afetividade e respeito, e ela utiliza outras estratégias para reinserir o aluno no contexto das atividades formais. De acordo com Cunha (2008, p.581): “Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades”.

O afeto é um possível mecanismo para compreender as dificuldades e os desconfortos expressados pelo corpo dos seus alunos. Assim, a professora **R** também percebe a reação dos seus alunos através das expressões deles. Em situações de dificuldade, desatenção ou desconforto a docente atua com o diálogo e possivelmente elabora a suas estratégias para minimizar ou resolver a situação.

E as docentes **V** e **J** conseguem perceber as necessidades dos seus alunos. Em seus depoimentos, elas exprimem uma postura de docentes atenciosas e experientes diante as reações dos seus discentes. Observamos a atenção e o cuidado que as educadoras dispõem no processo de ensino e aprendizagem, e enfatizam que a professora ou o professor que atua na educação infantil precisa estar presente na sala de aula sentindo os seus alunos e motivando-os a aprender. Nas palavras de Cury (2008, p.48) “[...] a afetividade deve está presente na práxis do educador”. E observamos, nas posturas das educadoras participantes da entrevista, o cuidar e o educar através do afeto.

Nas palavras da professora **A**, o professor não é o detentor do saber, ele (re) constrói com seus alunos, sendo que todos os sujeitos aprendem no processo de ensino e aprendizagem. Ela também percebe as dificuldades dos seus alunos por meio da linguagem corporal através da estimativa dos códigos corporais, e interpreta-os de maneira a compreender as necessidades dos alunos. Nas palavras da educadora “o saber está em cada aluno”, e a educação não serve para depositar no corpo das crianças pequenas informações desconectadas da realidade que elas vivem. Além disso, na fala da docente sentimos o afeto e a empatia com o ato educativo. Assim, Chalita (2001, p.12) explica que: “[...] A educação não pode ser vista como um depósito de informações. Há muitas maneiras de transmitir o conhecimento, mas o ato de educar só pode ser feito com afeto, esta ação só pode se concretizar com amor”.

De acordo com as respostas das docentes entrevistadas, podemos identificar que as professoras quilombolas percebem a linguagem corporal dos seus alunos e interagem com eles, possibilitando um diálogo favorável para a aprendizagem.

A terceira pergunta: o corpo dos seus alunos apresentam emoções, sensações e inquietações. Como vocês reagem diante das informações corporais dos seus alunos? Ou nunca perceberam essa questão na educação infantil? Explique.

A participante **M** disse que:

[...] eu sou observadora, sempre considerei como professora da educação infantil as informações corporais dos meus alunos, e tenho uma postura tranquila diante das várias situações que surgem na minha sala de aula. Sempre percebo as emoções e inquietações transmitidas pelos corpos dos meus alunos, e busco a melhor maneira de intervir sem posturas agressivas. Quando vou intervir, utilizo o meu corpo realizando gestos que sinalizam o chamar, o abraçar e demonstro afetividade para atrair os meus alunos, pois quando iniciei na sala de aula, eu gritava e utilizava muito da voz de maneira errada. Agora, chego perto dos meus alunos e antes de falar algo, dependendo da situação, faço gestos que possam dar a ideia de aconchego para eles, que são pequeninos (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] eu, além de pedagoga, sou psicopedagoga. Aprendi que devemos observar os nossos alunos para poder conhecer quem nós somos. Então, sou suave diante das emoções, sensações e inquietações dos meus alunos, sempre com a postura de entender os meus alunos. Eu tenho uma aluna que sempre me pede um abraço e eu correspondo, pois essa criança poderia estar se sentindo carente, triste ou apenas queria me abraçar. Então, em uma atitude do aluno podem haver vários significados que somente conhecendo a criança e sua realidade para compreender ser gestos e necessidades (Informação verbal).

A participante **V** expôs que:

[...] eu sou calma na sala de aula e muito afetuosa com meus alunos. Fico sempre verificando as posturas, expressões e atitudes deles. Quando observo algo que não vai dar certo, faço as minhas intervenções de maneira tranquila, sem agonia ou pressão (Informação verbal).

A participante **J** falou que:

[...] o corpo dos meus alunos transmitem as suas necessidades, eu sempre fico atenta, observando e cuidando para compreender as emoções e inquietações. E sempre fico reagindo de maneira calma, sem assustar ou tratar o meu aluno com agressividade. Busco sempre observar e saber a situação do meu aluno, tentando compreender as suas necessidades (Informação verbal).

A participante **A** retratou que: “[...] eu fico atenta aos alunos e observo as suas potencialidades, interligando a nossa cultura com o conteúdo da educação infantil. O professor deve conhecer os seus alunos e a vida deles, pois o corpo diz aquilo que o aluno vive e é” (Informação verbal).

Considerando os depoimentos das professoras, a participante **M** relatou que é observadora e tranquila e considera os sinais do corpo dos seus alunos. A docente **R** destaca a sua postura “suave” respeitando as sensações dos docentes de modo que transparece um perfil coerente conforme as várias situações da sala de aula.

Em concordância com as palavras da professora **V**, ela é calma e afetuosa. Porém, trabalha diretamente intervindo nas expressões corporais dos alunos, quando na sua concepção algo pode resultar em uma situação conflitante. Essa professora possivelmente fiscaliza a sua sala de aula e as expressões corporais das crianças, e posteriormente realiza as suas interpretações. Mas, podem haver circunstâncias que não precisam ser monitoradas ou reprimidas com intervenções diretas. É importante a professora verificar as ânsias dos seus alunos e conhecer as suas possíveis atitudes.

Em consonância com o exposto no parágrafo anterior, Molcho (2007, p.190) expõe que: “[...] os adultos, e principalmente os professores, sempre se verão envolvidos no conflito entre a vontade de dar espaço ao espontâneo mundo dos sentimentos das crianças e a necessidade de incentivar a ordem social”. Elas organizam as suas práticas pedagógicas com uma postura observadora e sistematizadora do processo, lembrando-se dos aspectos: corporais, cognitivos, históricos e culturais.

As participantes **J** e **A**, consideram-se observadoras e agem com calma. E podemos destacar na fala da professora **A**, a expressão: “[...] o corpo diz aquilo que o aluno vive e é” (Informação verbal). Essa docente responde aos questionamentos, caracterizando a importância do entrelaçamento dos conteúdos formais da educação infantil com a cultura da

comunidade, o desenvolver das potencialidades dos alunos e destaca o corpo dos alunos como assimilador e transmissor de experiências.

As suas expressões corporais podem tornar-se imperceptíveis na sala de aula, pois “[...] o professor não tem a intenção de expressar nada com seus movimentos: o próprio movimento e o próprio corpo é que falam” (MOLCHO, 2007, p.185, grifo nosso). As docentes afirmam desenvolver uma postura tranquila, suave ou calma na sala de aula, mas há reações, gestos e movimentações que são insensíveis para suas percepções, uma vez que as suas expressões corporais são autônomas.

A quarta pergunta: as pessoas tem um vasto repertório de gestos e movimentos corporais definidos. No entanto, dentro do ambiente escolar, especificadamente na sala de aula, você consegue perceber o movimento do seu corpo, as suas expressões e gestos? Quais gestos você faz com frequência? Acha que essa sua postura ou movimento pode influenciar nas atitudes dos alunos na sala de aula?

A participante **M** disse que:

[...] algumas vezes consigo perceber os meus gestos e expressões, até mesmo porque tenho muito cuidado com eles, pois alguns gestos e expressões podem parecer disciplinadores demais e machucar os sentimentos dos alunos ou deixá-los assustados. Eu realizo o gesto de silêncio com o dedo indicador, eu franzo a testa, faço uma cara feia, finjo que estou triste quando estão fazendo bagunça na sala ou tendo alguma postura inadequada. Mas, o gesto que mais faço é pedir silêncio com o dedo indicador e esse gesto influencia os meus alunos, pois eles ficam me imitando e quando um aluno vê outro conversando ele faz o gesto de silêncio. Existe uma repetição, os meus alunos vivem me imitando e repetindo os meus gestos, por isso eles controlam a minha postura da sala de aula, penso antes de realizar alguma expressão ou movimento que possam atingir o meu aluno de maneira negativa. Eu faço outros movimentos como colocar a mão na cintura ou encostar o corpo na mesa (Informação verbal).

A participante **V** expôs que:

[...] eu tenho muito cuidado com as minhas expressões e gestos, pois tudo que fazemos nas salas de aula os meus alunos contam e reproduzem da maneira que eles compreenderam. E os meus repetem gestualmente e oralmente o que faço, como ensino e se estão aprendendo ou não. Como sou quilombola, vivo na comunidade e conheço os meus alunos e suas famílias é importante ter atenção e observar os nossos gestos, pois podemos ser cobradas por eles. Mas eu aponto com o dedo indicador para o quadro, ando muito pela sala observando à escrita e fazendo as intervenções necessárias, já coloquei a perna na ponta da mesa como sinal de cansaço e os alunos perceberam, também não fiz mais, pois eles chamaram a minha atenção, são observadores (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] eu consigo perceber os gestos que o meu corpo realiza. E para chamar a atenção dos alunos eu bato palmas e faço o gesto de silêncio com o dedo indicador, porém é mais frequente bater as palmas para chamar atenção deles, e as minhas crianças acabam imitando esse gesto nas brincadeiras, em casa, pois um pai me disse que sua filha (minha aluna) brincando de escolinha em casa, toda hora ela chamava atenção das bonecas batendo palmas, como eu faço (Informação verbal).

A participante **A** retratou que:

[...] os meus gestos eu faço com o intuito de atingir positivamente os meus alunos. Mas, eu percebo que devemos ficar conscientes aos nossos gestos, para que não possamos fazer o nosso corpo reproduzir aquilo que o sistema educacional coloca como verdade. Pois, os nossos alunos da educação infantil, chega na escola nos vendo como suas mães e que merecemos respeito, então nós sabemos que qualquer ação ruim, ou gesto negativo as crianças entendem e se afastam, criando outros sentimentos e ações que não caminham para o amor. Na relação professor e aluno deve existir a afetividade. Os meus gestos são ligados mais ao toque de carinho, ao abraço e ao beijo (Informação verbal).

A participante **J** falou que:

[...]eu consigo perceber o movimento do meu corpo, porque devemos ter cuidado com alguns movimentos, pois os alunos aprendem. Eu sou uma professora que ando bastante na sala de aula, arruando os objetos nas mesas dos alunos, colocando a mão no ombro deles, quando estou escrevendo no quadro geralmente coloco a outra mão na cintura e o gesto que mais faço é colocar as mãos na cintura, deve ser o costume, pois como danço tambor, fico muito assim na sala de aula (Informação verbal).

Professora **M** –

[...] realizo o gesto de silêncio com o dedo indicador, eu franzo a testa, faço uma cara feia, finjo que estou triste quando estão fazendo bagunça na sala ou tendo alguma postura inadequada. Mas, o gesto que mais faço é pedir silêncio com o dedo indicador (Informação verbal).

Neste quarto questionamento, as professoras descrevem os seus gestos frequentes. A professora **M** solicita silêncio com o dedo indicador, estabelecendo a disciplina, conduzindo os alunos a compreenderem que no momento da aula é importante a atenção. A docente **R** também utiliza o dedo indicador para destacar as informações no quadro.

O dedo indicador pode configura ordem ou frisar algo. Algumas professoras, em sua prática pedagógica, utilizam o dedo para indicar um assunto, exibir um aluno ou uma situação e garantir a disciplina, instituída pela escola.

Diversos gestos são desenvolvidos pelas professoras para garantir a aprendizagem e a sistematização do ensino. A escola como ambiente formal “delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e

instituí” (LOURO, 2003, p.58). Nesse contexto as professoras, desenvolvem gestos intencionais para garantir as possíveis diretrizes.

Na voz da professora **R**, destacamos o desafio em lecionar na sua comunidade: “eu conheço os meus alunos e suas famílias, é importante ter atenção e observar os nossos gestos, podemos ser cobradas por eles” (Informação verbal). Qualquer situação desconfortante poderá causar consequências conflituosas para professora quilombola.

A relação das professoras com as crianças pequenas perpassa pelo respeito, pela interação mútua, motivação e afetividade. A professora **A** atrai as crianças através da afetividade: com carinho (reforço positivo) e atenção. A figura materna é refletida pelas docentes em sala de aula, podendo transmitir segurança para a criança.

No discurso da professora **J**, ela mostra-se com uma professora observadora, expressando gestos determinantes da sua cultura, como: colocar as mãos na cintura. E trabalha interagindo no decurso das aulas pelo contato corporal.

A quinta pergunta: as suas expressões corporais colaboram de alguma maneira no processo de ensino e aprendizagem? Exemplifique.

A participante **M** disse que:

[...] na rotina da minha sala, trabalho muito em roda. Então, quando os alunos chegam eles sentam na rodinha, fazem a oração, depois realizamos alguma brincadeira de roda que trabalha com o movimento corporal das crianças, desenvolvemos brincadeiras ou cantigas que levam as crianças a realizarem expressões faciais. E sempre estou com eles acompanhando no processo. Por isso, os gestos que eu faço eles copiam e demonstram a outros adultos e crianças, isso é reflexo da minha postura na sala de aula. O meu aluno reflete quem eu sou. Vejo que as minhas expressões corporais transmitem o que eu quero e eles sentem as informações e reproduzem da sua maneira. Eu sou o espelho e o meu aluno o reflexo (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] a linguagem do nosso corpo é extremamente presente na sala de aula, eu aprendi a valorizar o corpo, pois o meu povo valoriza as expressões corporais e reconhece através dele quando alguém não está bem ou está feliz, transmite as emoções e assim faço na minha sala de aula. E sei que eles compreendam os meus gestos, por isso realizo movimentos positivos. Eu sempre sinto os meus alunos no processo de ensino e aprendizagem (Informação verbal).

A participante **V** expôs que:

[...] as minhas expressões colaboram, e faço o possível para ser de maneira positiva, pois eles nos imitam e acabam copiando as nossas ações, movimentos e gestos da maneira que chega até eles. As crianças interpretam a linguagem do nosso corpo e

reproduzem, elas são espertas e presentes no processo de ensino e aprendizagem (Informação verbal).

A participante **J** falou que:

[...] acho que sim, porque os gestos positivos, as expressões faciais que realizamos demonstrando que estamos contentes, quando batemos palmas afirmando que ele acertou e estamos felizes. Todas as nossas ações e expressões podem trazer ou aluno como afastá-los. Então, costume ter ações, movimentos e expressões que transmitem a positividade. Agora, quando realizam algo errado utilizamos também da linguagem corporal, sempre fixo o meu olhar no aluno, faço uma expressão séria e eles reconhecem que estão fazendo algo incorreto (Informação verbal).

A participante **A** retratou que:

[...] sim, tudo o que fazemos na sala de aula, pode ajudar os nossos alunos positivamente ou negativamente. Eu tinha um aluno que fazia gestos, como se estivessem montando algo eu perguntava para ele o que significava esses movimentos que ele fazia com as mãos, o aluno falou que o seu sonho era ser operador de máquinas pesadas, eu na época disse para ele continuar estudando para conquistar o seu sonho. Um tempo depois, ele me encontrou e disse como estava a sua vida e que era operador de máquinas pesadas. Fiquei feliz, mas já pensou se eu tivesse brigado com ele e mandasse-o parar sem saber das suas vontades sinalizadas naqueles gestos, talvez ele lembraria de mim como uma professora autoritária e ruim (Informação verbal).

As crianças reconstróem as **performances** das suas professoras, imitando-as. Em suas brincadeiras, as crianças constroem a sala de aula e atuam ressignificando os gestos, movimentos e expressões absorvidas pelo corpo das suas professoras. Citamos o pensamento de Vygostsky, nas palavras de Felipe (2001, p.30): “A imitação é uma situação muito utilizada pelas crianças, porém não deve ser entendida como mera cópia de um modelo, mas uma reconstrução individual daquilo que é observado nos outros”. As professoras quilombolas **M** e **V** expressaram que as crianças copiam os seus gestos, por isso precisam ter cuidado com os seus gestos. Como discurremos, as crianças pequenas reestruturam a atuação das suas professoras, inserindo suas interpretações.

As crianças captam os reflexos, os gestos e movimentos; ou seja, são sujeitos ativos no processo. Assim, as professoras **A**, **R** e **J**, reconhecem que os alunos correspondem conforme as ações destes em sala de aula.

E as cinco professoras afirmam que os seus gestos são percebidos e interpretados pelas crianças pequenas.

Evidenciamos o depoimento da professora **A**. Aquela ação do aluno mencionada pela professora na sala de aula poderia demonstrar uma brincadeira ou configurar um

desinteresse pelo conteúdo e, nesse caso, a sua atenção seria solicitada de maneira autoritária. Mas, a professora observou e questionou o aluno, trabalhou o diálogo e compreendeu a ação dessa criança.

A interação entre professor e aluno é sólida, fazendo com que a criança pudesse exprimir os seus anseios.

A sexta pergunta: o comportamento humano é complexo. Dependendo das emoções as expressões, gestos e posturas surgem para comunicar algo. Desta maneira, descreva algum gesto ou expressão que você percebeu e definiu como uma ação desnecessária ou considerada, na sua visão, como errada. Você nunca percebeu? Explique.

A participante **M** disse que:

[...] em uma situação anterior, no período que ainda estava em formação acadêmica, fui dar aula e me deparei com uma sala lotada de crianças pequenas e eu não sabia controlar a desorganização acabei batendo na mesa com a esponja e os meus alunos olharam assustados, mas depois repetiram o que fiz , batendo na mesa com as mãos ou usando algum material que tivesse perto deles, e a partir dessa ação comecei a refletir que eu não deveria ter essa atitude, pois para tudo eles batiam na mesa imitando o meu gesto. Com o aprimoramento da minha prática e desenvoltura na sala de aula, comecei a perceber quais gestos podem ser positivos ou negativos. Na hora da saída tenho o costume de dar um beijo na testa de todos e na entrada os meus alunos pedem bênção e eu abençoo todos eles. E quando me olham pela comunidade também há o costume de pedir a bênção, uma forma de respeito com a figura do professor, como se fossemos uma pessoa da família (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] eu bati na mesa para chamar a atenção dos alunos, pois estavam muito elétricos nesse momento. Foi errado, e fiquei arrependida, mas na hora eles compreenderam que deveriam ficar em seus lugares. Porém, não realizo mais essa ação, e fico atenta aos meus gestos (Informação verbal).

A participante **V** expôs que:

[...] eu sento rapidamente na mesa e percebo que é errado desço na mesma hora. Eu sempre digo aos meus alunos que devemos sentar na cadeira, não na mesa e eu termino fazendo o contrario, mas na mesma hora eu percebo e mudo de postura, porque tudo eles analisam e chamam a nossa atenção (Informação verbal).

A participante **J** falou que:

[...] eu bati com a mão no quadro e também batia na mesa dos alunos para chamarem a atenção das crianças, mas ficavam com os olhos arregalados e percebi que eu chamava para fazer alguma atividade perto de mim eles ficam com medo. Eu parei de fazer isso e aprendi que é errado utilizar esses gestos na sala de aula (Informação verbal).

A participante **A** retratou que: “[...] como eu disse, faço de tudo para não realizar gestos, movimentos e expressões vistas como erradas, pois me preocupo com as informações que o meu corpo transmite” (Informação verbal).

As professoras **M**, **R** e **J** transpareceram para os seus alunos o desespero ao baterem na mesa diante das crianças, no quadro ou utilizar algum objeto para clamar pela atenção das mesmas. As professoras precisam mostrar para os seus alunos que necessitam deles para continuarem com a prática por serem os sujeitos do processo. Mas, como agir em uma sala de aula conturbada? Então, Louro (2003, p.59) explica que: “Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar”.

Nesse contexto, surgem as estratégias impulsionadas pelos sentidos. A professora ao olhar, ouvir e sentir as suas crianças, elaborará maneiras para organizá-los, segundo as concepções da escola. Retirando dos seus corpos: ações, gestos ou movimentos que possam ser ameaçadores para constituição da criança pequena.

As professoras refletiram sobre tais ações, gestos ou movimentos e perceberam que são práticas insustentáveis e causam nos alunos o efeito contrário, ou seja, as crianças demonstram-se assustadas, retraídas e intensifica os ruídos.

Nas falas das professoras **V** e **A**, respectivamente, houve uma postura (ação) inadequada de descansar as pernas sobre a mesa apontada pelos alunos. As crianças pequenas são observadoras, avaliam e interpretam o seu universo através dos seus pensamentos, educações e interações. A seguinte professora entrevistada pontuou que é preocupante agir de maneira considerada inadequada pelo ambiente escolar, pois pode interferir negativamente na construção da subjetiva da criança.

A sétima pergunta: na rotina da educação infantil há algum momento, ou atividades direcionadas para valorização da linguagem corporal, trabalhando as expressões faciais, corporais, gestos e outros? Ou não, as expressões corporais são trabalhadas no decorrer das aulas, não havendo um momento determinado? Ou, não trabalhamos e nem percebemos em nenhuma instância? Justificar

A participante **M** disse que:

[...] eu trabalho atividades direcionadas para valorização da linguagem corporal e, mesmo assim na educação infantil, não tem como viver sem se comunicar pela linguagem corporal, acho que ela está presente na nossa vida, nas nossas relações na

comunidade em tudo. Mas, fazemos atividades que movimentam o corpo, realizamos exercícios físicos, danças, cantigas de roda que necessitam da desenvoltura corporal e na maioria dos conteúdos sempre há atividades para serem elaboradas com o corpo. A linguagem corporal reina na educação infantil, pois as crianças não ficam paradas em atividades estáticas (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] a todo o momento trabalhamos a linguagem corporal, mesmo a sala organizada em filas, separamos as cadeiras e realizamos brincadeiras em roda, cantamos músicas infantis e dançamos realizando as mímicas. Na infância, em uma sala de educação infantil é impossível viver sem se comunicar com o corpo (Informação verbal).

A participante **V** expôs que:

[...] sim, em todas as atividades a linguagem corporal está presente, não como separá-las de nós, ou destacar a linguagem oral no processo. Na verdade as maneiras de nos comunicarmos são variadas, mas na educação infantil muitas crianças se expressão com o corpo. E nas aulas de natureza e sociedade, artes e educação física trabalhamos atividades específicas como as expressões faciais, exercícios de alongamento, equilíbrio e outros (Informação verbal).

A participante **J** falou que:

[...] sempre a linguagem corporal está presente em todas as atividades realizadas na sala de aula. E há nas aulas de artes; educação física, momento que trabalhamos as atividades motoras; nas aulas de natureza e sociedade; nas contações de história, dramatizamos e assim sempre desenvolvemos atividades que trabalham as expressões e movimentos corporais (Informação verbal).

A participante **A** retratou que: *sempre valorizo a linguagem corporal e em todas as atividades ela está presente. Na verdade na minha vida a linguagem corporal é fundamental, digo com o corpo aquilo que a boca não pode ou não consegue dizer.*

As cinco professoras desenvolvem atividades que movimentam o corpo dos seus alunos. Na educação Infantil é quase impossível não considerar o corpo na execução da rotina escolar infantil. Assim,

O movimento, o brinquedo, os jogos tradicionais da cultura popular preenchem de alguma forma determinadas lacunas na rotina das salas de aula. Em algumas escolas podemos encontrar as músicas coreografadas no início dos trabalhos, o momento do parque livre ou dirigido, os caminhos com jogos ou materiais lúdicos. (MATTOS; NEIRA, 2003, p.176)

Geralmente as professoras organizam as crianças em roda para: cantar, gesticular, dançar ou brincar. Elaboram atividades intencionais, como: explorar as partes do corpo, realizar expressões faciais diferenciadas e movimentar-se das diferentes maneiras.

Indo de encontro com a ideia da prática pedagógica entrelaçada as expressões corporais dos alunos, consideramos que “[...] as atividades lúdicas são indispensáveis para a apreensão dos conhecimentos artísticos e estéticos, pois possibilitam o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da fantasia e dos sentimentos” (ALMADA, 1999, p.10).

Na primeira etapa da educação básica, o corpo e suas expressões precisam ser trabalhadas, objetivando o desenvolvimento do educando nas várias linguagens, entre elas a linguagem corporal.

A oitava pergunta: em algum momento, você como educadora da educação infantil refletiu sobre a sua atuação em sala de aula, na perspectiva da linguagem corporal, considerando que os seus gestos e expressões de maneira intencional ou não podem contribuir para construção da subjetividade do seu aluno?

A participante **M** disse que:

[...] sempre faço as minhas análises e reflexões, quando realizo gestos ou posturas que assustam ou para eles podem ser interpretadas como atitudes negativas, eu não repito fico policiando para os meus gestos ou posturas não possam ter um caráter punitivo e fazer com que eles se distanciem. Sempre penso em melhorar as minhas estratégias, e busco formações para avançar e conquistar os meus alunos com gestos e expressões positivas. Já tive relato de pais, dizendo que quando as crianças chegam em casa a brincadeira que eles gostam é de escolinha e ficam me imitando na frente dos seus familiares. Então, eu preciso ser sempre uma referência positiva para os meus alunos (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] a reflexão é constante, geralmente pedimos auxílio para as colegas e seguimos modificando posturas, estratégias e maneiras de organização do ensino para beneficiar as nossas crianças. E os meus gestos contribuem sim no processo de ensino e aprendizagem e faço o possível para ser de maneira positiva (Informação verbal).

A participante **V** expôs que:

[...] eu sou uma professora que sempre estou disposta a mudar estratégias, alterar planejamentos e projetos para alcançar o objetivo do processo. Assim, quando realizo algum gesto ou demonstro aos meus alunos que estou insatisfeita com algum comportamento, faço o possível para não machucar o meu aluno psicologicamente. Todos os meus gestos e as minhas ações as crianças absorvem (Informação verbal).

A participante **J** falou que: “[...] sim, todos os meus gestos, expressões a ações passei a refletir e observar para não atingir o meu aluno de maneira negativa, pois a minha postura como professora reflete na construção do meu aluno como sujeito” (Informação verbal).

A participante **A** retratou que:

[...] sempre faço as minhas reflexões, converso com as minhas amigas de trabalho. E a minha linguagem corporal é presente e tem a intenção de fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem. O que vale é o saber dos alunos, as suas potencialidades e assim valorizar demonstrando com gestos e expressões positivas (Informação verbal).

Em relação a esse questionamento, iniciamos com Freitas (1999, p.30) quando cita que “[...] a imagem do corpo é, pois, uma reconstrução constante do que o indivíduo percebe de si e das determinações inconscientes que ele traz de seu diálogo com o mundo”. A criança comunica, interage e participa das relações sentindo no seu corpo os fenômenos sociais. O corpo “[...] está envolvido no processo de compreender, de recordar, de se individualizar”. (FREITAS, 1999, p. 74). As professoras, quando prezam pela linguagem corporal no processo de ensino e aprendizagem, elas proporcionam aos seus alunos um ensino diferenciado e dinâmico.

As professoras quilombolas: realizam suas análises, compartilham ideias, estratégias e planejamentos para agregar valores no processo e contribuir com a construção da subjetividade da criança pequena. As palavras da professora A: “a minha linguagem corporal é presente e tem a intenção de fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem” (Informação verbal). Essa frase repercute o ideal de aprendizagem que todas as outras professoras quilombolas almejam na Educação Infantil.

A nona pergunta: na comunidade quilombola Santa Rosa há muitas manifestações culturais que inserem no corpo uma mensagem a ser transmitida. Assim, na educação infantil, pontuando a sua prática na sala de aula, essas expressões culturais que envolvem a linguagem corporal são trabalhadas na sala de aula? Em quais momentos? Explique.

A participante **M** disse que:

[...] trabalhamos sempre, aproveitando os conteúdos, principalmente em natureza e sociedade onde destacamos as danças e festividades da comunidade, não é apenas em datas comemorativas e as crianças reconhecem a cultura da nossa terra quando escutam a música, ou olham os outros realizarem os movimentos das danças. Na educação infantil, a oportunidade que temos que juntar os conhecimentos da nossa comunidade com os conteúdos realizamos, pois a nossa criança a começa a se identificar como sendo desse território (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] sim, a todo o momento nos referimos as características culturais, históricas, econômicas e sociais da comunidade. Realizamos o trabalho de interligar as características da comunidade com os conteúdos, independente das disciplinas. E trabalhamos o corpo sempre, não há como nos desvincular da linguagem corpo na educação infantil (Informação verbal).

A participante **V** expôs que:

[...] a educação infantil tem uma maneira de ensinar diferenciada, os nossos alunos aprendem os costumes, a cultura e história da nossa terra. E contamos com o auxílio de algumas famílias nesse processo de identificação, como filho de Santa Rosa. Quando chega no ensino fundamental os nossos alunos estão firmes e auxiliando os professores que não são de Santa Rosa a conhecer o território e respeitar os nossos costumes. Eu tive um aluno que o pai dele era abatazeiro (toca tambor) e como ele observava o seu pai e acompanhava nas festividades, a criança batia na mesa como se estivesse tocando tambor. E nesses momentos eu seguia com o ritmo e cantava, para descansar a mente e valorizar esse conhecimento adquirido pelo seu pai (Informação verbal).

A participante **J** falou que:

[...] sempre que possível trabalhamos as danças, músicas, histórias e festas da comunidade e a linguagem corporal está presente em tudo. As crianças da educação infantil não param quietas e o tempo de concentração é limitada, então temos que nos preparar e buscar meios para atrair os nosso alunos e motivá-los a concluir uma atividade. E observamos os conteúdos nos planejamos e fazemos ligações, dos conteúdos com os nossos costumes e manifestações culturais (Informação verbal).

A participante **A** retratou que:

[...] principalmente quando estou na sala de aula organizo em roda os meus alunos e sem filas. A roda está no meu jeito de ser e facilita a minha aproximação, é cultural, pois sou quilombola, parte da minha educação. Essa característica é presente e está dentro das manifestações culturais da minha terra. O que é da terra mostro para os meus alunos na sala de aula, não podemos ficar separados do corpo, da roda, das danças e músicas. Somos aquilo que cativamos e fazemos o outro sentir pelo corpo fora e dentro da sala de aula (Informação verbal).

As Diretrizes Curriculares Nacionais Quilombolas direcionam a educação escola quilombola e orientam que: os professores preferencialmente sejam quilombolas, deve haver provimento da formação diferenciada para as crianças, jovens e adultos da comunidade, desenvolvimento da realidade econômica, social, geográfica, histórica e cultural da comunidade na escola e garantia da participação da comunidade na escola.

Destacamos que Santa Rosa é uma das várias comunidades quilombolas que exigem a qualidade no ensino público e a valorização da sua cultura no ambiente escolar. Dentre as suas conquistas no setor educacional, podemos citar: oferta da educação básica, a reconstrução de uma escola em terras quilombolas, formações para os professores, a organização no planejamento e nos projetos instituídos pela escola.

As professoras quilombolas trabalham na sala de aula os conteúdos formais e faz uso deles para transmitir aspectos da comunidade. Como exemplo, temos a fala da professora **M**: “[...] trabalhamos sempre, aproveitando os conteúdos, principalmente em natureza e sociedade onde destacamos as danças e festividades da comunidade, não é apenas em datas comemorativas” (Informação verbal). É típico em algumas escolas lembrarem as datas: 13 de maio de 1888 (libertação dos escravos) e 20 de novembro de 1695 (dia da consciência negra) em projetos que duram uma semana ou um mês ao ano. E porque não trabalhar essas temáticas no ano todo?

Essas datas são apenas exemplos de projetos pedagógicos reducionistas. Também existe o calendário da comunidade, o qual precisa ser trabalhado na sala de aula, pois as manifestações culturais estão organizadas com as suas respectivas datas e programações.

Uma educação diferenciada de qualidade engloba as necessidades históricas e culturais do seu grupo. As marcas da cultura são desenvolvidas pelas professoras, como: as danças, a disposição corporal das crianças em roda, as músicas e seus instrumentos oriundos das festividades religiosas e a contextualização artística dos contos de origem sobre a comunidade.

A professora **V** afirma que: “[...] a educação infantil tem uma maneira de ensinar diferenciada” (Informação verbal). É pela dedicação, formação e participação ativa, que elas demonstram o fazer diferenciado.

De acordo com a fala das cinco professoras, passamos a questionar: Como é o ensino dos alunos que prosseguem para o ensino fundamental e médio nessa escola quilombola? Os professores não sendo quilombolas alteram a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem? Fazendo referência as outras modalidades de ensino, será ausente a educação diferenciada, orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Quilombolas?

Nessa comunidade, a luta pela educação escolar vigora com a perspectiva de torná-la quilombola, traçada pela cultura corporal e características genuínas do grupo.

A décima pergunta: os alunos são os reflexos dos seus professores. Quais os fatores ou dificuldades você tem para reconhecer a linguagem do seu corpo em sala de aula? Ou você reconhece as suas expressões e posturas corporais? Explique.

A participante **M** disse que:

[...] nós passamos a conhecer o nosso corpo na sala de aula quando passamos a escutar os nossos alunos, pois tudo eles observam e falam. Qualquer ação, movimento ou expressão eles comentam ou copiam, então não tenho dificuldades em reconhecer a linguagem do meu corpo, porque os meus alunos ajudam. Tudo eles apontam e repetem (Informação verbal).

A participante **R** relatou que:

[...] eu reconheço as minhas expressões e posturas, porém os alunos me ajudam a perceber, eles comentam, chamam a minha atenção, ficam assustados ou alegres, eles dizem quando estão incomodados com algum gesto ou expressão. Assim fico observando a minha postura em sala de aula, porque ela auxilia na formação do meu aluno (Informação verbal).

A participante **V** expôs que: “[...] tive dificuldades de perceber algumas posturas, mas os meus alunos falam, as minhas amigas me mostram e eu acabo observando algumas posturas e corrigindo quando estão erradas” (Informação verbal).

A participante **J** falou que:

[...] eu comecei a observar os meus alunos, se eu fizesse um gesto que afastassem eles de mim, então eu não fazia mais. Os meus gestos, expressões e movimentos são ligados às reações dos meus alunos. Por isso sempre estou atenta as respostas do corpo do meu aluno (Informação verbal).

A participante **A** retratou que: “[...] não tenho dificuldade em reconhecer a linguagem do meu corpo, ele é livre para falar, porém tudo que digo através dele deve fazer sentido aos meus alunos. E tento de maneira positiva atingir e educar as crianças” (Informação verbal).

As crianças pequenas são: observadoras, curiosas, pesquisadoras e indagadoras. Elas analisam o seu ambiente escolar, os seus professores, os colegas de sala e todos os sujeitos envolvidos no processo. Nas palavras da professora M: “[...] nós passamos a conhecer o nosso corpo na sala de aula quando passamos a escutar os nossos alunos” (Informação verbal). Eles são os sujeitos ativos no processo e exprimem as suas sensações sobre os gestos e movimentos realizados pelas suas professoras.

Nesse sentido, a professora **R** relata que reconhece as suas expressões e posturas com o auxílio dos alunos, ele interferem na sua postura em sala de aula. Assim, “[...] gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos” (LOURO, 2003, p. 61).

Os gestos das docentes são percebidos e possivelmente as crianças atribuem

formas, interpretações ou agregam em seus repertórios os movimentos das professoras.

A professora A expressiu que o seu “corpo é livre”, porém nem todas as expressões corporais podem contribuir efetivamente para a aprendizagem dos seus alunos.

Nos discursos das professoras nesta entrevista, percebemos a preocupação delas com a linguagem dos seus corpos e as suas expressões na sala de aula. Elas, por serem quilombolas, cultuam a história dos seus ancestrais e repassam aos seus alunos.

Percebemos corpos disciplinadores, aqueles que: fiscalizam, andam pela sala, usam o dedo indicador para solicitar silêncio, ações indicadoras de desespero (bater com a mão no quadro). Essas docentes obtêm as marcas da escolarização.

Em relação ao corpo, elas relatam que: põem a mão na cintura (gesto das danças tradicionais quilombolas), afaga os corpos infantis e dar sentido a gestualidade, através da afetividade.

Esse instrumento de pesquisa, a entrevista, propiciou para pesquisadora e aos participantes um momento de diálogo sobre a temática. Oportunizando: reflexões sobre a linguagem corporal, ideias para organização dos seus futuros planejamentos e desencadeou olhares diferenciados para intensificar as suas práticas pedagógicas referentes ao corpo da criança.

5.2 A LINGUAGEM CORPORAL E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: AS AÇÕES DAS PROFESSORAS

Um sorriso negro, um abraço negro traz felicidade.
Negro é a raiz da liberdade.
Dona Ivone Lara⁹

Os gestos de sorrir e abraçar exprimem segurança e aconchego. A criança pequena, ao receber demonstrações de carinho dos seus colegas e professores, começa a internalizar que o ambiente da sala de aula é um espaço aconchegante. A receptividade dos sujeitos e interação com eles aguçam os sentidos das meninas e meninos, estimulando um convívio prazeroso e uma aprendizagem tranquila.

A raiz da liberdade é notória nos gestos e nas ações pedagógicas das professoras quilombolas de Santa Rosa. A vontade, consoante à felicidade de ensinar e aprender com seus alunos, é presente em sala de aula. Elas conseguem: escutar, aplaudir, conversar, tocar, brincar, ler histórias e sorrir com seus discentes.

⁹ Yvone Lara da Costa é uma cantora e compositora brasileira. O nome da música é “Sorriso Negro”.

Para execução do trabalho de campo, solicitamos as autorizações da Secretaria de Educação do município de Itapecuru-Mirim/MA, das lideranças da comunidade, gestores e professoras da instituição. Por conseguinte, apresentamos o projeto e as autorizações ao comitê de ética da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que emitiu o parecer liberando a pesquisa.

Realizamos a pesquisa nos meses de abril, maio, junho e retornamos no mês de julho para organizarmos as interpretações. Frequentamos a comunidade em dias alternados mas as observações das aulas foram descritas na terceira semana de abril.

Dialogamos com as professoras da comunidade, esclarecendo os procedimentos da pesquisa. Elas mostraram-se disponíveis a nos apresentarem suas salas de aula e permitirem a observação de suas práticas.

Para seguirmos com as observações, utilizamos um roteiro traçando os possíveis gestos e expressões das professoras na rotina da educação infantil. Nesse viés, organizamos as observações em quatro aspectos: A Rotina na Educação Infantil; A organização da sala; Atividades elaboradas e executadas (a concretização do planejamento); 4º A postura das professoras em sala de aula.

Na primeira instância descreveremos a rotina da Educação Infantil na Escola Quilombola Elvira Pires. Ela é definida pelo sistema escolar e organizada pelas professoras em sala de aula, e os eixos trabalhados todos os dias neste espaço são: linguagem oral e escrita (língua portuguesa) e as noções de matemática básica.

A Rotina é gestada pelas professoras, conforme os horários:

Quadro 2 – A rotina das aulas na Educação Infantil

Horários	Rotina
7: 00 - Entrada dos alunos na escola 1º horário 7: 15	Recepção dos alunos, organização dos seus materiais e preparação do ambiente para início das atividades. Atividade em Roda: Quando todos estão em sala de aula, iniciam-se as atividades em roda: as professoras dialogam com seus alunos, por meio de questionamentos sobre a rotina dos seus alunos em casa, cantam, contam histórias, explicam a rotina letiva do dia na escola, trabalham a noção do tempo (ensolarado, chuvoso), o calendário (dias da semana, mês e ano), e outras atividades, conforme a faixa etária da criança e o planejamento da professora. Esse momento pode ser em roda ou organizado de outra maneira para trabalhar a linguagem oral e escrita (determinado no planejamento).
2º horário 8:15	Horário organizado conforme a série. Podem ser trabalhados alguns dos eixos: natureza e sociedade, artes, religião ou recreação (brincadeiras e jogos).
3º horário 9:15	Recreio: higienização das mãos, organização do ambiente para lanche, podendo ser realizado, ao término do lanche, um agradecimento (oração) e/ou cantar alguma música referindo-se ao momento. Em seguida, são trabalhadas: brincadeiras de roda, jogos e outras atividades recreativas. Depois, organizam a sala para realizarem as próximas atividades.
4º horário 10:15	Atividades para desenvolver as noções matemáticas (podem ser invertidos os horários, por exemplo: as atividades do 4º horário podem ser trabalhadas no 2º e vice-versa, adequado as necessidades do plano). Mas o eixo matemático deve ser trabalhado todos os dias, em todas as salas da educação infantil.

5º horário – Saída 11:15	Após a última atividade, as professoras começam a organizar a sala de aula, as atividades de casa dos alunos e todos os materiais. Para esperarem por seus responsáveis, geralmente eles cantam, escutam histórias ou realizam alguma atividade.
-----------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

A Rotina na educação infantil tem o objetivo de organizar as ações das professoras em sala de aula, mostrando para criança pequena que cada atividade tem o seu momento de execução. Também, “[...] serve para controlar a ação diversificada dos atores do dia a dia, permite a gestão coletiva das tarefas e assegura a estabilidade e a familiarização necessárias para renovação do mundo vivido diariamente” (TARDIF, 2013, p.166).

Um das características da sistematização do ensino é a organização de uma rotina, estabelecendo o início e o fim das atividades diariamente. Sendo assim, as professoras, nessa escola, flexionam os horários em concordância com: o planejamento, a idade e desenvoltura dos seus alunos.

Quando nos lembramos de uma sala da educação infantil, recordamos aquele espaço repleto de cadeiras pequenas; nas paredes, imagens representando o alfabeto ou murais com desenhos infantis; existem brinquedos, jogos, lápis de cores e papéis coloridos e um(a) professor(a) (em sua maioria mulheres) carinhoso(a) nos esperando.

É um ambiente organizado para conduzir a criança pequena a aprender e vivenciar experiências, essas que constituíram a sua identidade com sujeito social.

Assim, apresentaremos a organização da sala de aula conforme as suas atividades:

Quadro 3 – As atividades realizadas na Educação Infantil (Continua)

Professora M (crianças de 3 anos)	Professora V (crianças de 4 anos)	Professora R (crianças de 5 anos)	Professora J (acompanhando a professora M)	Professora A (acompanhando a professora V)
Iniciou a aula dispondo as cadeiras encostadas na parede, sentou com os alunos no chão formando uma roda. Trabalhou com eles noções matemáticas (calendário) e linguagem oral.	Atividade de motricidade com a professora A. Após retornarem para sala de aula, a docente preparou a roda e contou uma história.	Na entrada, as crianças chegavam e sentavam-se em cadeiras enfileiradas e aguardavam o início das atividades. Língua Portuguesa – organizaram-se primeiramente em roda (sentados no chão) e posteriormente seguiram para as suas cadeiras.	Início da aula em roda.	Recebeu os alunos e organizou os materiais das crianças. Em seguida, desenvolveram atividades com obstáculos no pátio da escola. Após, retorna para sala e deita com os alunos no chão, elaborando atividades de respiração e descanso corporal. Preparação para leitura, sentados (no chão) formando uma roda.
Natureza e Sociedade: No segundo momento	Natureza e Sociedade - organizou as crianças em suas	Matemática – as crianças sentadas nas suas cadeiras dispostas em grupos	Continua acompanhando os alunos sentados no chão,	- Continua acompanhando os alunos nas próximas atividades. Organizando

Professora M (crianças de 3 anos)	Professora V (crianças de 4 anos)	Professora R (crianças de 5 anos)	Professora J (acompanhando a professora M)	Professora A (acompanhando a professora V)
continuou com os alunos em roda e apresentou a eles um espelho.	cadeiras, formando pequenos grupos, e apresentou para a turma um saco-surpresa contendo algumas embalagens de produtos de higiene corporal.	de quatro a cinco crianças.	formando uma roda.	os alunos em grupos (sentados nas cadeiras).
Recreio – as cadeiras foram reorganizadas para esse horário	Recreio – as cadeiras foram reorganizadas para esse horário	Recreio – as cadeiras foram reorganizadas para esse horário	Recreio – as cadeiras foram reorganizadas para esse horário	Recreio – as cadeiras foram reorganizadas para esse horário
Após, teve leitura em roda. E ainda na roda a professora J (auxilia a professora M) retoma o estudo do corpo humano.	Aula de matemática contagem – as crianças sentadas nas cadeiras em grupos.	Natureza e Sociedade – sentados nas suas cadeiras dispostas em filas.	Natureza e sociedade – retoma o estudo do corpo humano. Afasta as cadeiras e realiza uma roda com os alunos (em pé). As crianças registram a atividade, sentados nas suas cadeiras.	Acompanhando e organizando as atividades com a professora V.
E por fim, as cadeiras foram novamente reorganizadas na sala em formato de círculo.	Em seguida, foram organizados novamente em roda e realizaram brincadeiras utilizando uma pequena bola. Quando chegou a hora da saída os alunos despediram-se da sua professora com um abraço.	Organizaram a sala e continuaram enfileirados, até a hora da saída.	E por fim, as cadeiras foram novamente reorganizadas na sala em formato de círculo.	-Acompanhando e organizando a atividade com a professora V (Conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Primeiramente, as salas referentes à educação infantil precisam ser amplas, ventiladas, com espaços para a realização da roda ou momentos de leitura e atividades corporais, os murais devem ter intencionalidade (ausência de decoração ou poluições visuais), outros recursos fixados nas paredes (calendários, datas comemorativas, relação dos aniversariantes, varais com atividades e outros). É fundamental a organização em sua exposição, alguns recursos visuais deverão ser adequados ao tamanho das crianças (interação com os objetos), o mobiliário compatível com a idade e aspectos ergonômicos das crianças pequenas.

Os alunos são organizados, em sala de aula ou fora dela, conforme a atividade a ser executada. As crianças pequenas necessitam de conforto para cumprirem com as tarefas escolares, pois os discentes reduzem o tempo da sua atenção e o desinteresse torna-se evidente com a ausência de uma prática agradável.

Assim, as práticas pedagógicas precisam estimular o desenvolvimento da criança. E através da organização e tranquilidade no desempenho da metodologia, elas poderão interagir e aprender com segurança.

As professoras quilombolas organizam os alunos em sala de aula, adequando estes para os procedimentos planejados. Analisando a rotina, observa-se que raramente os alunos são ordenados em filas.

Verificamos com frequência nos níveis fundamental, médio e superior a tradicional organização das carteiras enfileiradas. Nas creches e pré-escola, às vezes as crianças interagem no espaço: sentam no chão, nas cadeiras, formam grupos e realizam movimentos exploratórios (tocando nos objetos e recursos visuais).

A disposição em filas, possivelmente: centraliza a visão dos alunos em direção ao professor, o docente é configurado como detentor do processo de ensino e aprendizagem, os alunos são induzidos a absorver o conteúdo e o diálogo é verticalizado (o professor é o detentor do conhecimento, sem discussões ou reflexões sobre o conteúdo). Nessa perspectiva o aluno é analisado quantitativamente, o seu desenvolvimento escolar é mensurado pela fixação das notas, calculando o rendimento.

Na organização das carteiras em pequenos grupos ou em círculo demonstra: o corporativismo, a interação e horizontalidade nas relações. O professor avalia qualitativamente. Considerando a Educação infantil, existe em algumas instituições a “hora da roda”, momento determinado na rotina para conversar com as crianças e trabalhar algumas temáticas.

Porém, na escola Quilombola Elvira Pires, as professoras trabalham em vários momentos com os alunos sentados no chão formando uma roda. Elas possuem múltiplas valências em sua prática pedagógica e por isso a organização da sala de aula é diversificada. Seguindo a esteira de raciocínio, Forneiro (2008, p.229) informa que:

Nos últimos anos, foram dados muitos passos à frente e hoje faz parte da cultura profissional dos professores (as) dessa etapa educacional que o espaço de suas aulas seja um recurso polivalente que possam utilizar de muitas maneiras e do qual podem extrair grandes possibilidades para a formação.

A sala de aula e seus elementos nessa etapa educacional (na educação infantil),

tornam-se recursos nas aulas das docentes. Na concepção de Sacristán e Pérez Gómez (1998, p. 264), “[...] as configurações de espaço já dadas são marcos para tornar possível algumas atividades, mas outras não”. Conforme a metodologia e as práticas da professora a sala pode se transformada para atender as necessidades do planejamento.

Destacamos a predominância da roda, na organização dos alunos e das carteiras na sala de aula. Essa estrutura, para as professoras, é a melhor maneira de interagir com as crianças. Além do que, a prática em roda é frequente: nas manifestações culturais da comunidade, nas típicas reuniões entre as pessoas (para conversar) e nas celebrações religiosas (nos terreiros).

Assim, a disposição em roda pode ser considerada como prática tradicional na comunidade Santa Rosa. E ela é incorporada na sala de aula pelas professoras quilombolas.

No terceiro item, verificamos as atividades elaboradas pelas professoras e a execução delas. Descrevemos na tabela 4, a aplicação das atividades, conforme a professora e o período:

Quadro 4 – Atividades executadas conforme o período (turmas da educação infantil) (Continua)

Professoras Quilombolas	Atividades executadas
M – primeiro período	<ul style="list-style-type: none"> • A professora aproveitou para dialogar com os seus alunos, questionando: Quem dormiu cedo? Será que lá fora está ensolarado? O que vocês fizeram ontem pela tarde? Hoje é que dia? Estamos em qual mês? (linguagem oral, corporal e noção do tempo – matemática). • Em seguida, cantaram algumas músicas infantis realizando os movimentos conforme o ritmo e a letra da música (linguagem oral). • Natureza e Sociedade - Posteriormente, a professora (ainda na roda) apresentou imagens das partes do corpo humano, conversou sobre a importância com o cuidado do corpo e a professora apontava para as partes do seu corpo. Os alunos repetiam os movimentos. • Ela levou para sala de aula um espelho e as crianças observavam o seu corpo e desenharam no papel. • Leitura na roda (linguagem oral) a docente sentou na roda com as crianças e contou um conto de fadas. Quando terminaram a atividade, foram brincar de brincadeira de roda, movimentando o corpo. (professora J)
V- segundo período	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de motricidade (Professora A) • Realizou a leitura da história dos três porquinhos realizando o som e algumas expressões que remetem aos animais presentes na história. Ainda na roda, cantaram algumas músicas infantis e gesticulavam bastante (Linguagem oral e corporal). • Natureza e sociedade: Em seguida, apresentou para a turma um saco-surpresa contendo algumas embalagens de produtos de higiene

	<p>corporal e objetos direcionados ao conteúdo trabalhado (caixa de sabonete, vidros de xampu, caixas de pasta de dente, escovas de dente e cabelo).</p> <ul style="list-style-type: none"> Noções matemáticas - houve aula de matemática trabalhando a contagem, utilizando alguns objetos e cantando a música: Mariana conta um Mariana conta um é um é um é, Ana viva a Mariana viva a Mariana, Mariana conta dois Mariana conta dois é dois é dois é, Ana viva a Mariana viva a Mariana, Mariana conta três Mariana contra três é três é três é, Ana viva a Mariana viva a Mariana.¹⁰ <p>- A contagem foi até o número 10 e os alunos cantavam juntamente com a professora, batendo palmas e demonstrando alegria com essa atividade.</p> <ul style="list-style-type: none"> Leitura na roda.
R-terceiro período	<ul style="list-style-type: none"> Na aula de língua portuguesa a professora trabalhou a música “escravos de Jó”. Após a prática, os alunos realizaram uma atividade no caderno de registro. Na aula de matemática, trabalhou as noções de conjunto. Os alunos foram os elementos dos grupos e se deslocavam de um grupo para o outro conforme os comandos da docente. Em seguida, os alunos foram desafiados a constituírem os seus próprios grupos utilizando objetos no caderno de registro. Natureza e Sociedade – a professora trabalhou a alimentação saudável. Ela explanou o assunto através das embalagens dos produtos industrializados comestíveis, como: sacos de pipoca, garrafas de refrigerante, sacos de biscoito recheado e outros. E sempre questionava os alunos: Quem gosta desses produtos? Será que eles fazem bem para nossa saúde? Quais alimentos as crianças devem consumir para crescerem fortes? E assim as crianças foram respondendo. Preparação para saída – organização dos materiais.
J- acompanha o 1º período	<ul style="list-style-type: none"> A professora estava ministrando a aula sobre o corpo humano, no último horário. Os alunos em roda (em pé) e cantaram a música: Cabeça, ombro, joelho e pé Joelho e pé Cabeça, ombro, joelho e pé Joelho e pé Olhos, ouvidos, boca e nariz Cabeça, ombro, joelho e pé Joelho e pé¹¹ <p>Os alunos movimentavam o corpo realizando os comandos da música e identificando as partes do corpo.</p> <p>- Nessa aula a professora apontava para as partes do seu corpo sem cantar, apenas gesticulando. E os alunos, mesmo no fim da atividade, ainda brincavam e apontavam para as partes do seu corpo.</p> <p>- Em seguida, eles registraram as partes do corpo na folha de papel sulfite.</p>

¹⁰ Música infantil disponibilizada no site: <<https://www.letras.mus.br/galinha-pintadinha/1759804/>>.

¹¹ Letra da música infantil retirada do site: <<https://www.vagalume.com.br/xuxa/cabeça-ombro-joelho-e-pe.html>>.

A – acompanha o 2º período	<ul style="list-style-type: none"> • A professora preparou alguns obstáculos com cadeiras, esteiras e cordas e as crianças precisavam passar por eles. Ela, nessa atividade, batia palmas e deitava no corpo no chão para auxiliar alguns alunos. • A docente deitou com os alunos no chão trabalhou a respiração e o alongamento do corpo.
-----------------------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

O professor na ação de planejar, ele: observa os seus alunos, organiza os conteúdos, determina os objetivos, descreve a sua metodologia, seleciona seus recursos e avalia as crianças pequenas. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil cabe: “[...] ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los;” (BRASIL, 1998, p. 196).

A professora M: conversa, canta, dramatiza e lê para seus alunos. Ela sistematiza o aprendizado: na rotina, no horário e com as atividades planejadas, mas, preocupa-se com a interação e o constante diálogo oral e corporal. Na dinâmica com o espelho, atividade de natureza e sociedade, a professora expôs para as crianças, e todas queriam participar e tocar no espelho.

A experiência com o espelho mostra para criança os seus reflexos corporais e ela interpreta-os associando com seu imaginário. Por isso, os registros delas são únicos, demonstram as suas expressões.

Também é presente a leitura e brincadeiras em roda. Ao ler um conto a professora: fala, gesticula e realiza expressões faciais que podem despertar nas crianças: medos, alegrias, encantamentos, tristezas e outros sentimentos ou sensações.

É perceptível, na professora V, a disposição em organizar os seus alunos para execução das atividades com comandos gestuais ou musicais. Ela canta, lê histórias para os seus alunos e demonstra interesse pelas informações (da sua família ou comunidade) que eles relatam na sala de aula. Em sua prática, ela trabalhou o elemento surpresa, ou seja, ela surpreendeu as crianças, ativando a curiosidade deles para descobrirem o que havia dentro do saco-surpresa. E essa prática, ativou a gesticulação das crianças e da professora ampliando a interação para compreensão do conteúdo.

A docente cantou para ensinar a matemática. Esse eixo desvinculou-se da abstração e concretizou-se na sala de aula por meio da música infantil.

Logo a docente R, apresentou uma postura sistemática e reguladora. Estava sempre observando as posturas e comportamentos dos alunos. Mas, os objetivos das aulas

eram determinados e cumpridos conforme o conteúdo exposto.

Ela trabalhou com uma música: “escravos de Jó”, que repercute a história do negro que sofreu na escravidão e era dominado pelos senhores de terras, representado pela figura de Jó. Ela explicou a música para as crianças, depois brincaram com as letras do alfabeto, ou seja, tais letras percorriam na roda passando pelas mãos das crianças e quando a música parasse a criança que estava com a letra deveria dizer o nome da letra ou uma palavra com ela. Essa atividade associou o conhecimento: histórico, linguísticos, musical e corporal.

Tal atividade também atua ampliando os conhecimentos das crianças pequenas, com a faixa etária de 5 anos, que estão no processo sistematizador da alfabetização (leitura, interpretação e escrita). Ao trabalhar as noções de conjunto, na área matemática, a professora trabalhou os agrupamentos de pessoas e objetos, realizando movimentações corporais na sala de aula. E, em “natureza e sociedade”, ela apresentou recursos palpáveis (as embalagens de produtos industrializados) e dialogou com as crianças. É visível a interação professor-aluno.

Observando a prática das professoras **J e A**. A primeira trabalhou o corpo humano, cantando uma música infantil e gesticulando. Os seus gestos influenciaram na prática, induzindo as crianças a repetirem as ações. Após, realizaram o registro na folha, observamos que as crianças pequenas estavam livres para sentarem no chão ou nas cadeiras. Sem restrições, a menina e o menino acomodavam o seu corpo para produzir com conformo e tranquilidade.

Com a segunda professora, as crianças movimentaram o corpo na aula recreativa. As atividades objetivavam o desenvolvimento motor. Observamos a desenvoltura e o equilíbrio das crianças para ultrapassarem os obstáculos e a alegria delas quando conseguiam superar as barreiras do percurso organizado pela docente.

As docentes estruturam as suas práticas atrelando-as aos objetivos educacionais. Porém, as educadoras precisam avaliar as suas práticas diariamente e organizar os objetivos da aprendizagem, realizando a pergunta: O que eu pretendo com essa atividade? Ou, Qual a importância desse assunto para o meu aluno? E assim definir os objetivos para a aprendizagem dos alunos.

E as transformações sobre as práticas pedagógicas ocorrem quando a professora está disposta a refletir os seus planejamentos, métodos e instrumentos. Na educação infantil, as professoras são desafiadas pelas crianças pequenas a: interagir, criar, fantasiar, dramatizar e estudar sobre os aspectos: psíquicos, cognitivos e sociais da pequena infância. No discurso de Oliveira (2013, p.8-9) compreendemos que: “As transformações das práticas docentes só se efetivam à medida que o professor amplia sua consciência sobre a própria

prática, a de sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõem os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade”.

Conforme as palavras da autora, as professoras em suas práticas precisam ter “[...] os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade [...]”, mas para isso é necessário que elas ampliem “[...] a consciência sobre a própria prática” (OLIVEIRA, 2013, p.8-9).

As professoras quilombolas almejam aprimorar as metodologias e didáticas para conduzirem as crianças pequenas a sentirem os conteúdos de maneira significativa e concreta. Para tanto, elas buscam atualizações na área pedagógica e dialogam entre elas, com as coordenadoras e outros profissionais da educação que possam colaborar com a sua atuação na sala de aula.

Discorrendo sobre a postura das professoras, observamos: a disposição, o cuidado, a atenção e a vontade de ensinar das docentes. E através: das pesquisas bibliográficas sobre a Educação Infantil, os relatos das docentes na entrevista e a ação pedagógica delas na sala de aula, podemos compreender que a educação infantil é:

Construída de relações educativas entre crianças – crianças – adultos, pela expressão, afeto, a sexualidade, os jogos, as brincadeiras, as linguagens, o movimento corporal, a fantasia, a nutrição, os cuidados, os projetos de estudo, em um espaço de convívio onde há respeito pelas relações culturais, sociais e familiares. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 25).

É requerida uma educação infantil desejada por todos aqueles que primam pela qualidade na educação: nas relações, na estrutura e nos projetos educacionais. Assim, observamos e descrevemos (tabela 5) a postura das professoras em sala de aula, destacando as relações com as crianças, os seus gestos e movimentos.

Quadro 5 – A postura das professoras na execução das atividades

Professoras Quilombolas	Postura na sala de aula (movimentações e gestos)
M – primeiro período	<ul style="list-style-type: none"> • Essa prática (observação do corpo através do espelho) atraiu a atenção dos alunos; alguns faziam expressões faciais e exploravam os movimentos que o seu corpo poderia executar na frente do espelho. • A professora mostrava-se atenta, realizando constantes movimentos com os braços e mãos, usando com frequência o dedo indicador para apontar. • Ela obtém uma postura ativa organizando as atividades, as crianças e a sala de aula. Nessa aula a professora não utilizou a cadeira do professor, esteve sempre ao redor dos alunos e o desenvolvimento da maioria das atividades era em roda. • Na contação de história, ela dramatizava, conquistando a atenção de todos. Vários movimentos com as mãos e expressões faciais estavam explícitos.

	<p>Logo após, ela solicitou que desenhassem a história, alguns se posicionaram nas mesas, outros continuaram no chão para realização da tarefa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nessa aula havia alguns alunos imitando a professora ao ler o livro de leitura, e também repetiam o sinal de silêncio que ela fazia na sala. Destacamos que a professora andava rapidamente pela sala ordenando os objetos, e assim estava sempre com o corpo atento para resolução de conflitos entre os alunos; com frequência faz o sinal de silêncio e o seu dedo indicador torna-se uma ferramenta para explicar a aula. Demonstrou afeto com gestos que representam carinho, como: abraços, beijos na testa e batia palmas (quando terminavam a atividade, ato motivacional). • E os alunos antes de entrarem na sala de sala pedem a bênção para sua professora e ela os abençoava.
V- segundo período	<ul style="list-style-type: none"> • Realizou a leitura da história dos três porquinhos, dramatizando e interagindo com os alunos. • Natureza e Sociedade - apresentou para a turma um saco-surpresa contendo algumas embalagens de produtos de higiene corporal e objetos direcionados ao conteúdo trabalhado (caixa de sabonete, vidros de xampu, caixas de pasta de dente, escovas de dente e cabelo). <p>- Ela retirava os objetos e questionava os seus alunos, sempre atenta para suas respostas, alguns gesticulavam como se estivessem tomando banho, e outros como se escovassem os seus dentes e cabelos, assim a educadora cantou uma música sobre a temática e interpretou uma performance seguindo a letra exposta. A educadora bate palmas, demonstrando alegria quando os alunos conseguem corresponder aos objetivos da aula. (Conclusão)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na aula de Matemática - A contagem foi até o número 10 e os alunos cantavam juntamente com a professora, batendo palmas e demonstrando alegria com essa atividade. <p>- Nessa manhã, observamos que a educadora mostrou-se disposta a organizar os alunos, de acordo com cada atividade exposta em seu plano.</p> <p>- Pela sala andava transparecendo tranquilidade e resolvendo os conflitos com calma. Em quase todas as atividades dessa manhã havia uma música para acompanhar a aula e muitos movimentos com as mãos e braços eram realizados.</p> <p>- A professora tocava em seu aluno quando estava sentado incorretamente ou realizando alguma ação irregular para o momento. A educadora chamava a atenção dos discentes batendo palmas, tocando no ombro do seu aluno, e realizava o sinal de silêncio. Era perceptível como os alunos conseguiam respeitar os comandos da professora.</p>
R-terceiro período	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de Língua Portuguesa - ela obtém uma postura disciplinadora, mas falava suavemente com seus alunos e retomava algumas explicações sobre a atividade quando necessário. • Na aula de matemática: Nessa prática, a educadora circulava pela sala. Quando havia conversa a professora R fixava o seu olhar e todos paravam de conversar, e assim os alunos redirecionavam o foco na execução da atividade. Ela atraía a atenção dos alunos chamando-os pelo nome e realizando movimentos com as mãos. • Natureza e sociedade - Nessa atividade a professora tranquilamente comandou a aula e a participação dos alunos. Sempre andando pela sala, às vezes colocava a mão na cintura, e quando havia conversas ou conflitos entre os alunos ela se aproximava e indagava-os sobre os tais comportamentos. E percebemos que, na hora da entrada e da saída, os alunos tomavam a bênção para professora.
J- acompanha o 1º período	<ul style="list-style-type: none"> • A docente, nessa prática, observava os seus alunos e ficava atenta para aqueles que poderiam se confundir na execução da atividade, ou para alguns

	<p>que resistiam participar da roda.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ela sempre tocava os alunos, apontava com o dedo indicador as partes do corpo, chamava a atenção dos alunos movimentando os braços e batendo palmas. • Quando os alunos foram registrar a atividade, eles sentaram no chão e a professora também sentou, auxiliando-os no processo de reconhecimento do seu corpo. Ao término da tarefa, a professora organizou as crianças em roda sentadas no chão e cantou algumas músicas infantis até a hora da saída. E os meninos se despediram da professora com abraços e beijos.
A – acompanha o 2º período	<ul style="list-style-type: none"> • Dois alunos ficaram com receio de participar, mas depois se envolveram com a atividade. (professora explicou a atividade e conversou com os alunos). • Nessa atividade recreativa a professora estava ativa, com atenção para nenhum aluno lesionar os seus membros. • Sempre realizando gestos incentivadores, como: <ul style="list-style-type: none"> - A ação de bater palmas quando os alunos ultrapassavam corretamente os obstáculos; - Balançar os braços de um lado para o outro, motivando os alunos; - Segurando na mão das crianças e auxiliando-as no percurso; - Vibrando as mãos (passando energias positivas) para conseguirem enfrentar o trajeto. <p>A educadora elaborou gestos que transmitissem aos alunos confiança e coragem.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Considerando as cinco professoras, verificamos a repetição de alguns gestos, como: a utilização do dedo indicador para apontar ou solicitar silêncio; ações performáticas (dramatizações), andar pela sala de aula, a ação de bater palmas, tocar os alunos (para chamara a atenção das crianças para sua postura ou simbolizando uma ação de carinho) e gestos que indicam organização e atenção das professoras (organizar as cadeiras quando necessário, o olhar fixo na atividade da criança acompanhando a sua desenvoltura e zelar pela limpeza e organização da sala de aula).

Entre os gestos das professoras, o dedo indicador para apontar algo ou alguém é visível: na prática social, nas relações com as pessoas para informar ou explicar uma situação. E na sala de aula observamos esse gesto como ação intencional (de enfatizar algo). O indicador “[...] serve para fixar a atenção da assistência em determinado e ocasional objeto material, visível, imediato, e não abstrações ou coleios dialéticos” (CASCUDO, 2003, p.226).

Além da ação de indicar, elas realizam o tradicional sinal de silêncio (tocando o dedo indicador nos lábios). Essa ação repercute na postura das crianças de maneira regulamentadora (sinal da escolarização).

As professoras sistematizam e organizam a sala de aula, circulando pelo ambiente (algumas andam tranquilamente outras de maneira mais rápida) e demonstram preocupação para estabilizar a turma no decorrer das atividades (gesto regulamentador).

Para solicitar a atenção dos alunos, elas: tocam ombro das crianças, fixam o olhar na turma ou batem palmas. A ação de tocar no ombro das crianças apresentou-se de duas maneiras: a primeira estava no contexto ordenador, ou seja, a postura do aluno estava inadequada e seu comportamento incoerente com a atividade executada na sala de aula e no segundo momento configurava uma expressão de afeto, com sinal de carinho.

Dependo do contexto que os gestos estão inseridos, as interpretações e significados alteram-se. Um mesmo código pode ser disciplinador e acolhedor. Como na ação de bater as palmas das mãos, foram observados que: podem significar alegria, induzir o aluno a motivar-se (um reforço positivo) ou é apenas um barulho realizado pelas mãos para demonstrar um possível comportamento de desespero (por parte das professoras) diante da desatenção dos alunos.

Ao solicitar a atenção do seu aluno, a professora fixa o seu olhar nele (de modo individual), algumas crianças podem olhar e apontar o seu colega, ou desestruturar a criança de outra maneira. E pela quantidade de olhares a criança pequena pode ser determinada como indisciplinada pela turma. Quando a professora silencia e olhar fixamente para os seus alunos (para turma, coletivamente), ela demonstra que as vozes dos seus alunos soam na sala com intensidade e dependendo da consciência, idade e postura dos seus alunos, eles podem ou não entender esse gesto como uma solicitação de silêncio.

O controle, a regulação do comportamento, a disciplinaridade e as regras escolares, permeiam a ação e os gestos das professoras. Nas entrevistas, a maioria declarou que considera o corpo do seu aluno na sala de aula e respeita as suas expressões. Porém, nas observações, percebemos que elas atuam com seus corpos sistematizados no processo, com repetições gestuais de forma didática e intencional. E em certas situações, regulam e instrumentalizam os seus movimentos com uma postura normalizadora, imposta pelo sistema de ensino.

As professoras refletem através dos seus corpos a escolarização. No entanto, elas desempenham na educação infantil as ações de: cuidar, acompanhar, escutar e ensinar os seus alunos com o auxílio da afetividade, diálogo e reforços positivos.

A ideologia das várias educações (formal: escolar, informal: família, igreja e outras instituições sociais e não-formal: atividades que ocorram fora do ambiente formal, exemplo: uma visita no museu), são expressadas no corpo do educador.

No caso das professoras quilombolas: elas não tiveram a oportunidade de estudar em suas terras; conseguiram entrar na escola a partir do ensino fundamental; para chegar à escola precisavam esperar o ônibus escolar (quando aparecia); possivelmente o ensino era

baseado somente nas práticas tradicionalista e assim várias situações comprometeram a formação das mulheres, que, atualmente, são professoras da Educação Infantil.

Elas inseridas no processo de ensino e aprendizagem, provavelmente sentiram: atos, gestos ou comportamentos discriminatórios, controladores e fundamentados apenas nos reforços negativos. Como assegura Souza (1995, p.21), “[...] a ideologia do cotidiano se expressa por meio dos nossos atos, gestos ou palavras, permitindo que os sistemas ideológicos constituídos (moral, arte, religião, política, ciência) cristalizem-se a partir dela”. Algumas ações e gestos cristalizaram-se nos corpos dessas professoras.

Nas práticas delas, existem gestos que foram construídos para: aproximar, motivar e despertar o aluno para o conhecimento. A linguagem corporal das docentes pode desencadear no contexto educacional a ordenação e a regulação. Logo, na maioria das situações, a dimensão de liberdade é concebida nas suas performances.

A dimensão liberal das expressões está presente nas atividades que envolvem: as contações de histórias (dramatização), as músicas infantis, as brincadeiras de roda, e a exploração da motricidade (atividades recreativas), na atividade inicial presente na rotina diária da educação infantil (diálogo de roda). Nessas atividades, as professoras dançam, cantam e brincam com seus alunos.

Há uma prática, por alguns alunos, de sentarem no chão para realizarem os seus registros e as professoras sentam ao lado deles. A ação de sentar no chão, nesse contexto: aproxima o aluno da professora, demonstra que os dois atores estão aprendendo com o processo de ensino e aprendizagem e a figura da professora pode apresentar ao aluno segurança para continuar com a atividade. O olhar nesse momento é receptivo e acolhedor.

Destacando as dramatizações, as docentes caracterizam-se (em alguns momentos), alteram a voz e as expressões faciais para atraírem a atenção dos alunos, assim vinculando a criança ao enredo. Logo após a contação, as crianças recriam a história e realizam a sua própria contação. Nesse momento é visível, na sala de aula, o gesto do professor ressignificado nas ações corporais das crianças.

Também, constatamos a utilização corrente das músicas infantis na sala de aula. As docentes cantam, movimentam os membros (inferiores e superiores), gesticulam seguindo o ritmo e os comandos das letras, e as crianças repetem a sua maneira e participam das atividades.

Constatamos na ação das professoras a afetividade. Elas: beijam, abraçam, projetam olhares que transmitem carinho e até abençoam as crianças (as crianças na hora da entrada e saída pedem a bênção para suas professoras, um sinal de respeito).

A ação de beijar e abraçar pode significar: proteção no ambiente escolar, conforto para executar as atividades, incentivar a adaptação no sistema e possivelmente garantindo o seu interesse em aprender. Esses dois gestos, geralmente, transparecem a intimidade arraigada entre amigos, familiares e pessoas queridas.

Na infância, as demonstrações de carinho podem despertar na criança o prazer nas relações sociais, assim desenvolvendo a sua postura comunicativa e interativa. Na atividade recreativa a professora abraçava e vibrava com as conquistas dos seus alunos (superação dos obstáculos) e os seus alunos respondiam a ação da professora com abraços e gritos vibrantes de alegria.

São marcas da comunidade quilombola Santa Rosa: as mãos na cintura e a solicitação da bênção pelas crianças. A maioria das manifestações culturais da comunidade, como em algumas danças religiosas, nas rodas de Tambor de Crioula, ao rezar as ladainhas na festa do divino e outras, as pessoas (geralmente mulheres) posicionam as mãos na cintura.

Quando conversamos com as senhoras da comunidade observamos o mesmo gesto. Esta postura pode ser interpretada como uma maneira de apoiar dos braços ou uma expressão que acompanha os movimentos dos quadris. No corpo de algumas mulheres de Santa Rosa esse gesto tornou-se uma marca corporal, que atravessa gerações.

Assim é o gesto de abençoar. Os anciãos da comunidade dizem que quando uma criança pede a bênção o adulto deve abençoar, pois está livrando-a dos espíritos ruins. Essa ação demonstra possivelmente: a espiritualidade, o respeito aos anciões ou pessoas adultas do convívio das crianças e a proteção dos ancestrais.

Declaramos que as professoras quilombolas de Santa Rosa obtém a missão de educar, ensinar e cuidar das crianças pequenas. Elaborando atividades educacionais interativas, solidificadas na afetividade e na cultura. Segundo Machado et al. (2009, p.79):

Sendo a atividade educacional constitutivamente interativa, é preciso considerar que nela emerge uma dimensão de liberdade, pois o professor não pode agir diretamente sobre os processos mentais do aluno. Ele apenas vai criar espaços, ambientes que permitam que as transformações desejadas possam ocorrer, o que nunca está garantido, dado que o aluno é o real agente de seu desenvolvimento e que sua liberdade pode levá-lo a recusar-se a entrar nos ambientes criados pelo professor, resistir a eles, ir em outra direção etc.

O professor deverá criar situações para disseminar o saber estimulando os discentes a serem pesquisadores e participantes ativos do processo de construção do seu conhecimento. Os sujeitos do processo ensino-aprendizagem (professores e alunos) são responsáveis pela formação, produção e divulgação do conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES: AS NARRAÇÕES CORPORAIS NA EDUCAÇÃO

Caixeira quando tu fores
Me escreve lá do caminho
Se não achares papel
Nas asas de um passarinho¹².

Neste trabalho escrevemos sobre as narrações do corpo na educação quilombola da comunidade Santa Rosa, especificamente, na Educação Infantil da escola quilombola Elvira Pires. Assim: entrevistamos, observamos, descrevemos as ações pedagógicas das docentes e aprendemos o significado da palavra cultura refletida nas suas expressões corporais.

Além de professoras, elas são: mulheres, caixeiras, líderes, coreiras, cozinheiras, rezadeiras e educadoras. Em seus discursos orais e corporais percebemos os seus anseios por uma educação de qualidade.

Fazendo referência ao verso da caixeira Delcy (do grupo das caixeiras da Dona Dica), as professoras quilombolas escrevem “nas asas dos passarinhos”, quando carecem de papel, ou seja, mesmo com as dificuldades que rodeiam o ensino público e os desafios na comunidade, elas estão dispostas a enfrentar os obstáculos e agir no progresso educacional da sua terra.

No decorrer desses últimos anos, podemos citar como progresso no âmbito educacional: a construção da escola Elvira Pires, a formação das professoras no ensino superior em pedagogia, à oferta da Educação Infantil e dos outros níveis da educação básica e algumas atualizações oferecidas pela Secretaria de Educação do município de Itapecuru.

Ressaltando a proposta da pesquisa, investigar as percepções das professoras quilombolas sobre a gestualidade e a expressão corporal em suas práticas pedagógicas na Educação Infantil, foi elaborado algumas questões pertinentes à temática e um roteiro de observação delineando os possíveis gestos ou movimentos que as professoras poderiam expressar na sala de aula.

Consideramos que os instrumentos foram válidos para descrever alguns fenômenos apresentados pelo corpo das cinco professoras, como: o possível excesso de escolarização resplandecido nas ações de controle e regulação; as atitudes de ordem na organização dos alunos, das atividades e dos objetos inseridos na sala de aula; a afetividade nas relações (abraçar ou beijar o seu aluno); gestos culturalmente construídos pelas várias

¹² Versos cantados pela Caixeira Delcy do grupo das caixeiras da Dona Dica em São Luís /MA. (PACHECO; GOUVEIA, ABREU, 2016).

educações adquiridas pelas professoras (pôr a mão na cintura); e expressões corporais performáticas exigidas pelo processo de ensino e aprendizagem (dramatizações realizadas na contação de história).

Existem gestos e expressões corporais intencionais e outros que podem ser imperceptíveis pelas professoras, mas são captados pelos alunos.

No contexto do processo de ensino e aprendizagem as docentes reconhecem a importância das expressões corporais dos seus alunos, considerando que, os corpos expressão sentimentos e descrevem o mundo através dos sentidos. Elas observam os comportamentos, as ações e expressões dos discentes. E as cinco educadoras exercem como prática constante o diálogo, para compreender alguns gestos ou expressões que podem transmitir desconforto, dor ou tristeza.

Nas aulas as crianças são incentivadas a expressar a linguagem corporal (através de atividades específicas proposta pelo planejamento pedagógico) e a linguagem oral. Porém, no processo, as professoras não exigem a criança de manifestar o seu corpo e gesticular conforme a sua necessidade.

Contudo em alguns momentos, a regulação surge como meio de organização das expressões e pensamentos, principalmente na sala que desenvolve o trabalho, específico de alfabetização.

Pontuamos a concepção das educadoras, enquanto as suas: posturas, gestos e expressões. E elas disseram que, a linguagem transmitida pelo corpo influencia e interfere na aprendizagem das crianças. As cinco professoras, demonstram preocupação quando realizam algum gesto que possa ser compreendido como inadequado (bater na mesa, tocar na criança de maneira desagradável ou apontar uma ou outra criança), pois as crianças podem ficar reprimidas, desencadear medo e não querer participar das atividades.

No diálogo, as docentes, relatam que os seus alunos, em suas brincadeiras imitam: os gestos, a maneira de andar e a postura das suas respectivas professoras na sala de aula. As crianças têm como referência, na sala de aula, as suas professoras.

Assim, na percepção delas, a linguagem corporal pode interferir de maneira positiva (gestos e expressões que atraem os alunos, por exemplo: expressões carinhosas) ou negativa (gestos que podem transparecem agressividade).

Verificamos que na educação infantil há momentos na rotina em que são desenvolvidas atividades para trabalhar as expressões corporais. Assim, as professoras, trabalham a prática da roda, ou seja, na maioria das atividades é organizada uma grande roda e a docente fica próxima dos alunos (sentada no chão) auxiliando eles. Geralmente na

educação infantil, há momentos para o trabalho na roda, porém, os alunos da escola Elvira Pires, conseguem interagir e participar das atividades, motivados.

Nessa organização, os alunos podem: deitar, sentar, colaborar com a atividade do amigo ao lado e interagir com todos. E dentre as metodologias utilizadas, amplas atividades de exploração corporal e movimentos são frequentes nesta etapa.

Cada educadora descreve as suas ações e expressões na sala de aula e com a observação compreendemos que elas, ainda, têm ações controladoras, reguladoras e estreitas as rotinas, cronometradas pelo tempo das atividades. Isso faz parte do processo, contudo, os excessos dessas ações podem comprometer a aprendizagem das crianças pequenas.

E elas após a aula do dia, obtêm a prática da autoavaliação. Através dessa prática, as docentes analisam a desenvoltura na sala de aula (os gestos, ações e expressões); as estratégias de ensino; e preenchem os relatórios (diários) dos alunos.

Realizamos as seguintes reflexões com a pesquisa: um professor para ensinar em uma comunidade quilombola, deve ser quilombola ou precisa conhecer os aspectos sociais, culturais e históricos da comunidade que irá trabalhar; observamos que para ensinar na educação infantil a professora necessita ser criativa, cuidadosa, conhecer as fases de desenvolvimento da criança e compreender as orientações dos referenciais curriculares nacionais para Educação Infantil; e considerar as práticas pedagógicas direcionadas a linguagem corporal das crianças pequenas.

As professoras quilombolas de Santa Rosa são esforçadas, contemplando em seus planos de aula atividades exploratórias envolvendo as partes do corpo e o desenvolver da coordenação motora fina e grossa das crianças pequenas.

Algumas professoras são especialistas ou estão procurando especializações que possam agregar conhecimentos em suas práticas e estudar mais sobre as linguagens corporais e orais na educação infantil.

Conseguimos atingir os objetivos da pesquisa. E compreendemos as percepções das professoras quilombolas sobre a linguagem corporal. Elas percebem o corpo como aquele que relata: os sentimentos, as sensações e experiências.

O corpo é vivo (pensamento do filósofo Ponty), nas manifestações culturais da comunidade. As professoras: dançam, cantam e liberam experiências arraigadas nos seus corpos na sala de aula, juntamente com seus alunos.

As limitações foram mínimas para execução da pesquisa. Quando pesquisamos em algumas comunidades, elas têm um calendário de aulas, com datas diferenciadas, pois, os dias festivos para comunidade são programados para não haver aula ou quando há reuniões

extremas. Desde modo, realizei várias adequações no cronograma para compatibilizar com o calendário da comunidade e com as exigências do comitê de ética.

Houve atrasos no calendário. É importante a atuação e autorização do comitê de ética, mas para o início da coleta de dados, o comitê, realizou algumas exigências, mas na minha visão que deveriam ter mais reuniões anuais e professores disponíveis para atuar nessa ação com rapidez. Pois, as comunidades quilombolas e indígenas tem calendários diversificados e compatíveis com sua realidade social, cultural e econômica.

E como pesquisadora, escrevi dois trabalhos anteriores sobre a educação em Santa Rosa e acompanhei a evolução da Educação infantil e as lutas das professoras quilombolas. Nessa pesquisa enfatizo a disposição das professoras, o apoio da gestão da escola e o acolhimento das crianças, jovens e adultos da comunidade.

Para alguns pesquisadores pode ser uma limitação, mas como pesquisadora e conhecedora da comunidade, tornei-me ausente em divulgar imagens apresentando as posturas das professoras. E as filmagens realizadas nas salas de aula estão em meus arquivos pessoais, e foram utilizadas apenas para consultas nas ações descritoras.

E em pesquisas futuras podemos divulgar as imagens e capturar outras expressões que podem ser manifestadas pelas professoras para analisar e interpretar com detalhes as suas ações e colaborações para o ensino (com o consentimento das participantes). Para isso, precisaremos realizar um trabalho etnográfico e vivenciar outras experiências corporais na comunidade.

Estudando a antropologia corporal, também despertou o interesse em questionar as crianças pequenas sobre a postura dos seus professores na sala e conhecer o que elas pensam sobre as ações dos seus educadores formais na sala de aula. Continuando o estudo corporal, poderia pesquisar a linguagem corporal das crianças pequenas no ambiente educacional informal (na igreja ou nos terreiros).

Logo, vários pensamentos e sensações pairam na memória apontando várias possibilidades de estudos futuros.

Assim a dissertação, apresentou fundamentos pertinentes à linguagem corporal, focalizou a Educação Infantil na comunidade quilombola Santa Rosa, retratou o corpo nas manifestações culturais da comunidade e discorreu sobre algumas expressões corporais e gestualidades das professoras quilombolas.

Assim, o importante desse trabalho é incentivar outros professores, sejam eles quilombolas ou não, a perceberem os códigos do seu corpo e a interferência deles no processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos. Além disso, apresentar a outros profissionais da

educação uma educação quilombola edificada por professoras quilombolas e despertar em outros pesquisadores algumas ideias que possam repercutir na ampliação da temática (o gesto na educação, a linguagem corporal em outros níveis da educação básica – ensino fundamental e médio) ou estudar os códigos da linguagem corporal em outras comunidades quilombolas, indígenas ou em outros grupos que primam por uma educação de qualidade e buscam estratégias emancipatórias de ensino.

Independente de algumas limitações, como: alguns desencontros entre as datas, para adequação do calendário da comunidade com o cronograma da pesquisa; a restrição da apresentação vídeos e outras imagens sobre a pesquisa; a demora do parecer do comitê de ética; e alguns momentos que não houveram aula, realizando a reprogramação para as observações na sala de aula, conseguimos efetivar a pesquisa de campo na escola quilombola.

Para próximos trabalhos, podemos pensar em ampliar as discussões sobre a linguagem corporal em outros níveis (fundamental ou médio) considerando que os professores não são quilombolas, assim, atrelar as suas possíveis dificuldades em ensinar numa escola quilombola com o estudo da linguagem corporal ou utilizar os dados coletados dessa pesquisa para realizar comparações com estudos posteriores, considerando outro nível de ensino. Até mesmo, ampliar a pesquisa sobre o corpo e a linguagem corporal para outra modalidade de ensino, como a Educação de Jovens e Adultos, é existente na comunidade, porém não há estudos.

Também, podemos fazer a inversão, nessa pesquisa trabalhamos as percepções das professoras, em outros estudos, enfatizaremos as concepções dos alunos e a sua visão sobre os gestos e as ações dos seus professores (as) na educação infantil e utilizar esses dados como parâmetros comparativos.

Assim, intenção é divulgar maneiras diferentes de ensinar e apresentar as ações das educadoras que anseiam por uma educação diferenciada, com qualidade e pautada na história dos seus ancestrais.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, D. **Arte: está brincadeira é coisa séria**. Revista Criança do Professor de Educação Infantil. Brasília (DF): Ministério da Educação, n.32, 1999.
- ALVES, Miriam. **Estrelas de Dedo**. São Paulo: Do Autor, 1985.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência filosofia e prática da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Cingage Learning, 2012.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BIRMAN, Joel. Sou Visto, logo Existo: a Visibilidade em Questão. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE Claudine; (Org.); **Tirantias da Visibilidade**. Tradução de Francisco de Fátima da Silva, Andrea Stahel. São Paulo: Fap – Unifesp, 2013.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo: Lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 9.394/96), comentada e interpretada, artigo por artigo**. 3. ed. São Paulo: Avercamp, 2007a.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007b. (Coleção primeiros passos).
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 out. 2016.
- _____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília (DF): MEC, SEB, 2010.
- _____. **Diretrizes curriculares nacionais para Educação Escolar Quilombola** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB, 9.394, Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 4 out. 2016.
- _____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília (DF): MEC/SEF, 1998.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Primeira reimpressão. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. “Manifestações Culturais”. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História de Nossos Gestos**. Uma pesquisa da na mímica do

Brasil – São Paulo: Global, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Projeto de Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

CUTI. **Poemas da carapinha**. São Paulo: Ed. do Autor, 1978. 135p. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/luiz-silva-cuti/#gs.null>>. Acessado: 30 jan. 2016.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FARIA, Sheila de Castro. **A Colônia em Movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Coleção Histórias do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FÁVERO, Osmar (org.). **Cultura popular e educação popular – memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FELIPE, J. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky e Wallon. In: CRAIDY, C. M. e KAERCHER, G. (Org.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FIGUEIREDO, A. M. de; SOUZA, S. R. G. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FORNEIRO, M. L. I. Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en educación Infantil: dimensiones y variables a considerar. Revista Iberoamericana de educación, Espanha, n. 47, p. 49-70. maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=80004705>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: Soares, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. 3. ed. Campinas: Autores associados, 2006.

FREIRE, Paulo. Ensinar exige querer bem aos educandos. In:____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 36. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Giovana. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** 1. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.

GADOTTI, M. **Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório.** São Paulo: Cortez, 1983.

GALARD, Jean. **A Beleza dos Gestos: uma estética das condutas.** Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Edusp, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERRA, Denise. Um olhar sobre a cultura corporal de movimento afro-brasileira construída a partir da corporeidade africana. **Revista África e Africanidades** - Ano I - n. 2 – Agosto. 2008. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/um_olhar_sobre_a_cultura_corporal_d_e_movimento_afro_brasileiro.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

GUIRAUD, Pierre. **A linguagem do corpo.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1991.

GUSMÃO, Neusa M.M. **Os filhos da África em Portugal.** Antropologia, Multiculturalismo e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Decretos de desapropriação atendem quilombolas de Charco e Santa Rosa dos Pretos no Maranhão.** 2015. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/noticias/decretos-de-desapropriacao-atendem-quilombolas-de-charco-e-santa-rosa-dos-pretos-no>>. Acesso em: 16 set. 2016.

JEUDY, Henri- Pierre. **O corpo como objeto de arte.** Tradução Tereza Lourenço, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análises e interpretação de dados.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Petrópolis: Vozes, 2009.

LEONTIEV. Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: livros Horizonte, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUCCHESI, Fernanda (ARD/antropóloga). **Relatório Antropológico de Identificação de Santa Rosa, Itapecuru-Mirim-Ma**. São Luís, 2008.

MACHADO, Anna Rachel et al. Relações entre linguagem e trabalho educacional: novas perspectivas e métodos no quadro do interacionismo sociodiscursivo. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia; ABREU-TARDELLI, Lília S. (Org.). **Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

MATTOS, Mauro Gomes de e NEIRA, Marcos Garcia. O papel do movimento na Educação Infantil. In: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e DIAS, Marina Célia Moraes (Org.) **Oficinas de Sonho e Realidade na Formação do Educador da Infância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Lamberto Puccnelli. São Paulo; EPU, 1974. V. 2.

MERLEAU – PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução o Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2006.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução o Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fonte, 1999.

MERYL, Jaye. Obras de arte com pessoas negras. As imagens de sua escola valorizam a representação da pessoa negra?. **Dia a Dia**, 2010. Disponível em: <<http://diaadiadaeducacao.blogspot.com.br/2010/04/as-imagens-de-sua-escola-valorizam.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOLCHO, Samy. **A linguagem corporal da criança**: entenda o que ela quer dizer com os gestos, as atitudes e os sinais. São Luís: Editora Gente, 2007.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989. (Série princípios).

OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de. Violência, corpo e escolarização: apontamentos a partir da teoria crítica da sociedade. Educação do corpo na escola brasileira. In: OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2013.

PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia; ABREU, Maria Clara. **Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís – MA.** Disponível em: <<http://www.museuafro.ufma.br/arquivos/d3e0dc492a99fa5d505f030295d3b0cc.pdf>>.

Acesso em: 29 nov. 2016.

RABELO, Mirian C. M. Merleau-Ponty e as ciências sociais: corpo, sentido e existência. In: VALVERDE, Monclar (Org.). **Merleau-Ponty em Salvador.** Salvador: Arcada, 2008. p. 107- 130

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

RUTHERFORD, J. (Org). **Identity: community, culture, difference.** Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de matriz africana: antropologia do movimento.** Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Comprender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANT'ANNA, Denize Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo?. In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2006.

SANTANA, Patrícia Maria de Sousa. Educação Infantil. In: BRASIL, Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília (DF): SECAD, 2006.

SILVA, Adilson Rodrigues. Fenômeno quilombola: a constituição da identidade cultural negra. **Revista África e Africanidades**, ano 3 , n. 9, maio, 2010 - ISSN 1983-2354. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Fenomeno_quilombola.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2016.

SILVA, Maria José Lopes da. As Artes e a Diversidade Étnico-Cultural na Escola Básica. In: MUNANGA. Kabengele. (Org.). **Superando o Racismo na Escola.** Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, construção social das comunicações e produção de sentidos na comunicação. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOARES, Carmem Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____ (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOUSA, Alberto B. . **Investigação em educação**. 2. ed. Lisboa: Livros horizonte, 2009.

SOUZA, Solange Jobim. Linguagem, consciência e ideologia: conversas com Bakhtin e Vygotsky. In: LIVEIRA, Zilma (Org.). **A criança e seu desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 1995,p11-30.

STOKOE, Patricia; HARF, Ruth. **A expressão Corporal na pré – escola**. Tradução de Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1987.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2013.

THEODORO, Helena. Buscando Caminhos nas Tradições. In: MUNANGA. Kabengele. (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

VAZ, Alexandre Fernandez. Memória e Progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2006.

VIEIRA, Ricardo. Mentalidades, escola e pedagogia intercultural. **Educação, Sociedade & Cultural**, nº 4, (127 – 147), 1995.

VILELA, ANNE. Foto. In: MARTINS, Vanessa. **Dança e emoção**. 2011. Disponível em: <<http://www.encontrodeculturas.com.br/2010/noticiasDetalhe.php?id=484>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YIN, Robert k. **Estudo e caso: planejamento e método**. Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Ucitec, 1997.

_____. **Performance, Recepção e Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo; Cosac Naify, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO – EDUCAÇÃO INFANTILRoteiro de Observação – Educação Infantil

Professora: _____

Conteúdo trabalhado: _____

Objetivo da aula: _____

Data: _____

- Pontos de observação

1. Organização da sala de aula

- a) Alunos dispostos em roda sentados nas cadeiras
- b) Alunos em roda sentados no chão
- c) Alunos sentados nas cadeiras dispostas em filas
- d) Não há cadeiras na sala de aula, os alunos sentam de maneira aleatória

Outra maneira de organização

Realizar observações sobre a organização dos alunos na sala de aula.

2. O professor

- a) Anda com frequência pela sala
- b) Qual a sua postura (disciplinador, suave – os alunos comandam a sala, o orientador acompanha os alunos nas atividades desenvolvidas, escuta os alunos – companheiro, apenas gosta de ser escutado – o transmissor)
- c) A entonação da voz (a variação da altura – faz uso de gritos, expande as suas cordas vocais, tom de voz baixo ou é possível de ser compreendida)

Dentre os movimentos com as mãos e dedos:

- a) Bate com frequência na mesa ou no quadro
- b) Toca em seus alunos demonstrando afetividade ou outros sentimentos.
- c) Realiza movimentos repetitivos com as mãos (colocar as mãos na cintura, apoiá-las na mesa ou quadro, passar as mãos pelos cabelos, movimentá-las ao falar, mãos nos quadris)
- d) Bate palmas para chamar a atenção dos alunos
- e) Passa organizando com as mãos algum objeto sobre a mesa dos alunos (demonstrando ordem e organização do espaço).
- f) Utiliza as mãos para segurar alguma parte da sua roupa ou outro objeto quando conduz a aula.
- g) Mão no queixo
- h) Apontar para algo ou alguém com os dedos
- i) Abanar os dedos
- j) Movimentar os dedos no momento da fala ou não.
- k) Mão na boca ou em outras partes do corpo

Dentre os movimentos com os braços:

- a) Braços cruzados
- b) Braços relaxados
- c) Sempre movimentando - os ao andar ou quando estiver parado
- d) Braços semi – inclinados
- e) Braços no sentido vertical.
- f) Movimentando-se conforme o desenvolver do corpo

Dentre o movimento com as pernas e pés:

- a) Encruzar as pernas
- b) Ficar com as pernas alinhadas (retas)

- c) Pernas semi- abertas
- d) Pernas semi- flexionadas
- e) Apoiar-se apenas em uma das pernas
- f) Bater um pé no chão
- g) Bater os dois pés no chão
- h) Colocar os pés de lado
- i) Ficar nas pontas dos pés

O andar:

- a) O andar espaçado
- b) Devagar,
- c) Rápido
- d) Andar requebrado (como se estivesse dançando)

Outros movimentos e gestos:

- a) Arregalar os olhos
- b) Coçar a cabeça ou outra parte do corpo constantemente
- c) Em pé (sem movimentação, preso no mesmo lugar)
- d) Bater no rosto levemente, como maneira de chamar atenção ou informar sobre algo.
- e) Beijar a cabeça dos alunos ou a mão.
- f) Morder os dedos
- g) Roer unhas
- h) Piscar os olhos
- i) Fechar os olhos
- j) Passar a mão pela testa, boca ou face em geral.
- k) Colocar a mão sobre o peito.
- l) Andar jogando os seus membros para frente.

Descrever outro movimento ou gesto da professora na sala de aula.

Observação: o foco são as cinco professoras quilombolas, mas descreveremos o comportamento dos alunos diante o posicionamento das professoras.

Descrição breve do comportamento dos alunos na aula da Professora A:

APÊNDICE B – ENTREVISTA

Entrevista

Público: professoras que lecionam na escola Unidade de Educação Básica Quilombola Elvira Pires, na educação infantil.

Objetivo: verificar se as professoras reconhecem a importância das suas expressões corporais no processo de construção da subjetividade da criança.

Professora: _____

Idade: _____

Quanto tempo na função: _____

Educação Infantil – Turma _____ - Turno: Matutino.

Questões

1ª) Como professora da Educação infantil, você reconhece a importância da expressão corporal dos seus alunos na sala de aula? Justificar a resposta

2ª) Você consegue observar as necessidades corporais dos seus alunos quando está ministrando algum conteúdo (gestos que demonstram situações desconfortantes ou de não assimilação do conteúdo, inquietações e outros) ou na sua concepção há outras questões mais importantes para serem observadas no processo?

3ª) O corpo dos seus alunos, apresentam emoções, sensações e inquietações. Como vocês reagem diante das informações corporais dos seus alunos? Ou nunca perceberam essa questão na educação infantil? Explique

4ª) As pessoas têm um vasto repertório de gestos e movimentos corporais definidos. No entanto dentro do ambiente escolar, especificadamente na sala de aula, você consegue perceber o movimento do seu corpo, as suas expressões e gestos? Quais gestos você faz com frequência? Acha que essa sua postura ou movimento pode influenciar nas atitudes dos alunos na sala de aula?

5ª) As suas expressões corporais colaboram de alguma maneira no processo de ensino e aprendizagem? Exemplifique.

6ª) O comportamento humano é complexo. Dependendo das emoções as expressões, gestos e posturas surgem para comunicar algo. Desta maneira, descreva algum gesto ou expressão que você percebeu e definiu como uma ação desnecessária ou considerada, na sua visão, como errada? Ou você nunca percebeu? Explique.

7ª) Na rotina da educação infantil há algum momento, ou atividades direcionadas para valorização da linguagem corporal, trabalhando as expressões faciais, corporais, gestos e outros? Ou não, as expressões corporais são trabalhadas no decorrer das aulas, não havendo um momento determinado? Ou, não trabalhamos e nem percebemos em nenhuma instância? Justificar

8ª) Em algum momento, você como educadora da educação infantil refletiu sobre a sua atuação em sala de aula, na perspectiva da linguagem corporal, ou seja, considerando que os seus gestos e expressões de maneira intencional ou não podem contribuir para construção da subjetividade do seu aluno.

9ª) Na comunidade quilombola Santa Rosa há muitas manifestações culturais que inserem no corpo uma mensagem a ser transmitida. Assim, na educação infantil, pontuando a sua prática na sala de aula, essas expressões culturais que envolvem a linguagem corporal são trabalhadas na sala de aula? Em quais momentos? Explique

10ª) Os alunos são os reflexos dos seus professores. Quais os fatores ou dificuldades você tem para reconhecer a linguagem do seu corpo em sala de aula? Ou você reconhece as suas expressões e posturas corporais? Explique.

ANEXO

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA - UFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO UFMA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VOZ DO CORPO: A gestualidade dos professores da educação infantil na escola quilombola, localizada em Itapecuru   Mirim /MA.

Pesquisador: Dryelle Patricia Silva e Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 54362716.0.0000.5087

Instituição Proponente: Universidade Federal do Maranhão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.625.948

Apresentação do Projeto:

O corpo fala e transmite através dos seus códigos informações que podem ser necessárias para construção da aprendizagem. No processo de aprendizagem, seja ela formal ou informal, a expressão corporal pode anteceder as palavras e, em alguns momentos, o corpo se utiliza das duas linguagens (a verbal e não-verbal) de maneira contínua. O nosso corpo está em constante fala, através do sorriso, do olhar, dos movimentos das mãos e das pernas, o posicionamento dos pés e entre outros. É importante consideramos que a linguagem não verbal está presente com a mesma função da linguagem verbal, de comunicar; por isso não há maneira melhor de estabelecer uma comunicação. Além disso, existem diversas maneiras de apresentar um discurso ou dialogar com o outro. No processo ensino aprendizagem, a relação professor e aluno é essencial para construção ou não do conhecimento. Dessa maneira, propomos verificar esse processo, questionando: Até que ponto as expressões corporais dos professores, em sua prática, influenciam no processo de aprendizagem das crianças? Desse modo, este trabalho tem como objetivo investigar a gestualidade e expressividade no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil da escola Mamãe Olívia. Pois, consideramos a criança como um ser de expressividade, que apresenta sensações e sentimentos por meio da linguagem corporal. As crianças da educação infantil, mesmo com a oralidade desenvolvida, interagem com seus

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética **CEP:** 65.080-040

UF: MA **Município:** SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

Fax: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO UFMA



Continuação do Parecer: 1.625.948

educadores de maneira expressiva e, na maioria das vezes, interligando os gestos com a sua linguagem verbal. Pretendemos pesquisar, as práticas dos professores de Santa Rosa - MA , porque são pessoas que vivem os costumes, hábitos e ritos da comunidade e por também serem quilombolas (nasceram, foram criadas e vivem em Santa Rosa), o processo de ensinar poderá ser diferenciado por se tratarem de mulheres que valorizam o corpo em suas práticas culturais, assim vivendo intensamente a cultura do seu povo. Sendo assim, observaremos a prática do educador e dialogaremos com os sujeitos do processo, verificando como a gestualidade transparece na sala de aula.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a gestualidade e expressividade no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil na escola Elvira Pires .

Objetivo Secundário:

Aprofundar estudos bibliográficos sobre a temática: a expressão corporal na educação infantil. - Conhecer as concepções dos professores sobre a temática: expressão corporal na educação e sua importância no processo de ensino e aprendizagem. - Observar a gestualidade, a expressividade na prática dos professores da escola Elvira Pires. - Descrever a gestualidade na relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não há riscos graves. Porém, poderá haver desconfortos na hora das observações e entrevistas, sendo que, os participantes serão comunicados de todo o processo para colaborarem da maneira que estiverem dispostos, como realizado em trabalhos anteriores na comunidade.

Benefícios:

A comunidade acadêmica conhecerá a comunidade Santa Rosa, em seu recorte educacional. Poderá ser utilizada como referência em trabalhos posteriores que envolvem a temática, pois é recente essa temática. A comunidade Santa Rosa terão registros e estudos direcionados a educação para apresentar. As instituições educacionais, em especial os professores, poderão fazer uso do trabalho para refletir sobre a sua prática pedagógica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa tem todos os elementos necessários ao bom desenvolvimento da pesquisa.

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética **CEP:** 65.080-040

UF: MA **Município:** SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO UFMA**



Continuação do Parecer: 1.625.948

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram entregues e estão de acordo com a resolução 466/12 do CNS.

Recomendações:

Não existem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram acatadas e corrigidas pela pesquisadora e estão de acordo com a resolução 466/12 do CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_654102.pdf	26/05/2016 17:28:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoDryelle_alterado.pdf	26/05/2016 17:27:08	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoDryelle_alterado.docx	26/05/2016 17:26:36	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito
Outros	RESPOSTA_AO_PARECER_PENDENTE.docx	26/05/2016 17:24:15	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito
Outros	liberarlocaldryelle.docx	08/03/2016 09:18:03	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoDryelle.docx	08/03/2016 09:11:46	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoDryelle.pdf	08/03/2016 09:09:16	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEDryellePatricia.doc	03/02/2016 00:53:12	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoDryelle.docx	03/02/2016 00:45:42	Dryelle Patricia Silva e Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética **CEP:** 65.080-040
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO UFMA



Continuação do Parecer: 1.625.948

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 06 de Julho de 2016

Assinado por:
Richard Diego Leite
(Coordenador)

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética **CEP:** 65.080-040

UF: MA **Município:** SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br